

**ANNA KATYANNE ARRUDA SILVA E SOUZA**

**A PESQUISA CIENTÍFICA (RE) SIGNIFICANDO  
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO  
TÉCNICO EM SAÚDE**

**Orientador: Leonardo das Neves Rocha**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Instituto de Educação**

**Lisboa  
2013**

**ANNA KATYANNE ARRUDA SILVA E SOUZA**

**A PESQUISA CIENTÍFICA (RE) SIGNIFICANDO  
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO  
TÉCNICO EM SAÚDE**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Leonardo das Neves Rocha.

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Instituto de Educação**

**Lisboa**

**2013**

*A natureza atinge a perfeição, mas o homem nunca. Há uma formiga perfeita, uma abelha perfeita, mas o homem é perpetuamente inacabado. É ao mesmo tempo, um animal inacabado e um homem inacabado. Essa falta incurável de acabamento separa-o dos outros seres vivos, pois, na tentativa de acabar-se, o homem se torna um criador. Além disso, a incurável falta de acabamento conserva-o perpetuamente imaturo, perpetuamente capaz de aprender e crescer.*

*(Eric Hoffer, 1982, p. 118)*

## DEDICATÓRIA

Ao meu eterno e querido avô materno, Luiz de Arruda Miranda (*in memoriam*), com quem aprendi as mais valiosas lições de amor, cuidado, carinho, afeto, mansidão, temperança e sabedoria, sem o qual jamais estaria aqui.

À minha avó materna, Maria do Rosário Miranda, que sempre me amou incondicionalmente, acolheu-me e ensinou-me a olhar para o horizonte sempre com a esperança de dias melhores.

Ao meu esposo, Arthur Emanuel Cássio da Silva e Souza, razão do meu viver, dos meus sonhos, meu maior motivador, sem o qual tudo perde o sentido, a quem amo incondicionalmente e através do qual me sinto plena.

Ao meu pai, João Maria Souza da Silva, lição de uma vida de doação, de sabedoria e de perdão, que sempre me apoiou e instigou a acreditar na concretização dos meus sonhos.

À grande família Silva e Souza, pelo incentivo e apoio em todos os meus projetos de vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Senhor, por sua infinita misericórdia e amor, digno de toda honra, glória e adoração, sem o qual jamais teria chegado até aqui.

Ao Professor Doutor Leonardo Rocha, pela dedicação, orientação, sensibilidade, confiança e acolhimento, sem o qual não teria alcançado o resultado desejado.

Aos professores e coordenação do Mestrado em Ciências da Educação, que contribuíram para mais essa conquista e etapa em minha formação acadêmica e profissional.

Ao corpo gestor da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e aos docentes que participaram da pesquisa, engrandecendo e respaldando este estudo.

A todos que colaboraram direta e indiretamente para a realização desse sonho, apoiaram e contribuíram com ideias e sugestões, os nossos sinceros agradecimentos.

## RESUMO

O Ensino Técnico em Saúde é caracterizado por especificidades e peculiaridades, em virtude de sua oferta estar diretamente relacionada com as permanentes mudanças ocorridas nas práticas sociais e políticas e, ainda, com as inovações do mundo do trabalho, cabendo às instituições e aos professores responsáveis por essa modalidade de ensino pensar nas estratégias e instrumentos para promover a sua (re) estruturação. A crescente inserção dos professores que atuam no ensino de nível técnico no desenvolvimento da pesquisa científica pode ser vista como uma contribuição para a esperada (re) significação. Deste modo, o estudo visa analisar a associação entre a pesquisa científica e a (re) significação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde. A pesquisa molda-se como um estudo de caso, com abordagem qualitativa. A unidade selecionada para o estudo foi a Escola de Enfermagem de Natal, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Participaram da pesquisa 14 (catorze) professores do ensino técnico em saúde, selecionados de acordo com critérios pré-estabelecidos. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas e analisados a partir da Análise de Conteúdo. Os resultados desta análise nos mostraram que a participação destes professores na pesquisa científica vem influenciando sua prática pedagógica.

**Palavras-chave:** Ensino Técnico. Pesquisa Científica. (Re) significação. Saúde.

## ABSTRACT

The Technician Teaching Health is characterized by specificities and peculiarities, by virtue of its offer to be directly related to permanent changes in the social and political practices and yet with the innovations in the world of work, with the institutions and teachers responsible for this mode of teaching thinking strategies and tools to promote their (re) structuring. The increasing participation of teachers who work in high -level technical development of scientific research can be seen as a contribution to the expected (re) signification . Thus, the study aims to examine the association between scientific research and (re) signification of teaching practices in technical education in health. Research shapes up as a case study with a qualitative approach. The unit selected for the study was the Nursing School of Natal, linked to the Federal University of Rio Grande do Norte. Participants were (14) fourteen teachers of technical education in health, selected according to predetermined criteria. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed using the content analysis. The results of this analysis showed that the participation of these teachers in scientific research has influenced their practice.

**Keywords:** Technical Education. Scientific Research . (Re) signification. Health.

## LISTA DE ABREVIATURAS

|                   |                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>LDB</b>        | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional                                                                                                                                                                                                     |
| <b>EPT</b>        | Educação Profissional e Tecnológica                                                                                                                                                                                                                |
| <b>PDE</b>        | Plano de Desenvolvimento da Educação                                                                                                                                                                                                               |
| <b>E-Tec</b>      | Ensino Técnico a Distância                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>PPP</b>        | Projeto Político Pedagógico                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>SUS</b>        | Sistema Único de Saúde                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>EP</b>         | Educação Profissional                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>TCLE</b>       | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido                                                                                                                                                                                                         |
| <b>SIGAA</b>      | Sistema Integrado de Gestão Acadêmica                                                                                                                                                                                                              |
| <b>CONDETUF</b>   | Conselho Nacional de Diretores das Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais                                                                                                                                                           |
| <b>PRONATEC</b>   | Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego                                                                                                                                                                                            |
| <b>PIBIC</b>      | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica                                                                                                                                                                                           |
| <b>PIBIC-EM</b>   | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ensino Médio                                                                                                                                                                            |
| <b>PIBIC-Af</b>   | Programa Institucional de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas                                                                                                                                                                               |
| <b>PICME</b>      | Programa de Iniciação Científica e Mestrado                                                                                                                                                                                                        |
| <b>PIBITI</b>     | Programa Institucional Voltado para a Iniciação Tecnológica e de Inovação de Estudantes de Graduação                                                                                                                                               |
| <b>PIC-OBMEP</b>  | Programa de Iniciação Científica Desenvolvido em parceria com o Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada nos Ensinos Fundamental e Médio para concessão de bolsas aos premiados na Olimpíada Brasileira de Matemática nas Escolas Públicas |
| <b>IC-Jr/FAPs</b> | Programa de Iniciação Científica Desenvolvido em Parceria com as Fundações de Apoio à Pesquisa voltado para os Estudantes de Ensino Médio das Escolas Públicas                                                                                     |
| <b>UFRN</b>       | Universidade Federal do Rio Grande do Norte                                                                                                                                                                                                        |
| <b>EEN</b>        | Escola de Enfermagem de Natal                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>PPSUS</b>      | Programa Pesquisa para o SUS: Gestão Compartilhada em Saúde                                                                                                                                                                                        |
| <b>DE</b>         | Dedicação Exclusiva                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>NEI</b>        | Núcleo de Educação da Infância                                                                                                                                                                                                                     |

|                |                                                                                        |
|----------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>CIENTEC</b> | Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte |
| <b>CNPq</b>    | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico                          |
| <b>RN</b>      | Norma específica                                                                       |

## LISTA DE QUADROS

|                   |                                                                      |    |
|-------------------|----------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1 -</b> | Identificação dos sujeitos da pesquisa.....                          | 45 |
| <b>Quadro 2 -</b> | Ensino Técnico em Saúde.....                                         | 55 |
| <b>Quadro 3 -</b> | Práticas Pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde.....                 | 57 |
| <b>Quadro 4 -</b> | Pesquisa científica por entrevistado.....                            | 64 |
| <b>Quadro 5 -</b> | Pesquisa científica por subcategoria.....                            | 78 |
| <b>Quadro 6 -</b> | Pesquisa científica no Ensino Técnico em Saúde por entrevistado..... | 81 |
| <b>Quadro 7 -</b> | Pesquisa científica no Ensino Técnico em Saúde por subcategoria..... | 94 |

## LISTA DE APÊNDICES

|                      |                                                            |       |
|----------------------|------------------------------------------------------------|-------|
| <b>Apêndice I -</b>  | Blocos e Tópicos do Guião da Entrevista.....               | CX    |
| <b>Apêndice II -</b> | Roteiro de Entrevista.....                                 | CXI   |
| <b>Apêndice III-</b> | Orçamento Financeiro.....                                  | CXII  |
| <b>Apêndice IV-</b>  | Termo de consentimento livre e esclarecido.....            | CXIII |
| <b>Apêndice V-</b>   | Termo de autorização para gravação de voz.....             | CXV   |
| <b>Apêndice VI-</b>  | Entrevistas transcritas validadas pelos entrevistados..... | CXVI  |

## LISTA DE ANEXOS

|                    |                                                                                          |        |
|--------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| <b>Anexo I -</b>   | Carta de apresentação.....                                                               | CLXVI  |
| <b>Anexo II -</b>  | Carta de anuência.....                                                                   | CLXVII |
| <b>Anexo III -</b> | Declaração com assinatura.....                                                           | CLXVII |
| <b>Anexo IV -</b>  | Folha de rosto.....                                                                      | CLXIX  |
| <b>Anexo V-</b>    | Aceite do projeto no comitê de ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte..... | CLXX   |

## ÍNDICE

|                                                                                                             |              |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                     | <b>14</b>    |
| <b>OBJETIVO .....</b>                                                                                       | <b>17</b>    |
| <b>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>                                                             | <b>19</b>    |
| 1 Enquadramento teórico.....                                                                                | 20           |
| 1.1 Educação profissional.....                                                                              | 20           |
| 1.1.1 – Fatores e Agentes que Interferem no Alcance dos Objetivos Propostos pela Educação Profissional..... | 23           |
| 1.2 Formação de professores para Educação Profissional e Tecnológica .....                                  | 25           |
| 1.3 A pesquisa enquanto estratégia de reformulação das práticas pedagógicas.....                            | 32           |
| <b>CAPÍTULO II - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA .....</b>                                                | <b>40</b>    |
| 2 Considerações e opções metodológicas.....                                                                 | 41           |
| 2.1 Tipo de estudo .....                                                                                    | 41           |
| 2.2 Os participantes .....                                                                                  | 42           |
| 2.3 Contexto do estudo e caracterização geral da escola.....                                                | 44           |
| 2.4 Instrumentos de recolha de dados.....                                                                   | 46           |
| 2.5 Procedimentos para recolha de dados.....                                                                | 47           |
| 2.6 Análise de dados .....                                                                                  | 47           |
| <b>CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>                                            | <b>49</b>    |
| 3.1 Ensino Técnico em Saúde .....                                                                           | 50           |
| 3.1.1. Experiências.....                                                                                    | 50           |
| 3.1.2. Caracterização e Avaliação .....                                                                     | 52           |
| 3.2 Práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde .....                                                   | 55           |
| 3.2.1 Concepções e Caracterização .....                                                                     | 56           |
| 3.2.2 Reformulação.....                                                                                     | 58           |
| 3.2.3 Fatores Motivadores, Facilitadores e/ou Dificultadores.....                                           | 59           |
| 3.3 Pesquisa científica .....                                                                               | 61           |
| 3.3.1 Concepções.....                                                                                       | 63           |
| 3.3.2 Participação em grupo de pesquisa.....                                                                | 67           |
| 3.3.3 Projetos e/ou Atividades em desenvolvimento.....                                                      | 68           |
| 3.3.4 Motivação .....                                                                                       | 71           |
| 3.3.5 Influência na prática pedagógica .....                                                                | 73           |
| 3.4 Pesquisa Científica no Ensino Técnico em Saúde.....                                                     | 79           |
| 3.4.1 Efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas sobre a prática pedagógica ..... | 81           |
| 3.4.2 Fatores dificultadores .....                                                                          | 83           |
| 3.4.3 Pesquisa científica como estratégia para avanço do Ensino Técnico em Saúde .....                      | 87           |
| 3.4.4 Avaliação da associação entre pesquisa científica e Ensino Técnico em Saúde .....                     | 89           |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                            | <b>96</b>    |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                    | <b>100</b>   |
| <b>APÊNDICES .....</b>                                                                                      | <b>CVIII</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>                                                                                         | <b>CLXIV</b> |

## INTRODUÇÃO

O presente estudo visa a análise da contribuição da pesquisa científica para as práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde, em virtude das novas demandas sociais e políticas provocadas pela expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica no Brasil.

Segundo Machado (2008, p.16),

os professores da Educação Profissional e Tecnológica em saúde enfrentam novos desafios relacionados às mudanças organizacionais que afetam as relações profissionais, aos efeitos das inovações tecnológicas sobre as atividades de trabalho e culturas profissionais, ao novo papel que os sistemas simbólicos desempenham na estruturação do mundo do trabalho, ao aumento das exigências de qualidade na produção e nos serviços, à exigência de maior atenção com a justiça social e às questões éticas e de sustentabilidade ambiental. São novas demandas que geram a construção e reestruturação dos saberes e conhecimentos fundamentais solicitados para análise, reflexão e intervenções críticas e criativas na atividade de trabalho.

A prática pedagógica de muitos docentes da educação profissional de hoje sofre conseqüências do histórico de fragmentação, imprevisto e insuficiência de formação pedagógica e superá-lo implica em reconhecer que a docência é muito mais que mera transmissão de conhecimentos empíricos ou processo de ensino de conteúdos fragmentados e esvaziados teoricamente. As práticas pedagógicas anteriormente praticadas nessa modalidade de ensino eram exclusivamente pautadas por essa lógica, devido às exigências do mundo do trabalho até então predominante se restringirem meramente ao domínio técnico dos conteúdos e ao desempenho de habilidades específicas, cenário atualmente distinto e inconcebível pela sociedade do conhecimento, que traz consigo novos desafios e perspectivas, gerando uma busca incessante por mecanismos, instrumentos e estratégias facilitadoras desse processo em construção (MACHADO, 2008, p. 16).

Para Ramos (2007, p. 2), a problemática da educação profissional como política que articula trabalho e educação tem sido intensamente estudada e debatida nacional e internacionalmente, especialmente a partir das mudanças societárias processadas mundialmente desde a década de 70. Tais mudanças advêm da crise do modelo econômico-político representado pela combinação do taylorismo-fordismo com o keynesianismo, associada, ainda, com a crise do chamado socialismo real.

Nessa lógica de organização, as pessoas não precisavam pensar para realizar seu trabalho, pois ele era mecânico, era só repetir procedimentos. A educação dada aos

trabalhadores ocorria na mesma proporção: era mínima, considerando que não era necessária aos que apenas executavam pequenas tarefas (ADAMI, et al., 2006). O ponto de partida e de chegada para Ford é o produto e seu processo de fabricação. Em Taylor é a desconsideração total por aquilo que o trabalhador traga de si para o processo produtivo, pois são selecionados apenas aqueles que tenham ideais de classe semelhantes aos seus e elevados à condição de capatazes e gerentes (DEWEY, 1959).

Desenvolvem-se novas relações entre trabalho, ciência e cultura, a partir das quais se constitui historicamente um novo princípio educativo e um novo projeto pedagógico por meio do qual a sociedade pretende formar os intelectuais/trabalhadores, os cidadãos/produtores para atender às novas demandas postas pela globalização da economia e pela reestruturação produtiva. O velho princípio educativo decorrente da base técnica da produção taylorista/fordista vai sendo substituído por outro projeto pedagógico, determinado pelas mudanças ocorridas no trabalho, o qual, embora ainda hegemônico, começa a apresentar-se como dominante (KUENZER, 1985, p.85).

No plano cultural, discute-se a instauração da chamada pós-modernidade, em que valores e conquistas consolidados durante a modernidade entram também em crise, sendo substituídos por outros, enfraquecidos ou mesmo aniquilados (RAMOS, 2007).

Nesse contexto, a educação profissional em saúde, como mediação específica no processo contraditório de formação humana e da força de trabalho para a produção em geral, tem sofrido algumas mudanças. As práticas pedagógicas dos professores dessa modalidade de ensino, precisam se adequar diante das mudanças nas relações sociais, as complexas tecnologias e os nichos de trabalho qualificado, tais fatores demandam das instituições que ofertam essa modalidade de ensino a necessidade de (re) significação.

Sendo assim, para

formar a força de trabalho requerida pela dinâmica tecnológica que se dissemina mundialmente, é preciso outro perfil de docente, que seja capaz de desenvolver pedagogias de trabalho de forma independente e criativa, construir a autonomia progressiva dos alunos e participar de projetos interdisciplinares. Nesse contexto a pesquisa científica emerge como um princípio educativo e científico com potencial a ser explorado para o saber docente e, conseqüentemente, para a (re) significação das práticas pedagógicas dessa modalidade de ensino (MACHADO, 2008, p. 16).

Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p. 216) definem que o saber docente é constituído dos saberes oriundos de diferentes fontes, denominados de os “saberes das disciplinas, os saberes

curriculares, os saberes profissionais (compreendendo as ciências da educação e a pedagogia) e os saberes da experiência”.

Shigunov Neto e Maciel (2009, p. 14) acrescentam como parte fundamental a esses saberes a pesquisa, pois a considera relevante para a prática pedagógica de qualidade, já que proporciona

condições de interferir, modificar e melhorar sua prática pedagógica; possibilita a construção do conhecimento; a reflexão sobre os problemas do cotidiano da sala de aula; a interação com os alunos na busca do aprendizado e uma verdadeira preocupação com a aprendizagem dos alunos.

Ainda sob a relevância da pesquisa Demo (1998) propõe que

a pesquisa na educação possui pelo menos quatro pressupostos cruciais: a convicção de que a educação pela pesquisa é a especificidade mais própria da educação escolar e acadêmica; o reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa; a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno; e a definição de educação como processo de formação da competência histórica humana (p.5).

Machado (2008) em concordância com o autor anteriormente citado estabelece uma relação entre a importância da pesquisa e o professor da educação profissional.

na educação profissional o docente é essencialmente um sujeito da reflexão e da pesquisa aberto ao trabalho coletivo e à ação crítica e cooperativa, comprometido com sua atualização permanente na área de formação específica e pedagógica, que tem plena compreensão do mundo do trabalho e das redes de relações que envolvem as modalidades, níveis e instâncias educacionais, conhecimento da sua profissão, de suas técnicas, bases tecnológicas e valores do trabalho, bem como dos limites e possibilidades do trabalho docente que realiza e precisa realizar (p.18).

Shigunov Neto e Maciel (2009, p. 5-6) reiteram que a pesquisa tida como

instrumento de reflexão e crítica apresenta uma estreita relação com a prática pedagógica dos professores, com isso o professor por intermédio da pesquisa consegue ter uma atitude reflexiva e crítica sobre sua própria prática pedagógica. Reflexão esta que ocorre em três momentos distintos, antes, durante e após, mas com um único e exclusivo objetivo, a busca de uma prática pedagógica de qualidade. Assim, pode-se afirmar que a pesquisa é tida como um instrumento fundamental para uma prática reflexiva.

É em torno desta problemática que se situa o âmago do nosso estudo. Para além das razões mencionadas subsistem razões de natureza pessoal e profissional. Estas são justificadas

por atuarmos profissionalmente em uma Instituição em contínua expansão, cujo propósito é desenvolver a educação profissional junto à comunidade e aos trabalhadores de nível médio, através da sua profissionalização e requalificação e por participarmos do planejamento e execução de estudos em nível de pesquisa e extensão, realizados em parceria com os professores e equipe técnico – administrativa atuantes no campo empírico.

Assim, pareceu-nos pertinente desenvolver um trabalho de investigação sobre esta temática, tendo como base o referencial teórico acima, uma vez que a relevância do presente estudo está em evidenciar a contribuição da pesquisa para o processo de (re) significação das práticas pedagógicas dos professores no ensino técnico em saúde, visando a demanda social, política e histórica de reorganização das instituições promotoras dessa modalidade educativa, o gargalo em relação à qualidade devido à expansão quantitativa da oferta dessa modalidade no país e a heterogeneidade dos discentes. Contribuirá ainda com as discussões acerca do papel da pesquisa enquanto agente fomentador da superação dos paradigmas e limitações da educação profissionalizante.

Pareceu-nos pertinente questionar:

- Qual a associação entre a pesquisa científica e a (re) significação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?
- Quais as motivações e dificuldades enfrentadas pelos professores do ensino técnico no desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista as particularidades dessa modalidade de ensino?

## **OBJETIVO**

Para dar resposta às questões colocadas definimos como objetivo geral:

- Analisar a associação entre a pesquisa científica e a (re) significação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde.

Como objetivos específicos definimos os seguintes:

- Verificar a contribuição da pesquisa enquanto estratégia para a reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde.
- Identificar as motivações dos professores para o desenvolvimento da pesquisa, bem como as dificuldades enfrentadas durante o desafio de aproximação entre a teoria e a prática.

- Compreender como se processam as mudanças das práticas pedagógicas, em virtude da valorização da realização de pesquisas nessa modalidade de ensino, antes voltada apenas para a transmissão de conhecimentos e habilidades técnicas.

Deste modo, considerando os objetivos do estudo e de acordo com a problemática equacionada, pareceu-nos adequado suportarmo-nos numa abordagem de natureza qualitativa, por facilitar o acesso a referências cognitivas e de significados manifestados pelos sujeitos do estudo, captar em profundidade, detalhe e especificidade os fenômenos que se pretendem estudar. A utilização do estudo de caso surge como estratégia mais adequada que, segundo Yin (1994), é aconselhável para estudar a complexidade de um fenômeno organizacional, quando o investigador julga que o contexto é decisivo para a compreensão dos fenômenos.

## **CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## 1 Enquadramento teórico

*O saber de hoje não é necessariamente o de ontem nem tampouco o de amanhã. O saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo.*  
(Paulo Freire, 2012, p. 29).

Neste capítulo procedemos à pesquisa bibliográfica em torno dos conceitos centrais, com o intuito de proceder a clarificações conceptuais que nos ajudaram a construir o objeto de estudo.

### 1.1 Educação profissional

As mudanças que tem ocorrido no mundo produziram transformações na prática social e no trabalho, o que gera a necessidade de reformas na educação e grandes inquietações nos meios ligados ao setor educacional, provocando reformas que buscam sua adequação às novas exigências (BERGER FILHO, 1999, p. 2-20). O mesmo autor ratifica que

os sistemas educacionais estão obsoletos quer na sua concepção, quer nas possibilidades de trajetos que oferecem ou ainda no estágio tecnológico em que se encontram, embora que haja exceções. A estrutura educacional e o modelo de oferta têm que ser construídos de forma bastante flexível para atender a diferentes situações no tempo e no espaço, considerando tanto as rápidas mudanças tecnológicas e as necessidades da vida cidadã como as tendências regionais e do mercado internacional (BERGER FILHO, 1999, p.87).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, devendo vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva, sendo acessível tanto ao aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior quanto ao trabalhador em geral, jovem ou adulto.

De acordo com a LDB 9.394/96, a educação profissional deve ser desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho e, sendo assim, o conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação,

reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos. As escolas técnicas e profissionais, além dos seus cursos regulares, podem oferecer cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade. Sendo assim,

a educação profissional tem como objetivos não só a formação de técnicos de nível médio, mas a qualificação, a requalificação, a (re) profissionalização para trabalhadores com qualquer escolaridade, a atualização tecnológica permanente e a habilitação nos níveis médio e superior (BERGER FILHO, 1999, p.88).

Tendo a sua atuação ampliada para além da escolaridade formal e seu *locus* para além da escola, a oferta da Educação Profissional e Tecnológica, para além das iniciativas diretas do Governo Federal, passa por um momento de elevação da sua oferta também se considerarmos outras iniciativas no âmbito público estadual e municipal e no âmbito privado e comunitário. No Plano de Desenvolvimento da Educação, dentre os destaques à Educação Profissional e Tecnológica, três ações, de forma direta, objetivam o aumento da oferta gratuita de cursos no âmbito dessa modalidade: a Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, o Programa Brasil Profissionalizado e o Sistema Escola Técnica Aberta do Brasil - E-Tec Brasil. (PACHECO, 2009).

Berger Filho (1999, p.95) ressalta que as bases das diretrizes curriculares nacionais são assentadas nos segmentos que compõem as atividades produtivas no mundo do trabalho: a produção de bens, produção de conhecimentos e produção de serviços. Como cada um possui um processo próprio tem processos próprios, ou seja, demandam funções específicas, que realizam operações segundo determinadas normas, métodos e técnicas.

As grandes áreas profissionais são constituídas sobre as semelhanças presentes nos diferentes processos produtivos. Dessa forma, a análise do processo produtivo de cada área profissional embasa a definição de competências e habilidades e das bases tecnológicas requeridas para a formação de um profissional (BERGER FILHO, 1999, p. 96).

Berger Filho (1999) entende que

a descrição das etapas deste processo, das funções e sub-funções a serem desempenhadas pelos trabalhadores, deve ser objeto de investigação por técnicos em elaboração curricular, articulados com profissionais do setor ou área de produção. O desenho deste quadro permitirá, então, que se estabeleçam as competências, ou seja, as operações mentais - sócio -

afetivas, psicomotoras ou cognitivas— que precisam ser desenvolvidas pelos estudantes, numa ótica para a qual saber fazer não é resultado de uma instrução mecanicista, mas de uma construção mental que pode incorporar novos saberes, viabilizando uma requalificação e uma reprofissionalização em função das mudanças econômicas e tecnológicas (p. 96).

Para atender às expectativas do mercado atual e às exigências da sociedade cada vez mais informada, crítica e consciente de seus direitos em relação à qualidade de serviços prestados pelos profissionais da área da saúde, tem-se observado um aumento significativo da demanda por cursos de profissionalização nessa área, em especial no campo da enfermagem. Nesse sentido, as escolas de profissionalização que oferecem cursos na área da saúde tem procurado fortalecer e desenvolver seu Projeto Político Pedagógico, traçando metas plenas de desafios e oportunidades, direcionadas para sua participação na formação de pessoal de diversas áreas, tendo em vista o comprometimento com a consolidação do SUS.

A possibilidade de integrar formação profissional com formação humanista – nova demanda dessa modalidade de ensino - através da arte e da cultura em suas multifacetadas expressões parte da concepção que temos a respeito da educação profissional e tecnológica: a formação cidadã, voltada para a transformação do indivíduo e da sociedade, embalada pela convicção de que um outro mundo é possível e necessário. A EPT em nosso país assume um lugar de destaque e afirma o trabalho enquanto um princípio educativo insubstituível. Não há processo civilizatório sem a dimensão ontológica do trabalho, algo que deve ser permanentemente reafirmado em um país marcado pela tradição bacharelesca, onde sobrevive um enorme preconceito com tudo aquilo que se refere ao mundo do trabalho (PACHECO, 2009).

Rodrigues (2009) defende que a educação não é apenas a expressão mais vasta da organização cultural e social que se ajusta a fins sociais particulares. Ela é também o lugar onde se mostram e se omitem elementos da realidade. Considerando que os princípios norteadores da educação profissional devem ser a flexibilidade e a laborabilidade urge a necessidade de se romper com os paradigmas tradicionais para que se alcancem os objetivos propostos para a educação profissional e para que o conhecimento não apenas seja considerado o principal fator de produção, mas um fator crucial para a inserção do indivíduo numa dinâmica social que se reestrutura continuamente. A perspectiva da educação deve ser, pois, desenvolver os meios para uma aprendizagem permanente, que permita uma formação continuada, tendo em vista a construção da cidadania.

Aprendizagens essenciais para os profissionais do século XXI, tais como o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser conferem à educação profissional significativa responsabilidade no âmbito da construção da cidadania e na busca por inserção social, uma vez que são competências gradualmente construídas e maturadas durante o processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, cabe às instituições e aos formadores dessa modalidade de educação serem e ofertarem o diferencial na formação desse sujeito que será parte integrante de um contexto marcado pelo progresso científico e tecnológico, por um modelo de produção vinculado a intensa aplicação de ciência e tecnologia e a exigência de trabalho qualificado, extremamente dinâmico, que exige a aplicação da teoria na prática e contínuas adequações e superações.

A necessidade de (re) significação da prática pedagógica da educação profissional embasa-se pelo ideal de que consiste em uma formação que se dá no decorrer da vida humana, por meio das experiências e conhecimentos, ao longo das relações sociais e produtivas. A educação para o trabalho nessa perspectiva se entende como potencializadora do ser humano, enquanto integralidade, no desenvolvimento de sua capacidade de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa com a realidade, na perspectiva de sua emancipação. Na extensão desse preceito, trata-se de uma educação voltada para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e equilibrada social e ambientalmente. As políticas públicas e inclusivas para a educação, em especial, para a educação profissional e tecnológica, representam a intensificação da luta pela construção de um país que busca sua soberania, e a decisão de ultrapassar a condição de mero consumidor para a de produtor de ciência e tecnologia (BRASIL, 2010).

### **1.1.1 – Fatores e Agentes que Interferem no Alcance dos Objetivos Propostos pela Educação Profissional**

A Educação Profissional destaca-se como um fator estratégico de competitividade e desenvolvimento humano na nova ordem econômica mundial. Os desafios estão relacionados aos avanços tecnológicos e às novas expectativas das organizações que, agora, enfrentam mercados globalizados, extremamente competitivos. Com isso, surgem também novas exigências em relação ao desempenho dos profissionais. Dessa forma, a educação não poderia ficar alheia a essas transformações, passando a oferecer cursos que favoreçam a perspectiva

de melhoria na qualidade de vida e facilitem o acesso de jovens e adultos ao mercado de trabalho (FUNDAÇÃO BRADESCO, 2010).

A educação profissional exige muito mais do que informações recebidas, passando antecipadamente pela formação dos nossos objetivos junto com o entendimento das possibilidades dos caminhos, para que possamos fazer a gestão entre o que precisamos e o tempo disponível para que a evolução tenha significado prático.

Qualquer que seja a proposta dentro dessa perspectiva, sem dúvidas, existem fatores facilitadores para um trabalho educativo de qualidade, que deve estar acessível a todos, tais como espaços constituídos, no tocante às instalações físicas dos ambientes de aprendizagem por salas de aulas convencionais, laboratórios, biblioteca, salas especializadas com equipamentos tecnológicos adequados, as tecnologias da informação e da comunicação e outros recursos tecnológicos; docentes com formação inicial e continuada para o conteúdo específico da Educação Profissional (COLOMBO, 1999).

Caracterizam-se como fatores que dificultam o alcance dos objetivos propostos pela educação profissional: o descompasso da idade regular de sala de aula e a heterogeneidade dos discentes, a formação estritamente tecnicista, destituída de natureza formativa, a carência de políticas públicas incisivas e contínuas no sentido de qualificação docente para a Educação Profissional e Tecnológica, a fragmentação do ensino, o caráter predominantemente conservador, ora distante das necessidades atuais ou até mesmo apenas em atendimento a exigências que, muitas vezes, escapam ao domínio dos interesses da sociedade como um todo, a desarticulação entre teoria e prática, o científico e o tecnológico, com conhecimentos que possibilitem ao aluno atuar no mundo em constante mudança, buscando a autonomia e desenvolvendo o espírito crítico e investigativo, ou seja, é imprescindível que o currículo, mesmo diante de aspectos que justifiquem especificidades de qualquer natureza estejam estruturados com base na garantia de conteúdos que configurem e integrem a dimensão científica e tecnológica, a dimensão cultural e a dimensão do trabalho (PACHECO, 2009).

Dessa forma, os fatores acima expostos e a problemática no ensino de base e na educação geral atuam como obstáculos para que a EP seja um ponto de articulação entre a escola e o mundo do trabalho e para o desenvolvimento de qualquer competência requerida no exercício profissional, seja ela psicomotora, sócio-afetiva ou cognitiva, uma vez que são refinamentos das competências básicas. Dentro dessa concepção de educação, as competências e habilidades requeridas são as mesmas para atingir os objetivos primordiais,

sejam elas o desenvolvimento pessoal e da cidadania, a preparação básica para o mundo da produção e o domínio dos instrumentos para continuar aprendendo (BERGER FILHO, 1999).

Nesse cenário, o que se propõe é uma formação contextualizada, banhada de conhecimentos, princípios e valores que potencializam a ação humana na busca de caminhos mais dignos de vida, através de uma orientação pedagógica que deve recusar o conhecimento exclusivamente enciclopédico, assentando-se no pensamento analítico, buscando uma formação profissional mais abrangente e flexível, com menos ênfase na formação para ofícios e mais na compreensão do mundo do trabalho e em uma participação qualitativamente superior neste. Um profissionalizar-se mais amplo, que abra infinitas possibilidades de reinventar-se no mundo e para o mundo, princípios estes válidos inclusive para as engenharias e licenciaturas (PACHECO, 2009)

É necessário reafirmar que a formação humana, cidadã, precede à qualificação para a laboralidade e pauta-se no compromisso de assegurar aos profissionais formados a capacidade de manter-se em desenvolvimento. Assim, a concepção de educação profissional e tecnológica que deve orientar as ações de ensino, pesquisa e extensão precisa basear-se na integração entre ciência, tecnologia e cultura como dimensões indissociáveis da vida humana e, ao mesmo tempo, no desenvolvimento da capacidade de investigação científica, essencial à construção da autonomia intelectual.

## **1.2 Formação de professores para Educação Profissional e Tecnológica**

PIMENTA (1996, p. 75) relaciona o surgimento das profissões a contextos e momentos históricos e, mais diretamente, às necessidades da sociedade, o que lhes confere um caráter legal. Além disso, discorre sobre o processo constante de surgimento, desaparecimento e transformações que ocorrem com as profissões, especialmente com a docência, em virtude de novas demandas sociais, as quais às vezes contribuem para sua burocratização e formalização.

Nesse sentido, a formação de professores vem sofrendo mudanças em todos os níveis de ensino e, especialmente, na Educação Profissional e Técnica na área da saúde tem se notado que os objetivos da formação não se restringem mais à transmissão de habilidades técnicas e competências nas formas taylorista/fordista, uma vez que os professores estão buscando gradativamente associar teoria e prática, com maior frequência e dinamismo, além

de integrarem as unidades curriculares e conteúdos à vivência do serviço e do mercado de trabalho, tendo em vista a formação integral dos estudantes.

Ristoff, Moll e Freitas (2008, p. 12), apontam que a expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica ocorre sob os “pressupostos de indissociabilidade entre formação geral e profissional e de indissociabilidade entre a universalização da educação básica e a educação profissional e tecnológica”, e de “princípios como o da inclusão social emancipatória”, na qual não deve haver exclusão de alunos por raça, cor, etnia ou condições sócio-econômicas, o que implica na discussão sobre a formação qualificada de professores para atuarem nessa área, os quais sejam capazes de colocar em “diálogo conhecimentos humanísticos e tecnológicos e superarem em suas práticas pedagógicas o paradigma taylorista/fordista de organização e gestão do trabalho no ambiente educacional”.

Dessa forma, Kuenzer (2008, p.27-28) evoca que

“a mudança de concepção nos modos de organização e gestão do trabalho de tayloristas-fordistas para um modelo de acumulação flexível resulta não só em mudança de especificidade da Educação Profissional, mas na compreensão das competências, outrora baseadas fundamentalmente em conhecimento tácito advindo da experiência, e de natureza psicofísica, em face das novas tecnologias passa a significar capacidade de trabalhar intelectualmente, de modo a enfrentar os problemas da prática laboral e social, o que demanda conhecimento teórico”.

Além disso, se antes o professor de Educação Profissional era chamado de instrutor e não possuía necessariamente formação técnica e científica, já que nessa época só era exigido que os professores complementassem a sua formação pedagógica com cursos e/ou programas de curta duração devido à falta de relevância do trabalho intelectual e predomínio do saber vindo da experiência; atualmente, com a valorização das competências cognitivas passa a ser exigido com maior frequência que o professor possua qualificação específica em mestrado e em doutorado, ou pelo menos graduação, tendo em vista o desenvolvimento da pesquisa e fomento em seu aluno não apenas o saber fazer, mas compreenda a natureza do trabalho e desenvolva atividades em sua prática pedagógica que “estimulem o domínio do raciocínio lógico-formal, da capacidade de trabalhar com as idéias, das competências comunicativas, do domínio das linguagens, a partir da capacidade de análise, de síntese, de criação” (p. 28-31).

Sendo assim, ainda conforme a autora anterior esta nova concepção de competência

“exige a formação de um professor de novo tipo, capaz de criar situações de aprendizagem nas quais o jovem desenvolva a capacidade de trabalhar intelectualmente, a partir do que se capacita para enfrentar as situações da prática social e do trabalho” (p. 31).

No que tange a precariedade dos percursos pedagógicos, a qual contribui para a inclusão excludente na educação, a mesma autora afirma que a função dos profissionais da educação profissional é

“melhorar as condições dessa inclusão, em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, preparando-se para atender às demandas dos diferentes pontos da cadeia produtiva, dos mais dinâmicos aos mais precarizados, de fato há de formar um professor de novo tipo que domine esses processos” (p.31).

O que a faz reportar-se para a necessidade de um

“professor que não se subordine à lógica da inclusão excludente, mas a enfrente de forma politicamente correta e tecnicamente consistente, ampliando as possibilidades de democratização do acesso à formação de qualidade, para além das restrições apresentadas pelo mercado” (p.31).

Para tanto, considera três dimensões na formação do professor para a Educação Profissional e Técnica – *conhecimento do mundo do trabalho sem ingenuidade*, a partir da apreensão do caráter de totalidade das relações sociais e produtivas; *clareza a respeito do alcance de cada nível da EP, da básica a científico-tecnológica de alto nível*; e *existência de conhecimentos, elaborados através de pesquisas realizadas nas últimas décadas que permitem configurar uma pedagogia do trabalho adequado ao caso brasileiro* (p.31-32).

É fato que nem todas as instituições que atuam na EPT exigem a formação específica e comprovada dos professores ou asseguram condições adequadas de trabalho, preocupação esta exposta por Kuenger (2008, p. 31), a qual relaciona esta precariedade à natureza deste tipo de trabalho e à quantidade e à diversidade dos campos, áreas e formas de atuação, resultantes da inclusão excludente anteriormente discutida e da desigualdade e diferenciação das estratégias de educação profissional e dos processos de formação de professores para a EP.

Diante do que foi exposto, é possível destacar a importância da formação inicial e continuada dos professores que trabalham na Educação Profissional e Técnica, uma vez que esta área de ensino encontra-se intimamente relacionada às mudanças que constantemente

ocorrem no mundo do trabalho, nos processos produtivos e nas relações sociais e profissionais. Segundo Abreu (2008, p. 2),

“o cotidiano de sala de aula, e a troca com seus pares contribuirão para a construção da prática pedagógica dos professores do ensino técnico-profissional. Porém, não se pode negar que o seu perfil se caracteriza, essencialmente, através dos saberes e experiências acumuladas do mundo do trabalho”.

Depreende-se do extrato acima que um dos diferenciais dos professores da EPT consiste na experiência que possuem por atuarem ou já terem atuado no mercado profissional. Esta vivência quando levada para sala de aula, não só contribui para o dinamismo de sua prática pedagógica, como favorece a aproximação pelo aluno entre teoria e prática e a apropriação do conhecimento, de modo dinâmico e integrado à realidade social e profissional.

Pimenta (1996, p. 75-84) retrata que a “experiência, o conhecimento e os saberes pedagógicos constituem os saberes da docência”. Sendo assim, o professor cria imagens de diferentes professores, quando ainda é aluno ou a partir de sua interação com outros profissionais, além de “construir saberes pela ação e reflexão sobre sua própria prática”. Portanto, defende que a “prática social é tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada para uma ressignificação dos saberes da docência”, e afirma que

métodos de ensino, técnicas e organização curricular são a base estrutural dos saberes pedagógicos, cuja renovação e atualização ocorre por meio da prática social, a partir da interação entre professores e alunos.

Os principais sujeitos do processo ensino-aprendizagem – professores e alunos - são sujeitos sociais, inseridos em realidades que não só influenciam suas atividades, mas a forma como aprendem e ensinam, agem e interagem com o mundo e as pessoas ao seu entorno. Pensando nisso, cabe-nos salientar a necessidade do professor refletir cotidianamente sobre sua prática, de modo a analisar se a metodologia aplicada, os conteúdos trabalhados, a forma de avaliação dos alunos e sua interação com eles atendem ao alcance dos objetivos propostos.

Nesse sentido, a construção, reconstrução e reflexão sobre sua prática pedagógica são recursos indispensáveis ao professor que se propõe ser reflexivo, pesquisador e agente ativo de um processo educativo imerso em uma prática social.

Abreu (2008, p. 3-4) endossa que

“a complexidade e o estreitamento da relação trabalho-educação é favorecido no Ensino Técnico, em virtude de, geralmente, os professores desenvolverem paralelamente atividades de ensino e atuarem profissionalmente em sua formação técnica ou superior, o que lhes permite incorporar na ação pedagógica saberes técnico-profissionais inseridos nas atividades de trabalho, modificando o contexto de sua ação e possuindo maior motivação para qualificar-se profissionalmente”.

É um fato que por um lado favorece o ensino-aprendizagem, porém por outro induz ao risco de, privilegiando apenas a prática profissional, o ensino carecer de didática e, assim, ter a sua qualidade, eficácia e eficiência comprometidas.

Tardif (2002, p. 119) sublinha que “não existe processo ensino-aprendizagem sem pedagogia, embora se manifeste com frequência uma pedagogia sem reflexão pedagógica”, dessa forma faz-se necessário articular os saberes técnico-profissionais à qualificação didático-pedagógica e à formação inicial e continuada dos professores atuantes no Ensino Técnico, de modo que possamos associar teoria e prática e transformar uma prática pedagógica apática e meramente transmissora de competências e conhecimentos em uma ação reflexiva, crítica e comprometida socialmente com a formação técnica, acadêmica e humana dos estudantes inseridos na Educação Profissional.

Moura (2007, p. 33) esboça preocupação em relação a dois aspectos no que se refere ao quadro de professores da Educação Profissional e Técnica: a *formação inicial*, uma vez que os “professores das disciplinas específicas são formados, em geral, em bacharelados, não possuindo a formação desejada para o exercício da docência” e a *formação continuada*, a qual deve ocorrer a partir da “atuação em conjunto do MEC, por meio da Rede Federal e universidades federais, e os estados, por meio das universidades estaduais”, com o objetivo de consolidar a política de educação profissional técnica integrada ao ensino médio. Destaca ainda que “as licenciaturas brasileiras, em geral, não contemplam em seus currículos estudos sobre as relações entre trabalho e educação ou, mais especificamente, sobre a educação profissional e suas relações com a educação básica”, o que torna a formação de professores para o Ensino Técnico um desafio a ser superado, sobretudo na área da saúde, comumente apoiada no saber fazer e na fragmentação.

Freire (1996) defende uma atitude docente “orientada pela e para a responsabilidade social” no âmbito do processo educativo crítico-reflexivo, assim cabe ao professor deixar de

ser um “transmissor de conteúdos acríticos e definidos por especialistas externos, para assumir uma atitude de problematizador e mediador no processo ensino-aprendizagem”, preservando nesse interim a autoridade e responsabilidade com a competência técnica dentro de sua área do conhecimento, pois

“ensinar exige rigorosidade metódica, **pesquisa**, respeito aos saberes dos educandos, **críticidade**, estética e ética, corporeificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição à discriminação, **reflexão crítica sobre a prática**, reconhecimento e assunção da identidade cultural, consciência do inacabado, reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, **curiosidade**, segurança, **competência profissional** e generosidade, **comprometimento**, tomada consciente de decisões, disponibilidade para o diálogo, querer bem aos educandos e compreender que a educação é uma forma de interagir no mundo” (p. 3). (**grifos nossos**)

Dentre as exigências necessárias ao ensino, o autor não só citou a *pesquisa*, mas características importantes para quem a desenvolve como “*críticidade*”, “*reflexão crítica sobre a prática*”, “*curiosidade*”, “*competência profissional*” e “*comprometimento*”, o que permite-nos afirmar que ensino e pesquisa precisam caminhar integrados e conectados, como um exercício prático e cotidiano nas atividades docentes e discentes.

A formação de profissionais para a educação profissional e tecnológica deve ir além da “aquisição de técnicas didáticas de transmissão de conteúdos para os professores e de técnicas de gestão para os dirigentes”. Dessa forma, deve como salienta Moura (2007, p. 34)

englobar a técnica, mas ir além dela, incorporando aspectos que possam contribuir para uma perspectiva de superação do modelo de desenvolvimento socioeconômico vigente e, dessa forma, privilegie mais o ser humano trabalhador e suas relações com o meio ambiente do que, simplesmente, o mercado de trabalho e o fortalecimento da economia.

Ainda para Moura (2007, p. 34-35),

é necessário fazer esforços em três dimensões distintas e igualmente importantes: a formação daqueles profissionais que já estão em exercício, os que estão em processo de formação e os que ainda vão iniciar formação como futuros profissionais da educação profissional e tecnológica.

Santos (2004) e Moura (2004; 2007b) atribuem três eixos fundamentais a essa formação, os quais devem não só interagir entre si, mas dialogar com a sociedade e o mundo

do trabalho – “*conhecimentos específicos de uma área profissional; formação didático-político-pedagógica; e integração entre a EPT e a educação básica*”.

Para esses autores, tais eixos devem ainda contemplar

“as relações entre estado, sociedade, ciência, tecnologia, trabalho, cultura, formação humana e educação; as políticas públicas e, sobretudo, educacionais de uma forma geral e da educação profissional e tecnológica em particular; o papel dos profissionais da educação, em geral, e da educação profissional e tecnológica, em particular; a concepção da unidade ensino-pesquisa; a concepção de docência que se sustente numa base humanista; a profissionalização do docente da educação profissional e tecnológica: formação inicial e continuada, carreira, remuneração e condições de trabalho; o desenvolvimento local e a inovação” (p. 35).

Para além das questões que envolvem os fatores inerentes à ação pedagógica, contribuindo ou dificultando o seu sucesso, é necessário também refletir sobre o embasamento legal que ampara a formação dos professores. Nesse contexto, o Art. 61º da LDB/96 regulamenta a formação dos profissionais da educação de forma ampla para todos os níveis e modalidades de ensino e não de modo específico para a Educação Profissional e Tecnológica. Nele fica claro que a formação deve estar fundamentada na “associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço e no aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades”.

O decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997, regulamenta a LDB/96 e dispõe no Art. 9º sobre a seleção dos professores, instrutores e monitores para atuarem no ensino técnico, a qual se dará através de sua “experiência profissional”, sendo preparados para o magistério, previamente ou em serviço, “através de cursos regulares de licenciatura ou de programas especiais de formação pedagógica, disciplinados em ato do Ministro de Estado da Educação e do Desporto, após consulta ao Conselho Nacional da Educação”.

Posteriormente, este artigo foi revogado pelo decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, o qual integrou o Ensino Médio e Profissional, observando os objetivos contidos nas “diretrizes curriculares nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação, as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino e as exigências de cada instituição de ensino, disponíveis em seu projeto pedagógico”.

Fica clara a preocupação do governo brasileiro em normatizar os aspectos inerentes a cada nível e modalidade de ensino da Educação no país, dessa forma a educação profissional, bem como a formação de docentes para atuarem nessa área passa por um processo contínuo

de construções e desconstruções pautadas em leis, resoluções, pareceres e decretos, mas principalmente motivadas pelo cotidiano do ambiente educacional e da relação discente-docente. Como destaca Fernandes (2001),

“a oferta da formação de professores, para as disciplinas de educação científica e tecnológica, compreende significativo aumento da oferta de professores habilitados para essas disciplinas e a consequente melhoria na formação profissional, decorrente da elevação do nível de formação dos profissionais que nela atuam.”

Nesse sentido, faz-se necessário o contínuo investimento na formação didática, pedagógica, técnica e não podemos esquecer da dimensão humana dos professores que atuam na Educação Profissional de nível técnico, a fim de superarmos a permanente dicotomia presente na relação educação-trabalho e, assim, garantir um ensino técnico que promova a educação integral e a formação de um educando preparado não apenas para atender às exigências do mercado de trabalho, mas para promover mudanças e melhorias nas relações sociais e profissionais.

Para Pereira (1999), além disso, é fundamental investir na formação de um professor que tenha vivenciado uma experiência de trabalho coletivo e não individual, que se tenha formado na perspectiva de ser reflexivo em sua prática, e que, finalmente, se oriente pelas demandas de sua escola e de seus alunos, e não pelas demandas de programas predeterminados e desconectados da realidade escolar. É fundamental criar, nos cursos de licenciatura, uma cultura de responsabilidade colaborativa quanto à qualidade da formação docente.

### **1.3 A pesquisa enquanto estratégia de reformulação das práticas pedagógicas**

No Brasil, assim como no exterior, o movimento que valoriza a pesquisa na formação do professor é bastante recente e caminhou em múltiplas direções: Demo (1994) defende a pesquisa como princípio científico e educativo; Lüdke (1993) argumenta em favor da combinação de pesquisa e prática no trabalho e na formação de professores; André (1994) discute o papel didático que pode ter a pesquisa na articulação entre saber e prática docente; Geraldi, Fiorentini e Pereira (1998) enfatizam a importância da pesquisa como instrumento de reflexão coletiva sobre a prática; Passos (1997) e Garrido (2000) mostram evidências,

resultantes de seus trabalhos, sobre as possibilidades de trabalho conjunto da universidade com as escolas públicas, por meio da pesquisa colaborativa (ANDRÉ, 2001, p. 56).

A valorização da articulação entre teoria e prática, impulsionando a reflexão crítica docente e, por consequência, ocasionando a melhoria de sua prática vem sendo amplamente discutida e divulgada nos meios acadêmicos, no entanto, é indispensável refletir sobre as condições e recursos de que o professor dispõe para realizar pesquisas, bem como nos fatores que dificultam e favorecem o seu engajamento e nas finalidades das atividades de pesquisa.

Nesse sentido, a autora acima pondera sobre as exigências, complexidades e diferentes implicações marcadamente relacionadas às atividades de ensino e de pesquisa, a partir da citação de autores que refletem sobre as limitações das pesquisas enquanto respostas às dificuldades das práticas docentes.

A tarefa do professor no dia a dia da sala de aula é extremamente complexa, exigindo decisões imediatas e ações, muitas vezes, imprevisíveis. Nem sempre há tempo para distanciamento e para uma atitude analítica como na atividade de pesquisa. Isso não significa que o professor não deva ter um espírito de investigação. É extremamente importante que ele aprenda a observar, a formular questões e hipóteses e a selecionar instrumentos e dados que o ajudem a elucidar seus problemas e a encontrar caminhos alternativos na sua prática docente (p. 59).

A Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Curso de Nível Superior (2000, p. 30), elaborado pelo Ministério da Educação no ano 2000 e aprovado pelo Conselho Nacional de Educação no ano seguinte aborda a reforma da Educação Básica e a formação de professores nesse nível de ensino, incluindo a pesquisa como elemento essencial para essa formação, além de defender o desenvolvimento por parte do professor de uma postura investigativa sobre sua área de atuação e maior apreensão de procedimentos de pesquisa como instrumento de trabalho.

Este documento aborda com clareza a importância do docente dar um novo sentido ao uso de pesquisas científicas em seu cotidiano, ao apontar a necessidade de um maior trabalho de interpretação e uso dessas pesquisas na prática pedagógica; maior familiaridade com os procedimentos de investigação sobre os objetos de ensino e o processo histórico de produção do conhecimento; não só participar da produção da pesquisa, mas utilizar a produção disponível; transformar os saberes que sua atividade profissional lhe proporciona em saberes disponíveis para os demais; e utilizar os resultados para intervir e aprimorar a prática. Pondera ainda que o

“acesso aos conhecimentos produzidos pela investigação acadêmica nas diferentes áreas que compõem seu conhecimento profissional alimenta o seu desenvolvimento profissional e possibilita ao professor manter-se atualizado e fazer opções em relação aos conteúdos, à metodologia e à organização didática dos conteúdos que ensina [...] ele produz conhecimento pedagógico quando investiga, reflete, seleciona, planeja, organiza, integra, avalia, articula experiências, recria e cria formas de intervenção didática junto aos seus alunos para que estes avancem em suas aprendizagens.” (p.46).

Dessa forma, através da pesquisa o professor pode analisar o contexto em que se insere sua prática, sendo importante desde a sua formação, como destaca a proposta abaixo citada.

Assim, a pesquisa constitui um instrumento de ensino e um conteúdo de aprendizagem na formação, especialmente importante para a análise dos contextos em que se inserem as situações cotidianas da escola, para construção de saberes que ela demanda e para a compreensão da própria implicação na tarefa de educar. Ela possibilita que o professor em formação aprenda a conhecer a realidade para além das aparências, de modo que possa intervir considerando as múltiplas relações envolvidas nas diferentes situações com que se depara, referentes aos processos de aprendizagem e a vida dos alunos. (p.47)

Existem reservas e distinções em relação às finalidades das pesquisas, entretanto, destacam-se três modalidades que estão atualmente em curso. Os métodos “comparativos”, que se inspiram nos modelos quase experimentais – em situação real e não em situação de laboratório. Eles consistem em definir amostras-testemunho (*échantillon témoins*) e amostras onde são praticados diversos modos de agir; as medidas de avaliação devem, então, determinar a prática mais eficaz em relação às normas acordadas (ANDRÉ, 2001).

Para a mesma autora acima, um segundo modelo de pesquisa pedagógica propõe aos profissionais da prática, mediante diferentes técnicas, analisar um ou vários elementos das suas práticas profissionais. Eles são, assim, chamados a objetivar, e depois a teorizar, as suas respectivas práticas; diz-se, muitas vezes, que eles estão elucidando um objeto prático como objeto de pesquisa. Enquanto o terceiro modelo é aquele chamado pesquisa-ação, termo muito genérico que recobre maneiras muito diversificadas de produzir conhecimentos. Esse modelo, mais ainda que os outros, merece uma reflexão teórica, na medida em que é capaz de “ligar” espontaneamente todas as pessoas sobre a magia única de um termo que parece reconciliar aquilo que fica, justamente, para ser demonstrado.

Quanto ao desafio da pesquisa, entende-se que

cada professor precisa saber propor seu modo próprio e criativo de teorizar e praticar a pesquisa, renovando-a constantemente e mantendo-a como fonte principal de sua capacidade inventiva. O desafio da pesquisa leva naturalmente a organizar o trabalho de outra maneira, porque supõe outro tipo de dedicação, participação, presença ativa, tarefa individual e coletiva, além disso é mister a flexibilidade curricular para realizar certo processo produtivo considerado chave para o questionamento reconstrutivo, daí a possibilidade de poder atuar como instrumento e/ou estratégia para a ressignificação da prática educativa (DEMO, 2003, p.15).

Ainda conforme o autor, os “desafios da pesquisa com fim eminentemente educativo proporcionam a (re) construção do projeto pedagógico próprio, a (re) construção dos textos científicos próprios do docente, leva-no a (re) fazer o material didático próprio, a inovar a sua prática e a recuperar constantemente a competência”.

Considerando os desafios supracitados, a inserção dos professores da educação profissional no ambiente da pesquisa pode vir a contribuir para (re) significar a sua prática, pois deixam de ser um mero porta-voz de teorias alheias, ou de apresentar-se como mero discípulo, para comparecer com proposta própria, elaborada e sempre reelaborada, cabendo a si a escolha de manejar sua proposta pedagógica no começo, meio e fim.

De acordo com Demo (2003, p.39),

o professor pode, inclusive, pensar, (re) pensar e (re) construir sua proposta didática, como imagina avaliar os alunos, como compreende a questão do conhecimento e da educação (ética), que tipo de ideologia está por trás de sua visão pedagógica, como correlaciona os conhecimentos e as habilidades que antes apenas transmitia aos alunos à formação do cidadão crítico-reflexivo, ou seja, é retomada a capacidade de argumentar, fundamentar, raciocinar e questionar durante todas as fases da sua prática pedagógica. Essas indagações, por ora poderiam não emergir no antigo modelo da educação profissional, inclusive devido às próprias limitações do currículo dos cursos técnicos e tecnológicos.

Gatti (2001) afirma que a “pesquisa não é uma cópia da realidade ou a reprodução do conhecimento já existente, mas uma reconstrução que considera os interesses, as compreensões e as problemáticas de quem pesquisa”. Compreende-se, portanto, que através da pesquisa é possível não só refletir sobre a realidade, mas compreender como se dá a produção do conhecimento.

Ainda ao que tange à relevância da pesquisa no contexto educacional, Demo (2003) defende que o profissional da educação precisa da pesquisa como uma ferramenta científica

e, sobretudo como base educativa, pois é uma forma de recuperar a sua competência formal e política, participar do mundo da cultura, do mundo da informação e da comunicação, para garantir a sua contemporaneidade trazer para a sua prática o exemplo do interesse pela inovação e pelas motivações modernas que tanto afetam a educação.

Demo (2003) sugere que a pesquisa é acompanhada pela recuperação permanente da competência do professor, porque graças à lógica do conhecimento inovador, o educador utiliza o conhecimento como um instrumento de mudança.

Por que não, então, conciliar esse instrumento com a (re) significação da prática, não se deixando vislumbrar apenas como um produtor do conhecimento, cercado de questões metodológicas, teóricas, empíricas, práticas, terminando sua tarefa na conclusão do relatório de pesquisa, porém considerar a pesquisa como parte da profissionalização também, não sendo, pois, apenas opção ou vocação, mas componente crucial do processo de formação e, por isso, a maneira decisiva de substituir treinamento por educação, ou seja, o mero fazer, pelo saber-fazer e sempre refazer, pois tratando-se de formação da competência, o aspecto formativo deve predominar sobre o transmissivo (DEMO, 1997, p.87).

Shigunov Neto e Maciel (2009, p. 4-23)

compreendem a prática pedagógica do professor como a sua atuação, enquanto profissional da educação, o qual possui como objetivo último o aprendizado de seus alunos. Assim, a prática pedagógica é o processo que envolve a atuação do professor desde a pesquisa inicial para a preparação da aula até a etapa final desse complexo e amplo processo, que corresponde ao aprendizado do aluno. Portanto, a prática pedagógica corresponde a um conjunto de etapas formuladas pelos professores para o exercício de suas funções profissionais. Entre as etapas desse complexo processo pode-se citar: a pesquisa inicial, a produção do conhecimento a partir de conhecimento produzido por outros, a elaboração do plano de aula, a aula propriamente dita, a elaboração de conhecimento com os alunos, a reflexão sobre a aula e o conhecimento produzido em conjunto com os alunos e a avaliação do processo.

O ofício de professor está se transformando devido à exigência de novas competências para ensinar, as quais recorrem à pesquisa e enfatizam a prática reflexiva. Cabe ao professor organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão das aprendizagens; conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da escola; informar e envolver os pais; utilizar novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; e administrar sua própria formação contínua (PERRENOUD, 2000).

Dessa forma, e, considerando a prática pedagógica como o amplo e complexo processo de atuação do docente na aprendizagem dos alunos, é inconcebível a figura do instrutor de ensino, também conhecido por tecnólogo do ensino, presente no atual sistema educacional brasileiro, em todos os níveis de ensino, um profissional que se caracteriza como um mero reprodutor de conhecimentos produzidos por outros profissionais e sua formação fundamenta-se no desenvolvimento de competências para o exercício técnico-profissional, baseada no saber fazer. Uma das críticas formuladas por pesquisadores nacionais (Maciel, Pimenta e Veiga) e internacionais (Tardiff, Estrela e Perrenoud) refere-se ao tecnólogo de ensino saber fazer, mas desconhecer quase que completamente os fundamentos do seu fazer. De acordo com os autores citados, o professor que não realiza pesquisa resume-se a mero ministrador de aulas, atuando como transmissor de conhecimento alheio (SHIGUNOV NETO E MACIEL, 2009, p. 04-23).

Segundo Demo (2004, p.80), “o aluno que queremos formar não é só um técnico, mas fundamentalmente um cidadão, que encontra na habilidade reconstrutiva de conhecimento seu perfil, talvez mais decisivo. Tem pela frente o duplo desafio de fazer o conhecimento progredir, mas mormente de o humanizar”. Portanto,

a pesquisa tida como instrumento de reflexão e crítica apresenta uma estreita relação com a prática pedagógica dos professores e com isso o professor por intermédio da pesquisa consegue ter uma atitude reflexiva e crítica sobre sua própria prática pedagógica. Reflexão esta que ocorre em três momentos distintos, antes, durante e após, mas com um único e exclusivo objetivo, a busca de uma prática pedagógica de qualidade. Assim, pode-se afirmar que a pesquisa é tida como um instrumento fundamental para uma prática reflexiva (SHIGUNOV NETO E MACIEL, 2009, p. 04-23).

Freiberger & Berbel (2010, p.207) constata que “o educar pela pesquisa promove a (re) construção do conhecimento e aprendizados que superam a reprodução de informações”. Nesse sentido, incluir a pesquisa nas ações docentes certamente não é tarefa fácil, mas tem se mostrado necessária a fim de atender às novas perspectivas e desafios impostos pelos avanços nas mais diferentes áreas, os quais provocam gradativas alterações no perfil do aluno e, conseqüentemente, demanda adequações nas práticas pedagógicas. E por que não fazer uso de um comportamento docente investigativo, que valorize a curiosidade, o questionamento e a busca por conhecimento de forma integrada no ambiente educacional?

Nesse pensamento, Demo (2003, p. 2) pondera que “educar pela pesquisa tem como condição primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana”. Para este autor, a grande questão não é o docente se transformar em um exímio “professor-pesquisador”, mas

em um “profissional da educação que eduque pela pesquisa”, ou seja, considere-a um recurso para a melhoria de sua prática e o alcance dos objetivos a que se propõe e que emergem das novas demandas.

A relação dicotomizada e desarticulada entre pesquisa e ensino no cotidiano escolar frequentemente é reflexo da própria formação do professor, na qual os conteúdos são trabalhados de forma isolada, sem estímulo a atitudes crítico-reflexivas e/ou inventivas. Porém, como estamos diante de uma realidade em que o aluno obtém informações através de diversos meios e já chega à sala de aula com ideias pré-concebidas e muitos estímulos externos que dificultam a sua concentração, é evidente que o papel da escola e do professor não são mais os mesmos de outrora, portanto como afirmam Freiburger & Berbel (2010) e Demo (2003) a “reconstrução do conhecimento ocorre por meio da pesquisa” .

Para Silva e Weide (2011, p. 85-86),

“Quando os professores articulam sua prática pedagógica ao ato de pesquisar, conseguem aprofundar seus conhecimentos sobre as teorias educacionais e passam a desvelar a realidade, tornando-se agentes das mudanças, ou seja, transformam e inovam as metodologias de ensino e de aprendizagem, indispensáveis à formação crítica do sujeito”.

A partir dessa concepção, é possível compreender que ao estar envolvido com a pesquisa, o professor superará a estagnação e a tradicionalidade do ensino e irá se engajar na superação das problemáticas de sua prática pedagógica, o que irá contribuir para o desenvolvimento de suas potencialidades e de seus alunos.

Demo (2002, p. 12-13) salienta a diferença entre “*pesquisa como atitude cotidiana*” e “*pesquisa como resultado específico*”. Estas devem caminhar paralelamente e em conjunto como se percebe abaixo

“Como atitude cotidiana, está na vida e lhe constitui a forma de passar por ela criticamente, tanto no sentido de cultivar a consciência crítica, quanto no de saber intervir na realidade de modo alternativo com base na capacidade questionadora. Trata-se de ler a realidade de modo questionador e de reconstruí-la como sujeito competente [...]. O professor precisa encarnar a figura tipicamente crítica na sociedade, que a tudo sabe questionar para melhor participar. [...]. Como resultado específico, pesquisa significa um produto concreto e localizado, como é a feitura do projeto pedagógico, ou de material didático próprio, ou de um texto com marcas científicas. Os dois horizontes são essenciais, um implicando o outro.”

Este mesmo autor discorre sobre o trajeto coincidente entre pesquisa e educação, sugestionando que ambos “se postam contra a ignorância; valorizam o questionamento; se dedicam ao processo reconstrutivo; incluem a confluência entre teoria e prática; se opõem à condição de objeto e a procedimentos manipulativos e condenam a cópia” (p.8-9). Desta sugestão depreende-se que o professor enquanto mediador da aprendizagem e a escola como espaço emancipatório e de construção da autonomia dos sujeitos precisam reorganizar suas práticas, a fim de assegurar a reconstrução do conhecimento.

O papel da pesquisa na formação e na prática docente excede a formação inicial e continuada, pois provoca nos sujeitos envolvidos mudanças, reflexões e retroalimenta o desejo de investigação e descoberta. Loureiro (2007) apud Silva e Weide (2011, p. 80) declara que “realizar pesquisas no âmbito educacional é um caminho para combater o pragmatismo contemporâneo, abrindo espaço para um ensinar coerente”. Do mesmo modo, Gatti (2001) aponta que a “pesquisa é um meio que o professor encontra para questionar e refletir sobre as questões educacionais e auxilia, certamente, na melhoria de sua atuação”.

Veiga (2004, p. 17) expõe que no processo didático devem estar presentes ensino, aprendizado, avaliação e também pesquisa. Esta autora salienta que o estímulo à “criatividade, ao espírito investigativo e à curiosidade” é possível quando se ensina a pesquisar, assim

“A pesquisa é atividade inerente ao ser humano, um modo de aprender o mundo. Deve ser um instrumento de ensino, de aprendizagem e de avaliação, sendo o ponto de partida e de chegada na apreensão da realidade” [...] o papel do professor-pesquisador é o de criar condições para que os alunos aprendam a pesquisar, pesquisando temáticas vinculadas à formação do aluno e também motivá-los e fornecer instrumentos para que assumam sua experiência educativa como fonte de conhecimento” (p.21).

## **CAPÍTULO II - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

## 2 Considerações e opções metodológicas

*Dessa forma, a tarefa não é contemplar o que ninguém ainda contemplou, mas meditar, como ninguém ainda meditou, sobre o que todo mundo tem diante dos olhos.*

*Arthur Schopenhauer (1788-1860)*

Neste capítulo, que se encontra estruturado em seis secções, procedemos à descrição do método a ser utilizado para a execução do estudo, a partir da caracterização do tipo de estudo, dos sujeitos e do campo empírico envolvidos na pesquisa, dos instrumentos e dos procedimentos para a recolha e análise de dados.

### 2.1 Tipo de estudo

O estudo será apoiado nas metodologias do estudo de caso, uma vez que se apresenta como a estratégia mais adequada para responder a questões e ao desígnio deste trabalho de investigação, pois dá ênfase ao local, a um contexto delimitado, onde a recolha de dados é feita no ambiente natural dos protagonistas da ação – a escola e os docentes. Nesse sentido, o caso a ser estudado consiste nas práticas pedagógicas dos professores inseridos na reformulação do ensino técnico em saúde e no desenvolvimento da pesquisa científica.

De acordo com Bogdan & Biklen (1994),

a abordagem à investigação não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (p.16).

O desenvolvimento de uma pesquisa exige a utilização de procedimentos que favoreçam a aproximação com o objeto que se deseja abordar (MADEIRA, 2005) e, de acordo com Laville e Dionne (1999, p.227), na metodologia qualitativa, o pesquisador decide prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem, visto que a significação de um conteúdo reside largamente na especificidade de cada um de seus elementos e nas relações entre eles, especificidade que escapa amiúde ao domínio do mensurável.

Ressalta-se que a investigação qualitativa é uma abordagem de pesquisa que tem suas raízes teóricas na fenomenologia. A máxima fenomenológica é “ir-à-coisa-mesma” e não a conceitos ou a ideias que tratam da coisa. É preciso ir ao sujeito que percebe e perguntar o

que faz sentido para ele, tendo como meta a compreensão do fenômeno investigado. O sujeito, ao expor aquilo que faz sentido, relata e descreve o percebido (BICUDO, 2000).

Optou-se, em face do exposto, pela adoção dos princípios teórico-metodológicos da abordagem qualitativa de pesquisa educacional, por compreender que, dessa forma, podem-se obter descrições detalhadas de fenômenos, comportamentos, hábitos e atitudes através de citações diretas dos atores da pesquisa sobre suas experiências nos registros escritos, o que possibilita, a geração de dados com maior riqueza de detalhes e profundidade, bem como, as interações entre pesquisador e atores da pesquisa, já que é possível através dessa abordagem analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano (LAKATOS; MARCONI, 2004, p.272).

É um tipo de estudo que permite compreender a situação na sua globalidade, bem como o significado dos acontecimentos para os autores (Yin, 1994). A abordagem qualitativa facilita o acesso a referências cognitivas e de significados manifestados pelos sujeitos do estudo. É, assim, importante para compreender a complexidade dos fenômenos, tais como sentimentos, processo de pensamento e emoções que são difíceis de identificar e compreender através dos métodos de investigação mais convencionais (Strauss & Corbin, 1998).

## **2.2 Os participantes**

Elegemos como participantes do nosso estudo de caso 14 (quatorze) professores de uma escola de ensino profissional e tecnológico, como amostra de uma população constituída por 28 sujeitos, na faixa etária de 30 a 60 anos, residentes no município de Natal, localizado no estado do Rio Grande do Norte, todos do gênero feminino, uma vez que o único docente do sexo masculino vinculado à Instituição não atende aos critérios de seleção. Todos participaram voluntariamente da pesquisa, após a concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Autorização para gravação de voz.

A amostra foi selecionada a partir da comprovação de envolvimento dos docentes na pesquisa científica através da consulta ao Sistema Integrado de Gestão Acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde constam os projetos de pesquisa científica nos quais os professores estão inseridos. Quanto à atuação no ensino técnico em saúde, a mesma será comprovada através da ficha funcional dos docentes, cuja consulta será disponibilizada previamente pela Secretaria da Direção Geral da Escola de Enfermagem de Natal e também através da consulta ao currículo LATTES.

Friedberg (1995) aponta para a importância de se considerar em conjunto os atores e o sistema, pois a compreensão das relações entre os diversos atores obriga à consideração do contexto. O estudo dos atores à margem da organização, das suas características e regras dificulta a compreensão das dinâmicas internas da mesma. Dessa forma, na seleção dos participantes definimos os seguintes critérios:

- (i) Docentes com mais de cinco anos de serviço na escola onde se desenvolverá a investigação, para um melhor conhecimento do estabelecimento de ensino, do meio em que se encontra inserido (contexto) e dos alunos que o frequentam;
- (ii) Docentes em pleno exercício de suas atividades, lotados na cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte, uma vez que a sua vivência no processo de (re) significação do ensino ofertado pela Instituição, favorecerá a compreensão dos objetivos do estudo;
- (iii) Docentes integrantes do quadro de professores efetivos da Instituição de Ensino com comprovado envolvimento na pesquisa científica e que atuem no ensino técnico em saúde, para uma melhor compreensão das pretensões do processo de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e, conseqüentemente, uma opinião mais formada sobre a questão.

A caracterização dos participantes do estudo é apresentada a seguir (Quadro 1).

| <b>Participantes</b> | <b>Idade</b> | <b>Formação</b> | <b>Tempo de Trabalho<br/>como professor<br/>(anos)</b> | <b>Participação<br/>em grupos de<br/>pesquisa</b> | <b>Projetos e/ou<br/>Pesquisas em<br/>desenvolvimento</b> |
|----------------------|--------------|-----------------|--------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|
| <b>K1</b>            | 43           | Doutoranda      | 10                                                     | Sim                                               | Sim                                                       |
| <b>K2</b>            | 50           | Mestre          | 07                                                     | Sim                                               | Não                                                       |
| <b>K3</b>            | 50           | Doutoranda      | 23                                                     | Sim                                               | Sim                                                       |
| <b>K4</b>            | 55           | Mestre          | 33                                                     | Sim                                               | Sim                                                       |
| <b>K5</b>            | 49           | Doutora         | 25                                                     | Sim                                               | Sim                                                       |
| <b>K6</b>            | 43           | Doutoranda      | 12                                                     | Sim                                               | Sim                                                       |
| <b>K7</b>            | 57           | Mestre          | 33                                                     | Sim                                               | Não                                                       |
| <b>K8</b>            | 58           | Mestre          | 39                                                     | Sim                                               | Sim                                                       |
| <b>K9</b>            | 40           | Doutora         | 10                                                     | Sim                                               | Sim                                                       |
| <b>K10</b>           | 52           | Doutoranda      | 34                                                     | Sim                                               | Sim                                                       |

|            |    |            |    |     |     |
|------------|----|------------|----|-----|-----|
| <b>K11</b> | 47 | Doutoranda | 17 | Sim | Sim |
| <b>K12</b> | 41 | Doutoranda | 17 | Sim | Sim |
| <b>K13</b> | 45 | Doutoranda | 09 | Sim | Sim |
| <b>K14</b> | 39 | Doutoranda | 16 | Sim | Sim |

**Quadro 1 – Identificação dos sujeitos da pesquisa**

Pela observação do **Quadro 1**, verificamos que do painel das 14 professoras entrevistadas 02 são doutoras, 04 possuem apenas mestrado e 08 encontram-se em fase de doutoramento. Quanto à faixa etária, verificamos que a professora K14 é a mais nova, com 39 anos, e K8 é a que apresenta mais idade, com 58 anos.

No que diz respeito ao tempo de serviço, é possível depreender que as professoras K4, K7, K8 e K10 estão quase em fim de carreira, enquanto que as entrevistadas K1, K2, K9 e K13 encontram-se no início de sua trajetória profissional. As entrevistadas K1, K4, K7 nunca atuaram em outras instituições educacionais, apenas no campo empírico desta pesquisa. enquanto que K2, K3, K5, K6, K8, K9, K10, K11, K12, K13 e K14 já trabalharam em outros locais, sendo que apenas K3, K8 e K11 possuem mais tempo de serviço fora da Educação Profissional, enquanto que todas as demais trabalharam mais nessa modalidade do que em qualquer outra.

No que tange a formação acadêmica e profissional, as entrevistadas são, em sua totalidade, graduadas no curso de enfermagem, com especialização, mestrado e doutorados em curso ou concluídos, predominantemente, na área da saúde.

Todas as professoras entrevistadas afirmaram já ter participado ou participar atualmente de grupos de pesquisa, enquanto que apenas 02 (duas) das 14 (catorze) entrevistadas referiram não possuir projetos e/ou pesquisas em desenvolvimento, em virtude da falta de tempo ou excesso de trabalho, mas alegaram participar de eventos, atividades ou projetos de extensão.

### **2.3 Contexto do estudo e caracterização geral da escola**

O cenário para desenvolver esta pesquisa é a Escola de Enfermagem de Natal, vinculada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EEN/UFRN), localizada à Avenida Senador Salgado Filho, Campus Universitário, s/n, bairro Lagoa Nova, CEP 59.072-970, cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Os cursos ofertados destinam-se a qualificar, atualizar e aperfeiçoar a comunidade e os trabalhadores da área da saúde, buscando mantê-los

preparados para atuarem frente às mudanças constantes dos conhecimentos e saberes tecnológicos da área.

A Instituição tem a missão de promover a profissionalização e requalificação dos trabalhadores da saúde / enfermagem, para atuarem nos diversos níveis de atenção à saúde, visando à promoção, prevenção, recuperação e reabilitação, através do desenvolvimento de competências e habilidades técnicas, políticas e éticas, fundamentadas nos princípios do Sistema Único de Saúde. Também tem o propósito de desenvolver a educação profissional junto à comunidade e aos trabalhadores de nível médio, realizando atividades de ensino, pesquisa e extensão. É membro do Conselho Nacional de Diretores das Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais, do Polo de Educação Permanente do Rio Grande do Norte e do Fórum de Educação da Associação Brasileira de Enfermagem.

A escola está instalada em um prédio com 3.255 metros quadrados contemplando salas de aula; auditórios, anfiteatros, laboratórios de ensino de enfermagem; laboratórios de informática e recursos audiovisuais; sala de professores; sala de leitura; sala de reunião/estudo; e espaços administrativos. Compõem o corpo docente 28 (vinte e oito) professores efetivos (integrantes do quadro docente permanente da Universidade), 07 (oito) professores vinculados à Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte, 11 (onze) professores substitutos ou de vínculo temporário, todos tendo sua formação principal na área de enfermagem, entretanto, a escola ainda conta com profissionais de outras áreas da Saúde e um na área de informática. A parte administrativa conta com 10 servidores, 08 funcionários terceirizados e 17 bolsistas de apoio técnico.

Através do seu Projeto Político Pedagógico assume, na sua Proposta Curricular, o compromisso de concretizar na prática técnica, social e política o cuidar integralmente para que a vida plena e digna seja um direito de todos. Atualmente, oferta três modalidades de cursos:

- Cursos de Nível Técnico: Curso Técnico em Enfermagem; Curso Técnico em Enfermagem (para auxiliares de enfermagem - Complementação); Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde; Curso Técnico em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde; Curso Técnico em Vigilância em Saúde;
- Cursos de Especialização Técnica;
- Cursos de Educação Profissional para a Formação Inicial e Continuada de trabalhadores.

- Curso de Graduação Tecnológica em Gestão Hospitalar;
- Cursos técnicos e de Formação Inicial e Continuada através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego do Governo Federal.

## 2.4 Instrumentos de recolha de dados

Movidos pelo objetivo de se captarem representações, atitudes, opiniões, valores e significados atribuídos ao objeto de análise pelo inquirido (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1992), pareceu-nos apropriada a utilização da técnica da entrevista como instrumento de recolha de informação, em associação com a pesquisa bibliográfica.

A entrevista é uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso, pois possibilita a recolha de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. Os dados recolhidos a partir da entrevista resultam, em grande parte, da capacidade discursiva dos sujeitos convidados a expressarem-se sobre a avaliação do desempenho a que estão sujeitos e do contexto em que os mesmos se encontram inseridos, ou seja, o seu ambiente de trabalho. O investigador desempenha também aqui um papel não de somenos importância, o de entrevistador, contacta os sujeitos a serem entrevistados, cria a situação da entrevista, propõe os assuntos a abordar, lê e interpreta os discursos em função de hipóteses e de problemáticas (Bogdan & Biklen, 1994).

Considerando o objeto de estudo, os objetivos definidos e a problemática construída, o recurso à *entrevista semi-estruturada*, com áudio - gravação pareceu-nos útil, por possibilitar o conhecimento do quadro de referência dos sujeitos, a exploração de outros aspectos que podem clarificar o problema em estudo e delimitar assim os seus contornos. Esta pressupõe uma conversa estrategicamente assistida, entre o entrevistador e os entrevistados, a qual será norteada por um guião, disponível no **Anexo I**, acerca do tema em questão, permitindo a estes um relato do que sente e pensa na sua própria linguagem, mas deixando também aos entrevistados a liberdade de falar sobre o assunto e de exprimirem as suas opiniões.

O roteiro de entrevista foi organizado para a atual pesquisa, conforme **Anexo II**, portanto, coube no cronograma de execução do projeto uma etapa para pré-teste do instrumento.

## 2.5 Procedimentos para recolha de dados

Após a revisão da literatura e a elaboração do guião da entrevista (Anexo 1), a recolha de dados será realizada numa escola de Educação Profissional e Tecnológica, tendo-se em conta todas as considerações éticas necessárias à realização do estudo. Conforme referem Lessard, Goyette e Boiton (1994), a investigação, de um modo geral, e seja qual for o caminho epistemológico, rege-se por regras de âmbito nacional e internacional relativa à proteção dos sujeitos. O respeito pelos **princípios éticos** é assim considerado fundamental na validade da investigação qualitativa.

Deste modo, numa primeira fase, foi solicitada a autorização à gestora da escola, a fim de recolhermos os dados para o estudo, após análise do projeto apresentado. Numa segunda fase foram apresentados aos docentes participantes os propósitos do estudo, a importância da colaboração como uma mais-valia para a investigação, a técnica de recolha dos dados e, posteriormente, será pedido por escrito o consentimento informado aos sujeitos e a autorização para audio-gravação e posterior transcrição. A entrevista foi realizada no próprio campo empírico, de acordo com agendamento prévio, conforme a disponibilidade dos participantes.

Para preservar o anonimato dos sujeitos, cujas falas serão citadas ao longo deste estudo, os seus nomes foram substituídos por um código, que utiliza letras e números: K1, K2, K3...K14. Do primeiro encontro com os sujeitos da pesquisa até ao final da coleta de dados foram transcorridos três meses (Maio, Junho e Julho de 2013).

As entrevistas transcritas foram posteriormente apresentadas aos participantes da pesquisa para validação e concordância dos dados obtidos, sendo entregue aos mesmos protocolos para concordância com o que foi transcrito.

## 2.6 Análise de dados

Para tratamento de dados utilizaremos a análise de conteúdo (BARDIN, 2004) que prevê três etapas:

1ª) Pré-análise – etapa que trata do esquema de trabalho e que envolve os primeiros contatos com os documentos de análise, o enquadramento teórico, a formulação de objetivos, a definição dos procedimentos a serem seguidos e a preparação formal do material;

2ª) Exploração do material – etapa que corresponde à observância das decisões anteriormente tomadas, isto é, leitura de documentos, categorização, entre outros; e,

3ª) Tratamento dos resultados – etapa onde os dados são lapidados e melhorados, convertendo-os em significado, privilegiando que a interpretação deve ir além dos conteúdos expressos nos documentos, procurando descobrir o que está por trás do imediatamente apreendido.

A escolha da técnica de análise de conteúdo justifica-se por dar significado, ao conteúdo das mensagens obtidas com os participantes, através da elaboração de categorias analíticas, que permitam sistematizar as informações (BARDIN, 2004; BOGDAN & BIKLEN,1994).

### **CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

*Quando a prática é tomada como curiosidade, então essa prática vai despertar horizontes de possibilidade.*

*(Paulo Freire, 2011, p. 59)*

Neste capítulo, procedemos à descrição dos resultados obtidos através das entrevistas, cujos procedimentos enunciamos anteriormente e faz-se a discussão dos mesmos. O objetivo é apresentar os fatores que contribuem para a associação entre as mudanças nas práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde e a inserção desses professores no campo da pesquisa científica, tendo em conta a pesquisa bibliográfica sobre a temática e as opiniões das professoras entrevistadas.

Assim, a apresentação e a discussão dos dados serão feitas a partir das quatro classes temáticas definidas:

- Ensino Técnico em Saúde;
- Práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde;
- Pesquisa científica;
- Pesquisa Científica no Ensino Técnico em Saúde.

Na descrição da análise incluímos extratos literais das entrevistas, para mostrar a forma como os participantes descrevem as suas experiências e o significado que dão às suas ações. Recorremos, ainda, a autores para ajudar a compreender a análise e discussão dos dados.

### **3.1 Ensino Técnico em Saúde**

Nesta classe temática definimos 02 (duas) categorias, sendo a primeira ‘Experiências’ e a segunda ‘Caracterização e Avaliação’ de onde emergiram um total de 17 (dezessete) subcategorias para a classe temática em questão, consideradas pelos participantes para caracterizarem e avaliarem o Ensino Técnico em Saúde e sua transformação no decorrer do tempo e que, de forma sistematizada, passamos a apresentar (**Quadro 2**).

#### **3.1.1. Experiências**

Relativamente às experiências, que visam fundamentalmente depreender o grau de envolvimento e vivência das entrevistadas com o Ensino Técnico em Saúde, emergiram 06 (seis) subcategorias (**Quadro 02**), como nos transmitem os seguintes excertos:

[...] E a partir daí eu me senti estimulada e vi que tinha perfil para ser professora [...]. E resolvi me dedicar a essa área do técnico, ensino técnico, [...], e realmente gostei muito, me realizei muito, [...]. Eu sinto que tenho o perfil, né, por que tem que ter um perfil para dar aula para o técnico (entr. K1).

Foi muito importante Anna eu ter essa vivência do serviço [...], a atividade em enfermagem por si só tem um aspecto muito forte, que é ser uma prática educativa e social. Então eu nunca me vi desmembrada disso [...] por que você está o tempo todo nessa interface de trabalhar educação em saúde, esse aspecto mais pedagógico, essa prática educativa (entr. K3).

É muito gostoso ser professora. Tenho experienciado muitas mudanças dos alunos, muito crescimento na sala de aula. [...] Eu percebo o crescimento do aluno na sala de aula por que através das metodologias ativas a gente percebe esse crescimento como na prática também ter tido a oportunidade de observar como cliente desse aluno. Tornar o ensino técnico significativo para o aluno e motivá-lo a estudar é algo prazeroso, tornando-o participante do processo (entr. K4).

Eu sempre gostei muito da educação profissional, porque diferentemente da graduação, os alunos têm uma vontade muito grande de aprender. Eles precisam da profissionalização, então a valorização deles, para os cursos técnicos, é muito grande. [...] o crescimento como pessoa, como eles evoluem [...] (entr. K5).

Eu sempre achei muito importante fazer essa ligação da teoria com a prática para a gente entender melhor o que se vê na teoria [...]. Eu sempre tive essa preocupação de trazer a minha vivência da prática [...] (entr. K6)

Eu digo que sou muito mais realizada hoje como professora de ensino em educação profissional [...]. É minha vida, eu digo muito aos alunos que adoro ensinar e adoro ser enfermeira. Como prática pedagógica no técnico a gente observa que a própria maturidade vai ajudando e ficando mais sensíveis à prática. (entr. K8)

[...], o exercício da formação de futuros profissionais eu vejo com a mesma importância, seja nível médio ou superior. Não existe essa diferença do ensino técnico e graduação, a gente tem que passar competências, habilidades, conhecimentos para futuros profissionais (entr. K9).

Algumas pessoas me perguntam o porquê eu não me desligo das minhas atividades como enfermeira para ficar só na atividade de docente. Eu não me desligo porque eu acredito que o professor tem que sempre estar casando prática e teoria. Na experiência com os alunos eu vejo que eles são muito empolgados, principalmente com a vivência [...] exemplos da vida real [...] e eu acho muito válida essa experiência (entr. K11).

O ensino técnico ele é um ensino prazeroso. [...] eu me sinto realizada e Deus me abençoou bastante em ser professora, professora da escola e do ensino técnico (entr. K 12).

Inicialmente quando iniciei como professora a gente tinha muito resquícios da nossa formação, que era a questão da transmissão do conhecimento, aquele ensino acrítico do professor ser o detentor do saber. Hoje eu diria que a gente melhorou bastante, mas tem muito a avançar (Entr. K14).

### 3.1.2. Caracterização e Avaliação

Nesta categoria, subdividida em 11 (onze) subcategorias (**Quadro 2**), os docentes consideram a íntima relação existente entre o Ensino Técnico em Saúde e a inserção dos estudantes no mercado de trabalho, a importância da associação teoria e prática e destacam mudanças ocorridas nessa modalidade de ensino e em suas práticas pedagógicas, inclusive acompanhadas por alterações no perfil discente e surgimento de ferramentas e estratégias que contribuem para o avanço da Educação Profissional nessa área do saber:

Uma mudança drástica. Antigamente ele não tinha muito espaço. Não era muito valorizado. Eles consideravam um ensino de segunda e até terceira categoria. Normalmente para aquelas pessoas que não gostavam de estudar e não queriam fazer uma graduação. [...] Hoje eu acho que a gente ganhou muito mais espaço, muito mais campo, tanto é que hoje o número de escolas técnicas quadruplicou em relação há 10 anos atrás. Foi um salto de quantidade e qualidade muito grande (entr. K 14).

Houve mudanças nas práticas pedagógicas mesmo. Antes era aquela coisa do ensino de transmissão e havia a questão da imposição, aquela coisa do destaque do professor. [...]. Mas eu vejo que isso vem mudando do ensino de transmissão para o ensino problematizador, aquele que o aluno pensa no problema, que ele constrói o seu conhecimento (Entr. K 12).

Eu vejo que um aluno antigamente quando fazia um curso técnico de enfermagem eles queriam mesmo ser um técnico de enfermagem. Hoje não, eles migram muito. [...] eu vejo um certo desestímulo (Entr. K 11).

[...]. Atualmente, ele está mais formativo. Formativo em termos de formar para a vida, para ser, não só para fazer (...). Porque antigamente a gente só pensava muito mais no fazer. Ele tinha que saber fazer, saber fazer, saber fazer. Mas a parte do ser e como ser [...], nunca a gente conseguia colocar dentro do processo ensino-aprendizagem efetivamente com clareza (entr. K 10).

[...] Eu estou na Escola há 05 anos e nesse período eu vejo enormes diferenças [...] o incentivo, a própria concepção, a possibilidade do nível técnico tanto o estudante quanto o professor considerar a pesquisa e trabalhar essa possibilidade. O ensino da pesquisa é muito importante para a capacidade de despertar o espírito científico, e se o discente não desperta para isso, ele só realiza tarefas mecanizadas. Então, sem dúvida nenhuma eu vejo muita importância do ensino, estudo e prática da pesquisa no ensino técnico [...] porque se na realização de tarefas que fazem parte de um

processo de trabalho não tiver fundamentos para a realização dessas tarefas, não tem como o cuidado se realizar de forma humanizada (Entr. K 9).

[...] Em outro momento, como é que a gente avaliava? Era aquela coisa, nota por nota, por que precisava da nota. Hoje não, hoje a gente já ver a construção do saber, com práticas pedagógicas diferentes, com outras construções que o aluno, ele, vai construindo seu conhecimento é [...] ao longo do curso e a gente já aproveita, hoje em dia, tudo que ele traz previamente (Entr. K 5).

A gente teve todo um avanço por que começamos a utilizar metodologias ativas, ao ensino integrado com nível de complexidade crescente, retomando conceitos e aprofundando conhecimentos, a considerar o aluno trabalhador, a considerar que ele não tem tempo de estudar fora da sala de aula. Nós usamos metodologias que favorecem ao estudante, na própria sala de aula, construir seu próprio conhecimento. Isso ficou muito mais prazeroso (Entr. K 4).

A primeira coisa que eu acho e que é um ponto um pouco negativo é que os alunos de antes [...] Eles realmente queriam o técnico eles iniciavam e terminavam. Hoje em dia como tem uma grande diversificação, uma abertura maior para o nível superior para graduação a gente percebe que os alunos estão entrando mais cedo no nível técnico e muitas vezes não sabem se é isso que quer e a enfermagem você tem que ter perfil e querer (Entr. K 1).

| Classe Temática         | Categoria        | Subcategoria                                                                      | F  | %   |
|-------------------------|------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|----|-----|
| Ensino Técnico em Saúde | Experiências     | Perfil do professor                                                               | 8  | 57% |
|                         |                  | Realização e/ou Satisfação                                                        | 7  | 50% |
|                         |                  | Relação Teórico-prática                                                           | 3  | 21% |
|                         |                  | Importância da Vivência do serviço                                                | 5  | 36% |
|                         |                  | Perfil do aluno e/ou competência                                                  | 6  | 43% |
|                         |                  | Não existe diferença entre ensino técnico e graduação                             | 1  | 7%  |
|                         | Caracterização e | Mercado de Trabalho e/ou competência profissional                                 | 6  | 43% |
|                         |                  | Estímulo à associação teoria-prática                                              | 4  | 28% |
|                         |                  | Mudanças nas práticas pedagógicas                                                 | 11 | 78% |
|                         |                  | Avanço qualitativo e/ou quantitativo                                              | 8  | 57% |
|                         |                  | Há 10 anos mecanicismo, tecnicismo e visão robotizada e/ou fragmentação do ensino | 3  | 21% |
|                         |                  | Interdisciplinaridade e/ou ensino integrado                                       | 2  | 14% |

|  |           |                                                                            |   |     |
|--|-----------|----------------------------------------------------------------------------|---|-----|
|  | Avaliação | Valorização do Ensino Técnico com alcance de maior visibilidade e espaço   | 2 | 14% |
|  |           | Mudança do aluno – indecisão, desinteresse e/ou imaturidade                | 2 | 14% |
|  |           | Importância da prática da pesquisa no ensino técnico                       | 1 | 7%  |
|  |           | Co-responsabilidade do professor e do aluno pelo processo ensinar-aprender | 5 | 36% |
|  |           | Mudança nas formas de avaliação dos alunos                                 | 2 | 14% |

**Quadro 2 – Ensino Técnico em Saúde**

A classe temática ‘Ensino Técnico em Saúde’ vem atender à análise da opinião dos participantes frente a dois questionamentos contidos no Roteiro da Entrevista, sendo eles:

- *Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.*

- *No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.*

Analisando o **Quadro 2** é possível depreender que mais da metade dos participantes destacam a importância do perfil do professor em suas experiências e vivências na prática pedagógica no Ensino Técnico em Saúde; 50% sentem-se realizados e/ou satisfeitos por trabalharem nessa modalidade de ensino; 21% destacam a relevância da associação teoria e prática na Educação Profissional e, paralelamente, 36% afirmam que a sua vivência no serviço de saúde facilita e /ou contribui para a sua experiência como professor; 43% dos entrevistados salientaram a existência de um perfil específico para o aluno de Educação Profissional e apenas 01 (um) participante expressou em sua fala não acreditar que existam diferenças entre o ensino técnico e a graduação.

Ainda de acordo com o exposto no **Quadro 2**, quando questionados sobre como avaliam o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente, 78% dos participantes acreditam em mudanças nas práticas pedagógicas; 43% falam sobre a inserção no Mercado de Trabalho e/ou aquisição de competência profissional pelos discentes; 28% destacam maior estímulo à associação teoria-prática; 57% defendem avanço qualitativo e/ou quantitativo no Ensino Técnico em Saúde nos últimos anos; 21% detiveram-se a comparar o ensino mecanicista, tecnicista, com visão robotizada e/ou fragmentada ofertado há 10 anos com o ensino atual, no qual 14% destacam características como interdisciplinaridade e/ou

ensino integrado. Além disso, quando solicitado que caracterizassem ou avaliassem esse ensino, 14% destacaram a valorização do Ensino Técnico com alcance de maior visibilidade e espaço ao longo dos últimos 10 anos; 14% comentaram sobre mudança do aluno – indecisão, desinteresse e/ou imaturidade; 7% falaram sobre a importância da prática da pesquisa no ensino técnico; 36% apontaram a co-responsabilidade do professor e do aluno pelo processo ensinar-aprender e 14% citaram mudança nas formas de avaliação dos alunos ao longo dos anos.

A percepção das entrevistadas sobre o Ensino Técnico assemelha-se ao que apoia Moura (2007) quando afirma que

“se pela formação geral as pessoas adquirem conhecimentos que permitam compreender a realidade, na formação profissional o conhecimento científico adquire, para o trabalhador, o sentido de força produtiva, traduzindo-se em técnicas e procedimentos, a partir da compreensão dos conceitos científicos e tecnológicos básicos que o possibilitarão à atuação autônoma e consciente na dinâmica econômica da sociedade” (p. 47).

### 3.2 Práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde

Nesta classe temática definimos 03 (três) categorias, sendo elas ‘Concepções e Caracterização’, ‘Reformulação’, e ‘Fatores motivadores, facilitadores e/ou dificultadores’ de onde emergiram um total de 19 (dezenove) subcategorias, expostas no **Quadro 3** e consideradas pelos participantes para responderem aos questionamentos descritos abaixo:

- *Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?*
- *É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?*
- *Em caso positivo, quais as causas e implicações?*
- *Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?*

| Classe Temática                                        | Categoria                                              | Subcategoria                                                     | F  | %    |
|--------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|----|------|
| <b>Práticas Pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde</b> | Concepções e Caracterização                            | Mudança na forma de avaliação                                    | 4  | 28%  |
|                                                        |                                                        | Flexibilização na relação docente-discente                       | 10 | 71%  |
|                                                        |                                                        | Processo Seletivo Diferenciado                                   | 1  | 7%   |
|                                                        |                                                        | Maior associação teórico-prática                                 | 10 | 71%  |
|                                                        |                                                        | Mudança na ação docente                                          | 14 | 100% |
|                                                        |                                                        | Satisfação profissional                                          | 8  | 57%  |
|                                                        | Reformulação                                           | Acreditam                                                        | 14 | 100% |
|                                                        |                                                        | Não acreditam                                                    | -  |      |
|                                                        | Fatores Motivadores, Facilitadores e/ou Dificultadores | Perfil do aluno                                                  | 13 | 93%  |
|                                                        |                                                        | Acesso a diversos recursos, materiais e equipamentos disponíveis | 8  | 57%  |
|                                                        |                                                        | Conscientização do professor                                     | 10 | 71%  |
|                                                        |                                                        | Exigência do mercado de trabalho                                 | 6  | 43%  |
|                                                        |                                                        | Falta de Aceitação pelos profissionais inseridos no mercado      | 1  | 7%   |
|                                                        |                                                        | Mudança de Comportamento dos Profissionais e/ou dos Serviços     | 2  | 14%  |
|                                                        |                                                        | Qualificação profissional                                        | 8  | 57%  |
|                                                        |                                                        | Tempo e/ou Sobrecarga de trabalho                                | 6  | 43%  |
|                                                        |                                                        | Integração entre as disciplinas                                  | 1  | 7%   |
|                                                        |                                                        | Novas metodologias didático-pedagógicas                          | 13 | 93%  |
|                                                        |                                                        | Pesquisa científica                                              | 8  | 57%  |

**Quadro 3 – Práticas Pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde**

### 3.2.1 Concepções e Caracterização

Relativamente às concepções e à caracterização das práticas pedagógicas utilizadas pelos professores inseridos no Ensino Técnico em Saúde anteriormente e atualmente, os docentes consideram que houve mudanças e atribuem-nas a diversos fatores, como exposto nos discursos abaixo:

[...], por que eu acho que há um tempo atrás tinha um certo rigor maior em termo de avaliação onde as pessoas podiam ficar retidas sim por não ter conseguido atingir o objetivo por não se interessar e hoje não consegue, não tem como reter você tem que e...e...recuperar o aluno durante o processo de ensino aprendizagem mas assim até

que ponto isso não é desgastante para o professor, você ficar o tempo todo buscando aquele aluno, querendo trazer e ele sem ter interesse [...] (entr. K 1).

Hoje o professor ele é mais atuante no sentido de fornecer mais conhecimento no ensino técnico prático em si né. Então, digamos assim, que o que era bem teórico hoje é mais teórico-prático (Entr. K 2).

Eu acho que ainda precisa os professores passarem até por atualizações, por capacitações, em termos de avaliação, em termos de valorização do aluno, valorização do conhecimento que ele traz [...] (Entr. K 5).

Existe, tanto em relação ao ensino em sala de aula como ao processo. Até a forma de avaliar o aluno mudou bastante (Entr. K 6).

[...]. E a Educação Profissional, na medida em que o governo federal vem dando recursos, possibilita a instituições fazer capacitações, estimulando o corpo docente a se qualificar e aqui é uma característica dessa escola. [...] o que causou na verdade foi a abertura, vamos dizer assim, o crescente avanço do sistema de saúde e os grandes investimentos especificamente na educação profissional e atrelado a isso a sede de inovar [...] (Entr. K 7).

Quando a sociedade começa a discutir a questão da formação, em especialmente, em dois eixos o profissional crítico-reflexivo e a cidadania, aí precisa que o ensino técnico assim como os demais níveis de ensino traga essa perspectiva do conhecimento, inclusive no ponto de vista do conhecimento da pesquisa, do pensar e fazer pesquisa (Entr. K 9).

Muito, muito (risadas). É, naquela época a gente era muito papel, papel, né. Aqueles textos mimeografados que a gente conseguia fazer. [...] Então assim, muda completamente [...]. Hoje é totalmente diferente (Entr. K 10).

As principais causas foram à evolução tecnológica, o acesso aos meios de comunicação e a própria globalização [...] as implicações foi que o professor teve que modificar sua postura de detentor do conhecimento para mediador do conhecimento (Entr. K 13).

Eu acho que o que causou além das teorias que fazem a gente avançar e a gente rever nossas práticas, a partir do que a gente vê nas evidências científicas, que novas práticas são preciso (Entr. K 14).

De acordo com os dados sintetizados no **Quadro 3**, a totalidade das entrevistadas, quando questionadas se existem diferenças entre as práticas pedagógicas dos professores antigamente e atualmente, 100% afirmam que houve sim mudanças na ação docente; 28% apontam mudanças nas formas de avaliação; 71% destacam a importância da flexibilização na relação docente-discente; apenas 01 participante aponta a necessidade de processo seletivo diferenciado; 71% sinalizam maior associação teórico-prática e 57% realçam satisfação profissional.

### 3.2.2 Reformulação

Sobressai do discurso dos entrevistados que vem ocorrendo uma reformulação das práticas pedagógicas dos professores inseridos no Ensino Técnico em Saúde, porém ainda não totalmente consolidada, como nos transmitem os seguintes excertos:

[...] Digamos que é uma mudança que não esta consolidada, mas ela está sendo bem bastante trabalhada para que a condução seja muito mais no caminho da prática do que da teoria em si. Para que essa consolidação aconteça presença de mais professores, presença de mais laboratórios em si e eu penso que uma consolidação maior do professor. Para que ele está trabalhando? Ele está formando o quê? Ele está formando o que, para fazer o quê? Talvez fosse essa a grande pergunta (Entr. K 2).

Eu acho que a implicação é você possibilitar a formação de sujeitos mais reflexivos, mais criativos, mais autônomos, né? Então, se você consegue passar isso na formação você facilita. Mas você precisa instrumentalizar esses alunos para que eles possam fazer isso para que aprendam a fazer isso de uma forma diferente por que eles vão reproduzir na ‘ponta’ esse jeito verticalizado de ensinar e aprender achandoque só eles tem o saber e reproduzir isso (Entr. K 3).

Total. Porque é como eu falei pra você, a vivência naquele época era uma coisa mais estanque, não fazia o aluno pensar. Hoje, pelo menos aqui na escola é [...] a construção do conhecimento vem, desde o início, já o aluno trazendo colaboração. Então ele pensa, ele se transforma, então tem toda construção diferente do saber (Entr. K 5).

Sim, principalmente aqui na escola. Eu sinto aqui na escola uma vontade da gente está inovando de estar buscando metodologias, práticas alternativas, assim a gente vem buscando e nós temos tido uma felicidade enquanto instituição e de ter um corpo docente que vem agregar a esse valor (Entr. K 7).

Sim, como nós já falamos as práticas pedagógicas eram mais tradicionais e até assim você começa a estudar mais a questão de Paulo Freire e outros autores na educação bancária e os alunos construindo seus conhecimentos. Realmente há diferenças. Quando eu era aluno a prática era mais tradicional, agora é mais flexível, problematizadora (Entr. K 8).

Você deve ter presenciado há 01 ano ou 02 anos a conquista da bolsa PIBIC-EM que veio fazer uma diferença muito grande, até assim no próprio sentido da cultura do ensino de nível médio nesta escola, o aluno de ensino médio nesta escola não tinha a cultura de pensar sobre isso. [...]. A í, eu volto a falar do espírito científico [...] (Entr. K 9)

Houve mudanças. O aluno antes queria fazer aquele curso porque tinha paixão pelo curso, hoje está muito voltada para o mercado de trabalho. O perfil do professor muda [...] Então houve certa mudança porque o aluno hoje é mais politizado [...] (Entr. K 11).

Eu acho que é ter uma reformulação na educação no geral, no Brasil todo. Está havendo uma reformulação como um todo, mas a gente sabe também que as coisas a gente não muda do dia para a noite, ela é processual. Ainda há muitas coisas antigas no meio das novas e essas coisas andam muito entrelaçadas, mas há mudança e eu acho que para melhor, para que o aluno realmente pense e construa o seu conhecimento não é mais aquela coisa dada pronta (....) (Entr. K 12).

Totalmente. Até a forma como entrávamos na sala de aula era diferente, o professor exercia uma postura hierárquica em relação aos alunos. [...] (Entr. K 13).

Sim, com certeza. Eu acho que a gente tem muito a avançar, mas já mudamos bastante. Já temos outra visão, já temos outra prática. É certo que algumas escolas tradicionais não mudaram, carece ainda de um termo de qualidade. E até mesmo alguns professores que resistem um pouco às mudanças, mas eu acho que avançamos muito (Entr. K 14).

A totalidade dos participantes realça uma reformulação das práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde e salientam em seu discurso que estas mudanças não só foram causadas por demandas sociais, econômicas e políticas no âmbito da Educação Profissional, como resultaram de alterações no comportamento e características do aluno, do professor e do processo ensino-aprendizagem em questão. Dessa forma, as suas causas mesclam-se às suas implicações, tornando difícil atribuir isoladamente os fatores motivadores que contribuíram para essas mudanças, assim como o que facilita e dificulta a sua permanência e/ou evolução.

Quando os entrevistados relacionam as práticas tradicionais de ensino às mudanças que comumente vem ocorrendo na educação, é possível nos reportar a Penin (2001, p.37) que destaca as “diferentes formas de acesso ao saber”, a necessidade de “incorporação das experiências dos alunos”, a “superação de uma prática pedagógica arcaica, estagnada” e de “uma educação mais formativa que permita aos alunos serem sujeitos ativos de seu próprio processo de aprendizagem”.

### **3.2.3 Fatores Motivadores, Facilitadores e/ou Dificultadores**

Os docentes entrevistados consideram que os mesmos fatores atuam como causas e implicações da reformulação das práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde e como estratégias que facilitam ou dificultam a reformulação supracitada:

Eu acho que é suscitada pela necessidade de uma melhor profissional hoje né. [...] Eu penso que a causa disso é a demanda social mesmo de trabalho, de mudança dentro da produção de trabalho e o caminho dessa modificação vai trazer um profissional bem informado [...]. Uma grande dificuldade que temos hoje nos campos de trabalho é a pouquíssima aceitação desses profissionais, que também foram alunos, que existem pessoas que precisam aprender [...] (Entr. K 2).

Então, eu acho que isso é um movimento de constatação de que há necessidades de reformulação (...). Agora o que acontece é que tem havido muitas reformulações curriculares então você já consegue colocar isso no papel [...], mas sair do papel isso é, para a formação, para cabeça das pessoas, isso é um outro ‘departamento’ (Entr. K 3).

Outra coisa que eu acho dificultador é a leitura dos alunos, o tempo que eles gastam para estudar, eles não querem estudar, não querem ler, não conseguem compreender textos. [...]. O que facilita a minha prática é que a gente tem muitas pesquisas [...]. Eu gosto de estar mostrando tudo que ele pode estar usando na prática (Entr. K 4).

O que facilita é você ter acesso à biblioteca, ao laboratório, aos equipamentos para você dar aula, os recursos na sala de aula, treinamentos que a gente tem facilitam bastante a qualificação do professor. O que dificulta, olhe são tantas. A gente tem que aprender a conviver com as diversidades para melhorar. [...], em relação ao comportamento do aluno [...], o que dificulta também é que a gente não sabe até onde ir com os alunos [...], a questão de vestimenta, a forma como se dirigem ao professor [...] (Entr.K 6).

Facilitar eu acho que é o próprio estímulo no meio em que a gente vive, esses investimentos, o inventivo da direção e das coordenações da escola, eu acho que isso favorece e muito [...] eu gosto muito de estudar a questão da educação profissional além da área específica da enfermagem [...]

Sensibilidade pedagógica [...] a sensibilidade pedagógica e a relação professor-aluno (Entr. K 8).

E como dificuldades a gente encontra, no ponto de vista institucional, talvez devido à incipiência na questão da pesquisa no ensino técnico na realidade local. Na nossa realidade local ainda é uma novidade então a gente está tendo que trabalhar a cultura e não só a cultura do aluno, mas também a do professor (Entr. K 9).

Bom, eu acho que o tempo é uma coisa muito importante, está certo. E esse tempo e o uso dele, ele é essencial. Porque assim, trabalhar em cima de problematização da realidade, buscar, pesquisar aquela realidade, voltar à teoria, voltar à prática e estar fazendo esses movimentos com o aluno, está certo, eu acho que é isso. [...] Então eu acho que o tempo, não é que seja facilitador ou dificultador, mas ele é extremamente precioso nesse processo de formação (Entr. K 10).

[...] o que facilita é o interesse do aluno e os recursos tecnológicos [...] mas o material humano eu acho o mais importante que é o interesse do aluno, o preparo e a motivação do professor [...] (Entr. K 11).

[...] O lado positivo é as pessoas mais dinâmicas e menos passivas que buscam esse conhecimento, mas um lado negativo é que muitas vezes os alunos confundem os papéis. [...] Eu acho que a gente está ainda no caminho de encontrar o elo para que as coisas se equilibrem de fato (Entr. K 12). Hoje eu estou vendo como dificultador o comportamento dos alunos [...], outra coisa é os próprios professores, tem colegas que não conseguiram acompanhar esse processo de transformação (Entr. K 12).

O acesso a equipamento e tecnologias, como multimídia, além de acervo de livros adequados, laboratórios e os próprios cenários de práticas, como hospitais, ambulatorios, postos de saúde [...] a falta [...] dificulta a aprendizagem do aluno (Entr. K 13).

O que pode facilitar é a possibilidade da gente está estudando mais. O fato de a gente ter mais disponibilidade, de ter direito de fazer cursos e participar de eventos. Então, tudo nos atualiza. As próprias condições de trabalho. O que dificulta em primeiro lugar é a burocracia [...], o excesso de trabalho que a gente tem muitas vezes a gente tem que fazer ensino, pesquisa e extensão e ainda estudar [...] (Entr. K 14).

Verifica-se nos excertos acima, que dentro dessa categoria, 93% das entrevistadas apontam o perfil do aluno e o uso de novas metodologias didático-pedagógicas como fatores motivadores e, quando presentes ou ausentes, atuam como facilitadores ou dificultadores das práticas pedagógicas dos professores no Ensino Técnico em Saúde. Enquanto isso, 57% destacam o acesso a diversos recursos, materiais e equipamentos disponíveis e a qualificação profissional como fatores marcadamente relevantes. O tempo e/ou sobrecarga de trabalho e a exigência do mercado de trabalho são considerados por 43% dos entrevistados; 71% realçaram a conscientização do professor como requisito para a mudança; 57% destacaram a relevância da pesquisa científica para essa reformulação, a partir da qual o professor não só melhora a sua prática pedagógica, mas desperta o interesse e a curiosidade dos alunos e apenas 01 profissional apontou claramente a integração entre as disciplinas como um fator significativo para as mudanças ocorridas.

Ainda no que diz respeito aos agentes facilitadores e dificultadores, 7% destacaram que a falta de aceitação dos discentes matriculados no Ensino Técnico em Saúde pelos profissionais já inseridos no mercado de trabalho se caracteriza em um fator dificultador e, assim, 14% apontaram que se faz necessária a mudança de Comportamento dos Profissionais e/ou dos Serviços, de modo que acompanhem a evolução da modalidade e seus avanços junto às demandas do mercado de trabalho.

### 3.3 Pesquisa científica

Nesta classe temática definimos 05 (cinco) categorias, sendo elas ‘Concepções’, ‘Participação em grupo de pesquisa’, ‘Projetos e/ou Pesquisas em Desenvolvimento’, ‘Motivação’ e ‘Influência na prática pedagógica’ de onde emergiram um total de 18 (dezoito) subcategorias, expostas nos **Quadros 4 e 5** consideradas pelos participantes para responderem aos questionamentos descritos abaixo:

- *Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.*
- *Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?*
- *Como foi o seu contato com a pesquisa científica?*
- *Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?*
- *Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?*
- *Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?*

-Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

- E atualmente, o que lhe motiva?

| Classe Temática     | Categoria                         | Subcategoria                                                                                                      | K 1 | K 2 | K 3 | K 4 | K 5 | K 6 | K 7 | K 8 | K 9 | K 10 | K 11 | K 12 | K 13 | K 14 |
|---------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|------|------|------|------|
| Pesquisa Científica | Concepções                        | Busca de conhecimentos                                                                                            | *   | *   |     | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *    | *    | *    | *    | *    |
|                     |                                   | Melhoria das condições de trabalho e/ou do processo ensinar-aprender                                              | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *    | *    | *    | *    | *    |
|                     |                                   | Melhoria de vida da população                                                                                     |     | *   | *   | *   |     | *   |     |     |     | *    | *    |      |      | *    |
|                     |                                   | Relaciona apenas com cursos de pós-graduação                                                                      |     |     |     |     |     |     |     |     |     |      |      |      |      |      |
|                     |                                   | Relaciona de forma ampla com a busca de conhecimento                                                              | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *    | *    | *    | *    | *    |
|                     |                                   | Preocupação com a utilização adequada da pesquisa científica                                                      | *   | *   | *   |     |     | *   |     |     |     |      | *    |      |      |      |
|                     |                                   | Dificuldades para realização: tempo limitado, cumprimento de prazos, sujeitos envolvidos, formação, entre outros. | *   | *   | *   | *   | *   |     | *   | *   |     | *    |      | *    |      | *    |
|                     |                                   | Associação teoria e prática                                                                                       | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *    | *    | *    | *    | *    |
|                     | Participação em grupo de pesquisa | Sim                                                                                                               | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *   | *    | *    | *    | *    | *    |
|                     |                                   | Não                                                                                                               |     |     |     |     |     |     |     |     |     |      |      |      |      |      |

|  |                                            |                                                                                             |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|--|--------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
|  | Projetos e/ou Pesquisas em desenvolvimento | Sim                                                                                         | * |   | * | * | * | * |   | * | * | * | * | * | * | * |
|  |                                            | Não                                                                                         |   | * |   |   |   |   | * |   |   |   |   |   |   |   |
|  | Motivação                                  | Crescimento e/ou Qualificação profissional                                                  | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * |
|  |                                            | Curiosidade, Inquietação, Satisfação e/ou interesse pessoal motivado por si ou pelos alunos | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * |
|  |                                            | Melhorar aspecto específico de sua prática profissional                                     | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * |
|  |                                            | Pesquisar temáticas específicas                                                             | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * |
|  |                                            |                                                                                             |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|  | Influência na prática pedagógica           | Concorda                                                                                    | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * |
|  |                                            | Discorda                                                                                    |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |

**Quadro 4 – Pesquisa Científica por entrevistado**

### 3.3.1 Concepções

Especificamente no que se prende com as concepções das entrevistadas sobre pesquisa científica verificamos que as professoras associam-na diretamente à busca de conhecimentos, melhoria das condições de trabalho e/ou do processo ensinar-aprender e à melhoria de vida da população. Além disso, salientam a preocupação com a utilização adequada da pesquisa científica, dificuldades para realização como tempo limitado, cumprimento de prazos, sujeitos envolvidos, formação, entre outros. E inter-relacionam, com frequência, o dueto teoria e prática. De forma a ilustrar estes resultados, eis alguns excertos:

A pesquisa é a busca de conhecimento. Conhecimentos que são empíricos a cerca de um assunto, a cerca de um fenômeno que você quer pesquisar e que você busca para sair do empirismo (Entr. K 1).

Então, a pesquisa científica vem no sentido de trazer melhoras a esse fazer profissional de ponta [...], o profissional desempenha para melhorar as condições de trabalho e melhorando as condições de trabalho você tem uma melhora de vida de uma população, de um país e de uma região. Pesquisa científica está aí para ajudar a população crescer, fazer o mundo caminhar. Nem sempre as coisas acontecem assim a contento e no final você tem esse objetivo atingido, muita pesquisa científica se perde no meio do caminho [...] (Entr. K 2).

Eu acho que a busca do conhecimento para mim é algo que me dá um enorme prazer, mas é angustiante. e você ir buscar sem ter o tempo necessário, com essas histórias dos prazos (....) Então a pesquisa científica possibilita que você vá atrás de inovações, reflita sua prática o que é que tem de novo, reveja concepções. Eu acho fantástico, qualquer nível que seja, [...] (Entr. K 3).

A pesquisa científica ela vai respaldar a prática. Desconhecer a pesquisa vai fazer a nossa prática muito sem evidências e isso não é o caráter de uma escola. Ela vem respaldar a nossa prática e vice-versa, a formação deve utilizar as pesquisas (Entr. K 4).

Eu sou, desde o início, eu sou apaixonada por pesquisa né. E acho que ela está inserida em todos os níveis da educação. É tanto que aqui na escola nós temos um programa de pesquisa para o ensino técnico, porque eles têm muito a colaborar. Não é porque eles não são graduados que eles não podem estar inseridos em projetos. Podem. Isso até ajuda muito o crescimento deles. A questão investigativa dele começar a buscar um problema, dele tentar a solução. Porque a pesquisa, não necessariamente, precisa ser uma pesquisa científica, ele pode fazer uma intervenção no local de trabalho ... (Entr. K 5)

[...] é um recurso que a gente utiliza para elucidar um problema, algo que inquieta a gente. Para mim a pesquisa se baseia nisso. Algo me inquieta e eu vou me aprofundar naquilo e saber os por quês. Por quê? Onde? Como? Isso é o básico da pesquisa para poder a gente melhorar a qualidade da assistência, melhorar o conhecimento da área e melhorar a qualidade de vida das pessoas de modo geral (Entr. K 6).

A entrevistada K7 destaca em sua fala a influência da pesquisa científica nas práticas pedagógicas do Ensino Técnico em Saúde, entretanto, salienta que não se sente como pesquisadora, como destaca o excerto abaixo:

Eu não me acho uma pesquisadora não. Na verdade eu gosto de estudar mas não tem esse espírito, gosto de investigar, mas não me considero com esse espírito de pesquisador, mas gosto de participar de trabalhos, gosto de ver alunos envolvidos e no passado isso não acontecia. Os alunos do curso técnico só tinham aulas teóricas, teórico-práticas e práticas. Hoje nós vemos nossos alunos sendo bolsista de pesquisa, participando de congressos de iniciação científica, participando de eventos. O aluno hoje tem sede de pesquisar, de aprender. Então eu tenho apreendido por que eu não tenho esse

espírito de pesquisa, mas não me entrego de jeito nenhum, estou sempre buscando, sempre querendo aprender. [...], a gente sabe que o instrumento de pesquisa está em nossas mãos. Infelizmente, a gente não tem noção de quanto a gente tem de riquezas de informações para desenvolver pesquisas. E infelizmente o que nos faz falta é tempo para realizar essas pesquisas (Entr. K 7).

Colocações como estas denotam o amplo espectro do conceito que envolve a pesquisa científica e do significado atribuído ao substantivo pesquisador, pois se considerarmos pesquisa apenas aquele instrumento formal, com normatizações e aspectos pré-definidos, para atender a um objetivo específico, certamente estaremos limitando a amplitude e as implicações do mundo que envolve o estudar, aprender, apreender, construir e desconstruir de forma coletiva e sem amarras. Além disso, faz-nos recordar a diferenciação realizada por Demo (2002, p. 78-79) entre “pesquisador profissional – dedicado à reconstrução do conhecimento sistematicamente, sobretudo quando faz isto exclusivamente em institutos de pesquisa” e “pesquisador propedêutico – que se sustenta na pesquisa como método de atualização permanente e de reconstrução do conhecimento, alimentando-a como meio de inovação constante”.

Nesse contexto, André (2001, p. 61) destaca como possibilidades de articulação entre ensino e pesquisa na formação docente a construção coletiva de disciplinas e atividades, de forma a desenvolver habilidades e atitudes de investigação; o uso da pesquisa como mediação no cotidiano da sala de aula, a fim de contribuir para que discente e docente discutam sobre sua ação e os resultados obtidos; a inclusão dos objetos de estudo do docente no campo da pesquisa dentro dos conteúdos a serem trabalhados com os alunos, possibilitando-lhes refletir sobre “os resultados de suas pesquisas, os dados analisados, a metodologia utilizada, para que, a partir daí, possam propor e gerar novos problemas”.

Ainda destacando algumas conceituações sobre o campo da pesquisa científica possíveis de extrair das entrevistas realizadas, eis que apresentamos alguns excertos:

E uma pesquisa científica contribui e muito para toda a educação como para todo o contexto social, político. Pesquisa científica realmente avança. A gente diz que as profissões vão surgindo dependendo das necessidades da sociedade, então as pesquisas são importantes para toda a evolução da sociedade. O que a gente não tinha e temos hoje tem tudo a ver com pesquisa (Entr. K 8).

Pesquisa científica é uma aventura, é uma descoberta. É a possibilidade de você apenas não só decorar conceitos, mas de você aprender a aprender, de vivenciar possibilidades e aí tem a verdadeira conexão mental. A partir do momento que você busca. A primeira coisa que precisa ter no exercício da pesquisa é a vontade de

busca e como um exercício de descoberta. Não tem nada a ver com algo estático, a pesquisa movimenta a pesquisa, é descoberta, é enriquecimento (Entr. K 9).

[...] Bom, na realidade a gente tem buscado trabalhar a pesquisa, está certo, já há algum tempo, mas não é algo simples, nem fácil. Porque sempre no ensino médio as pessoas acham, principalmente as agências de fomento acham que o pessoal de nível médio não é capaz da pesquisa científica, mas eu acho que eles tão dando, assim, um banho. A gente tem visto ultimamente os nossos alunos trabalhando juntamente com a gente, sendo bolsista PIBIC do ensino médio e fazendo as suas atividades e assim, isso dá um salto de qualidade no conhecimento deles que é impressionante (Entr. K 10).

Desde que eu me entendo de gente eu indago muito (risadas), mas o meu contato inicial foi quando eu era enfermeira [...] e eu comecei a indagar a vida daquelas vítimas de traumatismo [...] e aquilo tudo me instigou [...] (Entr. K 11).

A pesquisa é o campo para desenvolver as atividades científicas. É tudo que a gente não tem certeza, que é os achismos, desenvolvendo uma pesquisa você tira aquele objeto do achismo e passa para o científico com certeza. A pesquisa ela é de suma importância para o desenvolvimento do país como um todo. As coisas só andam com pesquisa e estudo, com confirmações científicas, nos ajuda a confirmar aquele conhecimento e fundamentar aquele conhecimento (Entr. K 12).

A pesquisa científica faz com que reflitamos sobre a nossa própria prática [...] a pesquisa é tida como um instrumento para a prática reflexiva e ela é necessária para que tenhamos uma atitude reflexiva e crítica sobre nossa própria prática pedagógica (Entr. K13).

A pesquisa científica hoje ela está imbrincada em todas as áreas. Não só na saúde. Então, a gente precisa para crescer e se desenvolver. Precisa da pesquisa científica porque tudo hoje é baseado em evidências científicas. Então, a pesquisa é fundamental. Não só no ensino técnico como nas graduações. Então, hoje a pesquisa tem que estar em todos os níveis de ensino. Eu acredito que até nas formações iniciais. Ensino básico e fundamental e no ensino médio. A gente vê que a pesquisa está tomando uma dimensão que não se volta mais pela sua necessidade e pela sua valorização. Até se a gente quiser crescer como nação a gente precisa desenvolver a pesquisa científica (Entr. K 14).

Quando questionados sobre as concepções que possuem acerca de pesquisa, as opiniões dos entrevistados entram em consonância com autores como Demo (2001, p. 16) para o qual “pesquisa é o processo que deve aparecer em todo o trajeto educativo, como princípio educativo que é”, além disso, segundo o autor

“pesquisa não é só busca de conhecimento, nem pode ser um ato isolado, mas igualmente atitude política e processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem [...] se educar é, sobretudo, motivar a criatividade do próprio educando, para que surja o novo mestre, jamais o discípulo, a atitude de pesquisa é parte intrínseca” (p.16-18).

### 3.3.2 Participação em grupo de pesquisa

Conforme exposto no **Quadro 4**, a totalidade das participantes do estudo participam ou participaram no mínimo uma única vez de grupos de pesquisa e neles se inseriram por ocasião da graduação, especialização ou mestrado, porém apenas a entrevistada K2 afirmou já ter participado de grupo de pesquisa, mas no momento estar afastada devido ao acúmulo de várias atribuições, inclusive cargo de chefia, referindo participar de projetos de extensão e manifestando forte anseio de retornar ao desenvolvimento de pesquisas científicas, inclusive já destacando temáticas de seu interesse. Salientaram inclusive a carência no que tange à participação com pesquisas ou grupos ou projetos de pesquisas enquanto estudantes de graduação. É possível destacar os excertos abaixo no que tange a essa categoria:

Já fui integrante da base de pesquisa [...], hoje eu estou afastada, bem afastada [...] eu participo de projetos de extensão [...] estou cheia de planos para quando deixar a coordenação inclusive fazer pesquisa [...] (Entr. K 2).

Atualmente participo do grupo da escola de território e saúde [...] e estou vinculada com o PIBIC-EM (Entr. K 3).

Eu não participei de grupo ou base como estudante. Eu vim participar de grupos depois da especialização, mas foi mais no mestrado e até hoje participo [...] É muito importante por que a gente vai discutir temas que vão enriquecer a nossa sala de aula e vai nos desafiar a envolver alunos no grupo (Entr. K 4).

Hoje eu participo de duas bases, uma de vigilância em saúde, que é com o pessoal da graduação e da especialização. E temos a nossa base, Saúde e Sociedade, que engloba os três níveis [...] eu estou com dois alunos PIBIC, ensino médio, que é como a gente [...] pesquisa para o nível médio (...) o técnico, o graduando, o graduado e o mestrando [...] tem uma relação de aprendizagem, de troca, muito grande e acho que eles têm que ser inseridos nesse campo (Entr. K 5).

Eu participei de bases de pesquisa do departamento durante muito tempo. Aqui na escola nós participamos, mas está um pouco parada, com poucas reuniões, sem muito desenvolvimento (Entr. K 8).

Na faculdade tinha grupos de pesquisa, eu participei. E durante a pós-graduação eu participei de grupos de pesquisa [...] e atualmente eu participo tanto na coordenação como colaborador também (Entr. K 9).

Participava de grupos de estudo aqui mesmo dentro da escola, dentro da universidade das bases de pesquisa. [...] Depois vieram os grupos. Atualmente participo do grupo Saúde e Sociedade, um grupo nosso aqui da escola [...] (Entr. K 10).

Atualmente eu participo de duas bases de pesquisa [...] Em uma eu estou como pesquisadora e outra como aluna. É muito bom porque é lá nas reuniões que a gente ouve as outras pesquisas, sabe quais são as indagações e sabe como você está. É muito enriquecedor (Entr. K 11).

Participo de um grupo meu lá do doutorado e também tem o daqui da escola e tem o do hospital. Tenho 03 grupos de pesquisa, inclusive o do hospital eu sou a coordenadora (Entr. K 12).

Sim [...]. de dois, um na EEN e outro na pós-graduação em Enfermagem/UFRN (Entr. K 13).

Sim, participo da base aqui da escola e da base da pós-graduação (Entr. K 14).

Os professores que atuam no campo empírico desta pesquisa participam, em sua maioria, de um grupo de pesquisa denominado *Saúde e Sociedade*, conforme relatado em alguns excertos das entrevistas. Este grupo faz parte do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, vinculado a CNPq, agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Este grupo foi formado em 2011 por professores da EEN/UFRN, a fim de institucionalizar a pesquisa internamente.

Este grupo possui 03 (três) linhas de pesquisa “*Cuidar em saúde e enfermagem*”, “*Território, saúde e educação*” e “*Vigilância em Saúde*”, objetivando, de modo geral, fomentar a investigação em saúde e buscar a abrangência direta de dois aspectos importantes da produção do conhecimento em saúde, a saber: o aspecto da problematização da saúde à luz da interface com os saberes das ciências humanas e sociais e o aspecto atual dos avanços e desafios do Sistema Único de Saúde, a partir da relação com diversas instituições do setor produtivo do município de Natal/RN. Participam deste grupo no momento cerca de 30 (trinta) pesquisadores, 09 (nove) técnicos e 31 (trinta e um) estudantes, conforme dados obtidos através do diretório do CNPq, porém é válido destacar que o mesmo vem passando por acréscimos em seu pessoal e também em sua produção científica, devido à busca por qualificação continuada dos sujeitos participantes.

### **3.3.3 Projetos e/ou Atividades em desenvolvimento**

Os resultados apontados no quadro acima apontam que apenas 14% das professoras não estão atualmente com projetos e/ou atividades em desenvolvimento, enquanto que 86% participam como coordenadora ou colaboradora de projetos e/ou atividades. Aquelas que não estão com projetos ativos de pesquisa, encontram-se envolvidas com eventos, atividades ou

projetos de extensão, que de certa forma levam-nas a permanecerem constantemente na busca pelo conhecimento.

Tem um projeto do PIBIC-EM com bolsista de pesquisa onde a gente está vendo as práticas desenvolvidas pelos técnicos de enfermagem na atenção básica. O que a gente está vendo é como isso está distante por isso a atenção nessa instrumentalização por que como a gente está vendo que esta geração de técnico que está nos serviços de atenção básica é uma geração mais antiga, como é pouco instrumentalizada para lidar com as questões da prática educativa (Entr. K 3).

Eu tenho uma pesquisa, que a gente está fazendo relatórios, em gestão em saúde no pacto pela saúde que me motiva muito. E tem outras pesquisas que eu atuo como colaboradora (Entr. K 4)

Tenho um projeto com a graduação [...], dois projetos com PIBIC-EM [...], atualmente eu tenho dois bolsistas PIBIC-EM, um bolsista de iniciação científica e duas mestrandas (Entr. K 5).

Tenho um projeto de pesquisa para avaliar o conhecimento dos enfermeiros dos hospitais que atendem tuberculose infantil aqui em Natal. E tenho dois bolsistas PIBIC-EM (Entr. K 6).

Não, não. Faço parte de grupos, mas eu encabeçando não (Entr. K 7).

Quer dizer, como coordenadora não [...]. Eu tenho um projeto da professora [...] que eu faço parte como colaboradora (Entr K 8).

Tenho menos projetos e mais atividades de orientação. Orientação de mestrado e o que eu estou mais vinculada com a questão da pesquisa (Entr. K 9).

Estou encerrando o projeto de pesquisa sobre as ex-diretoras da escola [...]. Tenho o projeto do PPSUS [...] (Entr. K 10).

Sim, atualmente eu tenho 03 pesquisas da PIBIC/EM e tenho 03 bolsistas [...]. As 03 estão em andamento e estou esperando a aprovação do comitê de ética de 02, porque de outra já tenho [...] (Entr. K 11).

Tenho sim, o do próprio doutorado. Tenho 02 projetos hoje que estão ligados ao doutorado (Entr. K 12).

01 projeto e 03 planos de pesquisa (Entr. K 13).

Sim. Tem o projeto de doutorado que eu ainda estou amadurecendo e tenho um projeto do PIBIC-EM (Entr. K 14).

O PIBIC como um todo foi o primeiro programa institucional criado para a Iniciação Científica. A bolsa de Iniciação Científica é uma modalidade concedida pelo CNPq desde

sua fundação em 1951. O principal objetivo da bolsa era, inicialmente, despertar jovens talentos para a ciência. Ao longo do tempo, os objetivos dessa modalidade foram ampliados e diversificados. Atualmente, a Iniciação Científica é concedida por meio de programas institucionais via Chamadas Públicas de propostas lançadas periodicamente. Atualmente, existem os programas institucionais de iniciação científica, cuja concessão é feita às instituições que se candidatam por meio de Chamadas Públicas de propostas lançadas periodicamente (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 2013).

Os programas institucionais dirigidos aos estudantes do Ensino Superior são: o PIBIC, o PIBIC-Af, o PICME e o PIBITI. Os programas voltados para os estudantes do Ensino Médio e Fundamental são: a PIC-OBMEP, o IC-Jr/FAPs e o PIBIC-EM.

O PIBIC-EM citado por várias professoras entrevistadas tem por objetivos fortalecer o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos e tecnológicos básicos, e desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes, conforme regulamenta a Norma Específica RN 017/2006. O PIBIC-EM faz parte dos Programas Institucionais de Iniciação Científica e Tecnológica, voltado para o desenvolvimento do pensamento científico e iniciação à pesquisa de estudantes do ensino médio (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 2013).

De acordo com a RN 017/2006, no caso do PIBIC-EM, o aluno tem direito a bolsa com duração de 12 (doze) meses, se implementada logo no início do ano, para que as instituições sejam contempladas elas já devem ter PIBIC e/ou PIBITI; serem escolas de nível médio, públicas de ensino regular, escolas militares, escolas técnicas ou escolas privadas de aplicação. Para participar, as Instituições devem ficar atentas à chamada pública de propostas para o processo de inscrição no segundo semestre de cada ano, em geral, entre os meses de agosto e setembro, em editais na página oficial do Ministério.

Ainda conforme a Norma Específica citada anteriormente, o pesquisador-orientador deve atender a requisitos como estar vinculado à instituição de Ensino e/ou Pesquisa que participe do PIBIC ou PIBITI; desenvolver pesquisa científica, e ser, preferencialmente, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Para participar, deve se submeter a processo de seleção realizado em sua instituição de vínculo e permanecer atento aos prazos estipulados em sua instituição. Por sua vez, os estudantes interessados devem cursar ensino médio em instituições que participem do programa, e participar regularmente das atividades

do programa. Para participar devem procurar, em sua área de interesse, um pesquisador que esteja disposto a integrá-lo em sua pesquisa e a orientá-lo.

### 3.3.4 Motivação

Quando questionados sobre o que lhes impulsionaram ou impulsionam a desenvolver pesquisas científicas, a totalidade das professoras apontaram como fatores motivadores crescimento e/ou qualificação profissional, curiosidade, inquietação, satisfação e/ou interesse pessoal motivado por si ou pelos alunos, melhoria de aspecto específico de sua prática profissional e pesquisa de temática específica relacionada a sua atividade profissional, conforme exemplificados nos enunciados a seguir:

Bem a minha motivação primeira é que quem é docente tem que crescer, você não pode ficar num patamar onde você não busca desenvolver sua parte intelectual, para realmente conhecer sua prática e ter subsídios para orientar seus alunos (Entr. K1).

Então se você tem uma experiência na prática tem que trazer para a sala de aula [...] Sim, esse que falei as práticas educativas [...] foram os cursos que fiz as formações e, desde cedo, antes de me formar, eu já estava na prática do serviço de saúde [...] Então assim a gente estava sempre estava pensando e inovando alguma coisa, mas era muito difícil [...] (Entr. K 3).

Gosto de pesquisa desde estudante, mas sinto a questão do tempo como limite e minha formação como desfavorável. [...] Comprovar ou evidenciar as hipóteses, as questões do ensino ou da prática. O que realmente me motiva é perceber as evidências comprovadas do que “achamos”, temos que sair dos achismos e com a pesquisa isso muda (Entr. K 4).

Sempre eu questionava o problema, eu tentava solucionar, então isso foi me dando subsídio para me envolver diretamente com pesquisas [...] Eu até acrescento assim, porque eu acho que o aluno lhe faz buscar também (Entr. K 5).

[...] Eu queria ser professora, uma pesquisadora igual a minha orientadora que admiro demais [...]. Quando a gente é aluno, o maior incentivo é a bolsa e quando eu entrei como bolsista abre outro mundo, outro leque, é como se tivesse uma trava [...]. Então tudo que incomodava eu já tinha vontade de fazer uma pesquisa, o olhar já muda. [...] eu quero ser uma pesquisadora [...] quero melhorar a prática da assistência [...] (Entr. K 6).

O que me levou inicialmente foi para atender a eventos [...]. Eu acho que a principal motivação é de conhecer o meu trabalho. Eu como enfermeira e docente de curso na área da saúde tenho como privilégio que tanto posso pesquisar coisas específicas na área da enfermagem como também posso estar investigando a parte pedagógica aqui da escola (Entr. K 7).

Eu gosto muito de estudar (risadas). Então, quando a gente alega muito a falta de tempo, mas quando a gente começa a participar e estudar aí realmente eu me empolgo. [...], até para a contribuição, para a melhoria do ensino de todo o processo ensinar-aprender (Entr. K 8).

Vontade de busca [...] vontade de querer entender os processos. A certeza de que o conhecimento ele não é acabado, ele é acumulativo. Então, essa vontade de entender essas camadas do conhecimento de buscar e aplicar isso na nossa realidade da enfermagem (Entr. K 9).

No começo como aluna a gente ficava muito mais restrita aos casos clínicos, às práticas e de certo tempo para cá a área da educação, a parte da formação, da aprendizagem, do desenvolvimento, do curriculum e de todo o processo de aprendizagem (...). A questão da formação, que formação é essa que a gente oferece para os nossos jovens trabalhadores? Como é que ele está recebendo esse conhecimento e levando para o campo da prática e do SUS, que diferença ele está fazendo no mundo do trabalho? (Entr. K 10).

[...] é a responsabilidade social e de você querer sempre colaborar com alguém porque o que existe de mais importante na vida são as pessoas e a gente faz pesquisas para as pessoas. Minha preocupação foi buscar respostas e meios de responder as minhas indagações e minhas inquietações para ajudar pessoas em situações que deixa a gente mexida [...] e crescer como profissional. À medida que você pesquisa você aprende e a questão do status também, porque um professor não pode parar ele sempre tem que está estudando e se atualizando (Entr. K 11).

Eu entrei com a cabeça de ser professora e logo em seguida consegui. Hoje o que segura na pesquisa é que quero terminar o doutorado (risadas) não vou ser hipócrita, mas também porque nós crescemos. É muito gostoso você estudar, ler e você abre sua cabeça para outras coisas [...]. São desafios, mas nesses desafios você cresce [...] Eu vejo que a pesquisa é isso um conhecimento novo, um desafio é algo que você vai buscar para sua vida (Entr. K 12).

A oportunidade de refletir sobre minha prática e de produzir instrumentos e procedimentos de comunicação. [...] A pesquisa permite a elaboração e construção de nosso próprio conhecimento, a partir do conhecimento de outros pesquisadores (Entr. K 14).

O envolvimento do PIBIC foi antes do doutorado. E por causa da própria concepção da universidade de ensino, pesquisa e extensão e eu não queria ficar longe da pesquisa, porque eu já tinha terminado o mestrado. Esse projeto do PIBIC-EM me permitiu voltar para a pesquisa. Meu objetivo foi me manter, porque quando a gente se envolve muito na atividade de ensino a gente esquece um pouquinho da pesquisa até pela sobrecarga de trabalho. Então, esse projeto PIBIC me permitiu voltar. Bom, atualmente, é o meu doutorado (risadas) (Entr. K 14).

Analisando as motivações das entrevistadas para o desenvolvimento de pesquisa científica, fazemos um paralelo com o que coloca Demo (2002, p. 38) sobre os desafios da

pesquisa para o professor – “(re) construir projeto pedagógico próprio, textos científicos próprios e material didático próprio, inovar a prática didática e recuperar constantemente a competência” e percebemos que como será abordada na categoria abaixo, assim como o autor acima, as professoras deste estudo também concordam que a pesquisa influencia sua prática pedagógica.

### **3.3.5 Influência na prática pedagógica**

Pelas respostas apresentadas, é clara a percepção da totalidade das entrevistadas sobre a influência da pesquisa científica nas práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde. A professora E1 destaca a imbricada relação entre capacitação do professor através de cursos de pós-graduação e o favorecimento do processo ensino-aprendizagem, para ambos os sujeitos – discente e docente. As entrevistadas K2, K4, K12, K13 e K14 relacionam as pesquisas científicas à associação entre teoria e prática.

A Entrevistada K3 aponta a complexidade relacionada à concepção que cada um tem sobre pesquisa, destacando que essa concepção irá determinar a influência ou não sobre as práticas pedagógicas dos professores, a depender dos objetivos de cada sujeito. A entrevistada K5 atribui à pesquisa a busca pelo conhecimento e as possibilidades de mudança. K6 salienta a relevância das evidências científicas. As entrevistadas K7, K8, K9, K10 e K11 destacam a atualização através da pesquisa e a mudança comportamental do discente e do docente ao longo dos anos. Os excertos que se seguem exemplificam o que acabamos de referir:

Com certeza, eu acredito que sim por que você quando faz um mestrado, um doutorado ou orienta um aluno. A visão do professor, a visão para o professor você fica mais maduro [...] Você adquire uma bagagem de conhecimento além daquela aula que você está fazendo, daquela questão técnica simplesmente técnica. Você também aprende a orientar os alunos, estimular eles à pesquisa para que eles formem projetos por que os professores tem que ter projetos de extensão, projetos PIBIC [...] Eu acho que é muito válido para ambas as partes discente como docente (Entr. K1)

Podem, elas podem ter, a como eu disse no começo a prática ajusta a teoria. Então tem uma prática acontecendo que o ensino profissional estar inserido dentro dessa prática. Então em um determinado momento o que existir de conhecimento novo e que vai ser devolvida a essa prática vai influenciar de alguma maneira no ensino técnico sabe? [...] as pessoas que estão fazendo esse ensino técnico e que estão nessa prática elas tenham consciência que vai precisar absolver esse conhecimento novo também e acredita nele e contribuir com ele (Entr. K 2).

Sim e não, depende da sua concepção de pesquisa. Se você tiver essa concepção de pesquisa que eu estou dizendo do produtivismo acadêmico você não está pouco ligando para isso tenha repercussão na prática, e pode levar você, por exemplo, ficar muito mais esnobe, se distanciar mais daquele aluno por que você está de ponta, não trazer esse aluno para reflexão e distanciar mais. Mas, ao contrário, ele pode, na medida em que essa pesquisa proporcione o estudo, a busca do conhecimento; proporcione uma reflexão da sua própria prática, com certeza, na sua prática pedagógica na sua prática você também vai fazer isso [...] É papel do professor despertar isso: a busca do conhecimento no aluno (Entr. K 3).

Com certeza que tem influência. A pesquisa deve nortear a prática. Infelizmente na educação profissional não tem muitas pesquisas na área da saúde e eu fico pensando sobre mim mesma. [...] deve ter mais pesquisa no campo da educação profissional e o técnico de enfermagem deve estar inserido, pois este é essencialmente de cuidado, ate para mudar a postura tecnicista destes (Entr. K 4)

Com certeza, porque na hora que começa a ter pesquisa na área, você começa a despertar o conhecimento, começa a ter mudança de práticas para aqueles que ainda não estão abertos para essa mudança e precisa ter pesquisa que comprove isso. Na medida em que você tem respostas para as [...] deficiências a gente começa a ter que ter o olhar da mudança (Entr. K 5).

Acho que tem total influência. Hoje com essa globalização do conhecimento eu tento sempre me basear em evidências científicas. Hoje, a gente fala muito em saúde baseado em evidências, enfermagem baseada em evidências e todo material eu tento trabalhar em cima disso ( Entr. K 6).

Sim, muito. Na medida em que se vai pesquisando, vai se atualizando na literatura o que há de mais novo. O aluno sai com uma visão muito mais ampla do que o técnico científico possa oferecer.[...] Eu não me lembro, no meu passado há 10 anos, 15 anos, os nossos alunos falarem em trabalho científico e hoje tanto ele busca como é levado a esse estímulo também. (Entr. K 7).

Com certeza, muitas vezes reforça o que a gente faz, entende e concorda. As pesquisas científicas com certeza reforçam, porque você tem muitas vezes uma questão que foi pesquisada, escrita e comprovada, realmente facilita e muito (Entr. K 8).

Sem dúvida acredito [...] (Entr. K 9).

Sim. [...] Porque se na sala de aula a gente está tratando de pesquisa, de buscar [...], e esses alunos já tem um outro olhar, enquanto os outros a gente procurava sistematizar, fechar e ter um produto, esses, eles já dão uma pista para a gente chegar nesse produto [...] E assim, o olhar fica aguçado e com isso a aprendizagem também porque faz uma diferença grande. E quando eu digo aprendizagem, é em toda a sua globalidade [...] Da educação geral ao conhecimento específico [...] a gente forma para a vida não dá para formar só para querer fazer (Entr. K 10).

Sim, o avanço e a pós-modernidade, com tanta mudança de uma forma tão rápida tem que haver pesquisa para que a gente se insira nessas novas mudanças porque de repente você está dando uma aula que aquele contexto já está ultrapassado e se você não está pesquisando e se atualizando você vai ficar obsoleto. É muita importante que exista pesquisa sim (Entr. K 11).

Com certeza. Porque a pesquisa ela faz você refletir, ela contribui para você refletir sua prática. Quando você vai num congresso ou ler um artigo sobre a sua linha de trabalho, ela faz com que você reflita e mude até sua prática (Entr. K 12).

Com certeza. Concordo (Entr. K 13).

Com certeza. Foi uma das coisas que a gente conseguiu mudar a nossa prática foi através da pesquisa (Entr. K 14). Na época da faculdade meu envolvimento com a pesquisa [...] foi muito incipiente [...] depois que a gente faz pós-graduação é que a gente se volta mais para a pesquisa valorizando, vendo a importância e aprendendo um pouco mais e ela se materializou no mestrado. No mestrado oi quando a gente foi saber realmente, na prática mesmo (Entr. K 14).

Assim como foi sugerido pelas professoras deste estudo que a finalidade da pesquisa reflete diretamente na influência que terá ou não sobre sua prática, Freiburger & Berbel (2010, p. 220), preocupam-se com a utilização da pesquisa não só “como princípio educativo, mas científico” no cotidiano escolar e suas implicações para o processo em formação.

Fazendo um paralelo entre os dados coletados nas entrevistas e os teóricos comumente já citados neste estudo, é possível concluir que o desenvolvimento de pesquisas pelos docentes pode e deve favorecer a sua prática pedagógica, entretanto, faz-se necessário ter bem definido a finalidade dessa pesquisa na formação do aluno, de modo a não utilizá-la para simplesmente resolver miraculosamente os problemas do cotidiano escolar, mas pensar, re-pensar, investigar, refletir e criar condições para que na formação os discentes desenvolvam competências e habilidades que lhes permitam atuar profissionalmente de forma autônoma e crítico-reflexiva.

Ainda no que se referem aos apontamentos expostos pelas professoras sobre pesquisa científica - concepções, participação em grupo de pesquisa, projetos e/ou pesquisas em desenvolvimento, motivação e influência na prática pedagógica, tem-se no **quadro 5** uma síntese das opiniões retratadas no **Quadro 4** e nos enunciados anteriores, de modo que é possível destacar que quanto à categoria ‘Concepções’, 93% das entrevistadas não só relacionam diretamente pesquisa científica à busca de conhecimento, como 100% a associam

à melhoria das condições de trabalho e/ou do processo ensinar-aprender, relacionam-na de forma ampla com a busca de conhecimento e não apenas com cursos de pós-graduação e a associam diretamente ao agrupamento teoria e prática; 50% à melhoria de vida da população; 36% expõem preocupação com a utilização adequada da pesquisa científica; 71% apontam dificuldades para realização como tempo limitado, cumprimento de prazos, sujeitos envolvidos, formação, entre outros.

Quando questionadas sobre participação em grupo de pesquisa, a totalidade afirma ser atuante, quer seja como coordenador ou colaborador; e, em relação a projetos e/ou pesquisas em desenvolvimento 86% referem possuir, enquanto que 14% afirmam que não. Quanto aos fatores motivadores para realização de pesquisas científicas, 100% apontam crescimento e/ou qualificação profissional, curiosidade, inquietação, satisfação e/ou interesse pessoal motivado por si ou pelos alunos, melhoria de aspecto específico de sua prática profissional e oportunidade para pesquisar temáticas específicas. 100% das entrevistadas expressaram que a pesquisa científica influencia a sua prática pedagógica.

Demo (2002, p. 46-47), também aponta para inovações da prática didática que ocorrem a partir da pesquisa, como “*meta* – qualidade formal e política; *método* – questionamento reconstrutivo; *meio* – pesquisa e formulação prática e *ética* – combater o fracasso escolar sistematicamente”, assumindo que a “educação pela pesquisa se demonstra nas mudanças didáticas” da atividade docente.

| Classe Temática     | Categoria                         | Subcategoria                                                                                                      | F  | %    |
|---------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|------|
| Pesquisa Científica | Concepções                        | Busca de conhecimentos                                                                                            | 13 | 93%  |
|                     |                                   | Melhoria das condições de trabalho e/ou do processo ensinar-aprender                                              | 14 | 100% |
|                     |                                   | Melhoria de vida da população                                                                                     | 07 | 50%  |
|                     |                                   | Relaciona apenas com cursos de pós-graduação                                                                      | -  | -    |
|                     |                                   | Relaciona de forma ampla com a busca de conhecimento                                                              | 14 | 100% |
|                     |                                   | Preocupação com a utilização adequada da pesquisa científica                                                      | 05 | 36%  |
|                     |                                   | Dificuldades para realização: tempo limitado, cumprimento de prazos, sujeitos envolvidos, formação, entre outros. | 10 | 71%  |
|                     |                                   | Associação teoria e prática                                                                                       | 14 | 100% |
|                     | Participação em grupo de pesquisa | Sim                                                                                                               | 14 | 100% |
|                     |                                   | Não                                                                                                               | -  | -    |

|  |                                            |                                                                                             |    |      |
|--|--------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|------|
|  | Projetos e/ou pesquisas em desenvolvimento | Sim                                                                                         | 12 | 86%  |
|  |                                            | Não                                                                                         | 02 | 14%  |
|  | Motivação                                  | Crescimento e/ou Qualificação profissional                                                  | 14 | 100% |
|  |                                            | Curiosidade, Inquietação, Satisfação e/ou interesse pessoal motivado por si ou pelos alunos | 14 | 100% |
|  |                                            | Melhorar aspecto específico de sua prática profissional                                     | 14 | 100% |
|  |                                            | Pesquisar temáticas específicas                                                             | 14 | 100% |
|  | Influência na prática pedagógica           | Concorda                                                                                    | 14 | 100% |
|  |                                            | Discorda                                                                                    | -  | -    |

**Quadro 5 – Pesquisa Científica por subcategoria**

Observa-se na tabela acima que 36% (trinta e seis por cento) dos profissionais entrevistados compartilham a preocupação com a utilização adequada da pesquisa científica. Demo (2002, p.60-61) afirma que “a pesquisa afastada do compromisso educativo é a expressão típica da mera qualidade formal, por vezes eminente e convincente, na condição de capacidade inovativa e de domínio metodológico”. Além disso, semelhante aos dados obtidos neste estudo, o autor acima também atribui como dificuldades para realização de pesquisas, a concepção “peregrina” frequentemente associada à pesquisa e o excesso de “questões metodológicas, teóricas, empíricas e práticas” que culminam no relatório de pesquisa e muitas vezes em sua finalização.

Ainda sobre a utilização das pesquisas, Gatti (2001) refere que o maior problema na realização das pesquisas diz respeito

“à associação da pesquisa ao imediatismo, o que também caracteriza a educação bancária, ou seja, é depositado nas pesquisas o papel de solucionar os problemas existentes e, na verdade, seu papel é orientar ou oferecer encaminhamentos para a docência”.

Semelhante aos relatos dos entrevistados sobre a importância da pesquisa, Baracho (2006) e Moura (2006; 2007) também destacam que

“essa atitude de inquietação diante da realidade potencializada pela pesquisa, quando despertada nas primeiras fases escolares, contribui para que, nas faixas etárias e níveis educacionais mais avançados, o sujeito possa, individual e coletivamente, formular questões de investigação e buscar

respostas na esfera mais formal no âmbito acadêmico, seja na forma aplicada ou na denominada pesquisa de base/acadêmica, como também em outros processos de trabalho, em um processo autônomo de (re) construção de conhecimentos” (MOURA, 2007, p. 49).

Os autores acima relacionam ainda a “edificação da autonomia intelectual dos sujeitos frente à (re) construção do conhecimento e outras práticas sociais, o que inclui a conscientização e a autonomia diante do trabalho, à necessidade de fortalecimento da relação entre o ensino e a pesquisa”, através da qual estimula-se

“o desenvolvimento das capacidades de, ao longo da vida, interpretar, analisar, criticar, refletir, rejeitar idéias fechadas, aprender, buscar soluções e propor alternativas, potencializadas pela investigação e pela responsabilidade ética assumida diante das questões políticas, sociais, culturais e econômicas” (MOURA, 2007, p. 49).

Freiberger & Berbel (2010, p.209) também compartilham da importância da pesquisa para a superação de modos tradicionais de organização e execução do trabalho pedagógico e “ideias cristalizadas” que “impedem a reorganização dos tempos e espaços escolares, a criação e ampliação de situações de ensino inovadoras e a realização de um trabalho educativo diferenciado”.

Na análise de conteúdo da classe temática ‘*Pesquisa Científica*’, é possível perceber que as opiniões das entrevistadas sobre o que entendem por pesquisa não são consensuais. Esta é uma questão por vezes discutida por autores que estudam essa temática, como aqueles citados acima. Infelizmente, persiste o uso variado da palavra *pesquisa*, o que contribui para que se atribua a ela diversos significados, ora convergentes, ora divergentes. Como aponta Freiberger & Berbel (2010, p. 222), não é difícil encontrar sujeitos que a confundam com “meras consultas ou reprodução de textos e informações” e não com “problematização, despertar do espírito crítico e reflexivo, e desenvolvimento de competências e habilidades nessa direção”.

Para Demo (1994, p. 93) apud (DEMO, 2002, p. 81-82), em sua prática pedagógica, o professor deve trabalhar com aulas que “socializem a pesquisa” ou “sejam questionadoras, voltada para fomentar pesquisa”, ou “apresentem temas e sobretudo visão geral, servindo de indicação orientadora para pesquisa e aprofundamentos” ou que “interponham um momento de exposição ordenada e ordenadora, a serviço de um processo maior de pesquisa e questionamento”. Depreende-se desses possíveis exemplos de aulas que a pesquisa pode

estar inserida desde as aulas mais introdutórias às mais complexas, principalmente em um ensino em que teoria e prática caminham juntos para a formação do profissional.

Ainda em relação à influência da pesquisa na prática pedagógica, Silva e Weide (2011, p. 88), também coadunam com os dados recolhidos nas entrevistas ao afirmarem que

“A pesquisa na formação e na prática docente faz com que se assuma a educação como prática emancipadora, contrária à domesticação. A relação entre estes professores pesquisadores com seus alunos é de aprendizagem contínua, um aprende com o outro e é por este caminho que se têm boas chances de transformação social e educacional”.

### 3.4 Pesquisa Científica no Ensino Técnico em Saúde

Nesta classe temática definimos 04 (quatro) categorias, sendo a primeira ‘Avaliação’, a segunda ‘Fatores dificultadores’, a terceira ‘Pesquisa científica como estratégia para avanço do Ensino Técnico em Saúde’ e, finalmente, ‘Avaliação da associação entre pesquisa científica e Ensino Técnico em Saúde’ de onde emergiram um total de 14 (catorze) subcategorias, consideradas pelos participantes para explicitarem se percebem efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica; quais as dificuldades que enfrentam para desenvolver pesquisas científicas enquanto professores do Ensino Técnico em Saúde; se acreditam que a pesquisa científica pode contribuir como estratégia para superar os desafios e os novos paradigmas dessa modalidade de ensino e como avaliam a associação entre a pesquisa científica e o Ensino Técnico em Saúde, apresentadas a seguir (**Quadro 6 e 7**).

| Classe Temática | Categoria                                                                                       | Subcategoria         | K 1 | K 2 | K 3 | K 4 | K 5 | K 6 | K 7 | K 8 | K 9 | K 10 | K 11 | K 12 | K 13 | K 14 |
|-----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|------|------|------|------|
|                 | Efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas sobre a Prática Pedagógica | Concordo             | *   | *   | *   | *   | *   | *   |     | *   | *   | *    | *    | *    | *    | *    |
|                 |                                                                                                 | Discordo             |     |     |     |     |     |     |     |     |     |      |      |      |      |      |
|                 |                                                                                                 | Não refere           |     |     |     |     |     |     | *   |     |     |      |      |      |      |      |
|                 |                                                                                                 | Falta de valorização |     |     | *   |     |     |     |     |     | *   | *    |      |      |      | *    |

|                                                       |                                                                                    |                                                                                                                                                                                                      |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|-------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| <b>Pesquisa Científica no Ensino Técnico em Saúde</b> | <b>Fatores dificultadores</b>                                                      | e/ou apoio institucional e/ou preconceito                                                                                                                                                            |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|                                                       |                                                                                    | Característica específica do professor                                                                                                                                                               |   |   |   |   |   | * |   |   |   |   |   |   | * |   |
|                                                       |                                                                                    | Falta de preparo do aluno                                                                                                                                                                            |   |   |   |   |   | * |   |   |   |   | * |   | * |   |
|                                                       |                                                                                    | Acúmulo de Trabalho                                                                                                                                                                                  | * | * | * | * |   |   | * |   |   |   | * |   |   |   |
|                                                       |                                                                                    | Sobrecarga de Carga Horária                                                                                                                                                                          | * | * |   |   |   |   | * |   |   |   |   | * | * |   |
|                                                       |                                                                                    | Questões específicas relacionadas ao desenvolvimento de pesquisa científica, como conhecimento, equilíbrio, tempo, burocracia, financiamento, falta de recursos materiais e/ou humanos, entre outros | * | * | * | * | * |   | * | * | * | * | * | * | * |   |
|                                                       | <b>Pesquisa científica como estratégia para avanço do Ensino Técnico em Saúde</b>  | Concordo                                                                                                                                                                                             | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * |
|                                                       |                                                                                    | Discordo                                                                                                                                                                                             |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|                                                       | <b>Avaliação da associação entre pesquisa científica e Ensino Técnico em Saúde</b> | Importante                                                                                                                                                                                           | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * | * |
|                                                       |                                                                                    | Pouco importante                                                                                                                                                                                     |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|                                                       |                                                                                    | Não refere                                                                                                                                                                                           |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |

**Quadro 6 – Pesquisa Científica no Ensino Técnico em Saúde por entrevistado**

### 3.4.1 Efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas sobre a prática pedagógica

No que se refere aos efeitos e/ou implicações da realização de pesquisa científica por professores da Educação Profissional em sua prática pedagógica, verifica-se pela leitura do **Quadro 6** que 93% das professoras percebem efeitos e/ou implicações em sua prática diretamente relacionados à sua participação em pesquisas científicas, enquanto que apenas 7% não referiu concordar ou discordar. Perante estes dados pode inferir-se que a maior parcela dos inquiridos atribuem as mudanças realizadas em sua prática pedagógica ao fato de estarem envolvidos com projetos, programas, grupos ou bases de pesquisa, além disso tendem a relacionar a melhora do currículo, o uso de metodologias ativas, a mudança da relação professor-aluno, da assistência à saúde prestada pelos alunos dos cursos técnicos, o crescimento dos alunos e a mudança no processo ensino-aprendizagem à participação ativa do docente como pesquisador, conforme mostram os excertos a seguir:

Acredito que a pesquisa científica melhora a minha prática, por que a prática não é só você dar aula então vai melhorar seu currículo, por que você tem que ter um currículo bom, você tem que mostrar que está desenvolvendo trabalho científico enquanto professora, vai lhe ajudar a trazer questões que lhe inquietam, apresente respostas que nos nós críticos que você vai ter no seu dia a dia. Eu acredito que sim (Entr. K 1).

Vejo, por exemplo, nas metodologias ativas que a gente busca o máximo delas são resultado disto, são resultados de pesquisa que em um dado momento que foi verificado que quanto mais formas ativas de se levar o conhecimento, melhor esse conhecimento seria absorvido e melhor aproveitado consequentemente (Entr. K 2).

Sim, com certeza, [...] a pesquisa [...] é uma volta, é um bumerangue que a gente joga e volta para você. Pelo menos deve voltar se você deixar, se você não deixar não vai fazer nada. Isso tanto faz você ser um aluno ou um professor você passa pela vida blindado, sem se transformar (Entr. K 3).

Sim, com certeza por que, por exemplo, a atenção na sala de parto eu noto que a pesquisa que fala que o cuidado integral melhora o relaxamento da mulher. Vejo diretamente que isso acontece na prática [...] uma coisa que as pesquisas revelaram (Entr. K 4).

Com certeza. Porque na minha prática, principalmente onde sou inserida, na parte é [...] tanto na saúde coletiva como na saúde da mulher, então há um crescimento muito grande, um desenvolvimento nessa prática, uma mudança de prática, então a pesquisa é fundamental (Entr. K 5).

Mudou até a forma da gente se relacionar com o aluno. E a todo momento a gente está falando: [...] Olhe quando vocês forem pesquisar não vão acreditar em qualquer informação da internet, tem base de dados. Sempre puxando outras disciplinas que eles pagaram como metodologia e fazendo esse link com outras disciplinas. Lembrando que isso é uma implicação positiva você estimular no aluno a busca desse conhecimento científico [...] (Entr. K 6).

Sim. [...] Modifica e também reforça. Muitas vezes você já tem essa prática e reforça muito mais (Entr. K8).

Sem dúvida nenhuma. A atualização é um exercício de pesquisa, o orientar mestrando é um exercício de pesquisa, isso dá um retorno imenso na minha aula de amanhã aquela orientação que eu dei ontem, é assim retroalimenta, dá um retorno, sem sombras de dúvida e um retorno que ele sempre é qualitativo pelo menos na minha experiência é um retorno sempre qualitativo. Eu nunca tive um retorno em atividades relacionadas à pesquisa que fosse ruim para a prática didática, de forma alguma, sempre qualificando o exercício da prática pedagógica (Entr. K 9).

Eu percebo (risadas), é tanto que a gente percebe que a gente vem insistindo e aprofundando. A gente percebe que à medida que a gente vai estudando e aprofundando vai surgindo novos instrumentos para você pesquisar e ter o elo com a realidade que você está fazendo aqui porque se não tem esse elo de devolução para prática não tem muito sentido. Na hora que eu estudo e estou aplicando e naquela realidade me dá indícios para continuar aprofundando e mostrando outros caminhos, eu acho que é nisso que a gente faz a diferença (Entr. K 10).

Sim. Os alunos após a gente explicar como fazer uma pesquisa, eles se sentem até incapaz e eu sinto uma limitação neles, aí a gente pega no braço e ensina e termina fazendo com eles, mas a gente percebe um crescimento após porque a gente começa a acreditar que eles realmente não são capazes e no final a gente vê a resposta, eles crescerem e se desenvolverem. Até nos comentários quando você vai dar exemplo e tudo na sala de aula até o aluno também ganha por que ele começa a indaga e procurar respostas e procura na literatura faz revisão de literatura (Entr. K 11).

Tem. A questão da reflexão mesmo. Na realidade você se torna um ser humano melhor. Você reflete mais, pensa mais e sai das caixinhas. A gente passa a vida em caixinhas muitas vezes. A pesquisa faz muitas vezes você refletir, ver que as coisas não são daquele jeito tem outra perspectiva, tem outra face e aquilo pode ser visto de outra maneira. A pesquisa faz com que a gente cresça muito (Entr. K 12).

Sim. Percebo que desenvolvo uma aula com mais participação dos alunos, com mais indagações e não mais mera transmissão de conhecimentos (Entr. K 13).

Todos os dias, tanto é que para preparar uma aula antes, a gente ia à busca dos livros e hoje os livros, pela questão da atualização ser muito rápida, a gente tem que buscar em pesquisa e artigos científicos essa informação que vai lhe permitir dar uma aula mais atualizada. Hoje não só os livros como os artigos científicos é que lhe embasam nesse sentido (Entr. K 14).

Quando a quase totalidade dos professores entrevistados concordam que o desenvolvimento de pesquisas científicas provoca efeitos e/ou implicações sobre a Prática Pedagógica, coadunam com a mesma ideia defendida por Silva e Weide (2011), os quais defendem que

“a presença da pesquisa na formação docente inicial ou continuada resgata os princípios da educação pautados na superação do trabalho docente caracterizado por uma técnica de reprodução de conteúdos. Quando se vivencia a pesquisa, o professor transpõe para sua prática educativa as iniciativas de transformações e as condições para inovar o ensino, originando, assim, uma prática educativa contextualizada, na qual os professores compreendem o contexto social, político, cultural e incorporam as necessidades apresentadas em seu fazer pedagógico” (p. 83).

### 3.4.2 Fatores dificultadores

Uma primeira análise do **Quadro 6** permite verificar que os inquiridos apontam como principais dificuldades ao desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professores do Ensino Técnico em Saúde a falta de valorização e/ou apoio institucional e/ou preconceito, características específicas do professor como falta do ‘espírito nato de pesquisador’, falta de preparo do aluno, acúmulo de trabalho, já que em algumas entrevistadas atuam profissionalmente tanto em sua formação básica como enfermeiras do serviço quanto como professoras, sobrecarga de carga horária, por atuarem em vários cursos e ministrarem várias disciplinas, questões específicas relacionadas ao desenvolvimento de pesquisa científica, como conhecimento, equilíbrio, tempo, burocracia, financiamento, falta de recursos materiais e/ou humanos, entre outros, como demonstram os enunciados abaixo:

A maior dificuldade como nós somos de enfermagem, eu não tenho DE, então eu tenho hospital então isso desgasta muito, às vezes você não está com condições de fazer, de estudar por que você está com uma carga horária muito pesada como também aqui na escola tem muito estágio, então você termina se consumindo em virtude dessas questões. A questão da pesquisa científica que requer um equilíbrio, requer uma cabeça muito tranquila para pensar, escrever e termina ficando para trás (Entr. K 1).

Basicamente tempo (risadas). É uma profissional que tem pouco tempo a demanda dele de sala de aula e preparo é muito grande, então as horas que lhe sobram são pequenas (Entr. K 2).

O discurso da professora K 3 faz transparecer um ato de reflexão sobre este assunto:

A valorização, a universidade tem os quatro níveis de ensino, ela tem que enxergar, ela tem que saber quem faz o que. O meu exercício de docência é um só aonde quer que eu esteja só muda os níveis. A primeira questão seria, e que o professor que está fazendo pós-graduação, mestrado ou doutorado que precisa fazer estágio de docência. [...] Há uma contradição enorme [...]. Eu só fui liberada por que a gente tem um curso de graduação tecnológica. [...] Outra valorização é que já foi uma conquista a gente conseguiu a bolsa do PIBIC-EM, mas o valor pago da bolsa não é o mesmo e irrisório para o nosso aluno. A gente tem que lidar com ele com um conhecimento que aquilo é bom para o crescimento dele, mas o valor é de R\$ 100,00 enquanto que outros é de R\$ 300,00. Então, esse valor ele não consegue fazer nada isso é outra contradição grande por que pesquisa é pesquisa, o nível muda, mais é pesquisa. E essa valorização a gente vai, por exemplo, a gente precisa ver ser você é um doutor. Não existe um doutor tal, um doutor do NEI, um doutor. Você é um doutor, você fez uma pesquisa. A universidade precisa ver isso de outra forma, ela precisar enxergar isso, mas para isso ela precisa ter esse trânsito livre (Entr. K 3).

Colocações como estas denotam a complexidade da temática em questão, bem como a existência de diversas contradições e obstáculos que ainda necessitam ser superados para que os professores do Ensino Técnico em Saúde possam não apenas se inserir na pesquisa científica, mas ter asseguradas as condições necessárias para seu envolvimento e sucesso.

Quando discorremos sobre o engajamento do professor na pesquisa e as condições necessárias para tal, recordamo-nos das competências que Demo (2002, p. 51) destaca como sendo esperadas para o docente

*“Pesquisa, para poder realizar questionamento reconstrutivo, com qualidade formal e política, unindo teoria e prática; formulação própria, sobretudo para se chegar a projeto pedagógico próprio; teorização das práticas, para exercitar autocrítica e crítica das práticas, retornando à teoria, inovando a teoria e a prática; atualização permanente, porque competência competente é aquela que sobretudo sabe se refazer todo dia; e manejo reconstrutivo da instrumentação eletrônica, para dar conta de maneira mais efetiva da transmissão do conhecimento, e principalmente para trabalhar de maneira moderna o questionamento reconstrutivo.*

No caso específico do Ensino Técnico em Saúde, as cinco competências acima destacadas são essenciais ao professor que, em geral, desenvolve paralelamente atividades de ensino e atividades relacionadas a sua profissão de origem, uma vez que tratam ora da associação teoria e prática, essencial ao ensino na Educação Profissional, e ora da construção e reconstrução do conhecimento pelo professor, ambas necessárias ao que tange a discussão

de habilidades e competências em uma área em permanente mudança, como o mercado de trabalho.

Ainda destacando algumas conceituações sobre o campo da pesquisa científica possíveis de extrair das entrevistas realizadas, eis que apresentamos alguns excertos:

Eu acho que a gente trabalha muito aqui com gestão e ensino (risadas). [...] Somos poucas pessoas ousadas que estão envolvidas em muitas coisas, estamos ligados diretamente com a política do Ensino Profissional nacional. Então nós participamos de todos os projetos e programas lançados, a fim de envolver os alunos nessa política nacional de inclusão. Isso também reflete com benefício e visibilidade para a própria escola. Mas pelo outro lado sobra pouco tempo para a pesquisa (Entr. K 4).

Bom, às vezes é a morosidade do sistema porque dificuldades com alunos eu não tenho. [...] comitê de ética demora, as instituições demoram para autorizar. [...] eu estou tentando passar um projeto no comitê de ética há quatro meses. Não por descaso, ou por não preenchimento da plataforma, mas sim, preciso da autorização da instituição. A instituição demora a dar. Então isso tudo vai atrasando e os nossos bolsistas, eles tem um ano para desenvolver o projeto (..) isso desestimula um pouco eles (Entr. K 5).

[...] É o olhar para pesquisa. Eu não sei assim aonde é que está a falha do professor. Tirando-me como exemplo eu não sei o porquê eu não estimei meus alunos para realizar uma pesquisa na minha disciplina [...]. Eu ainda não vi como aplicar. [...] É claro quando veio as bolsas do PIBIC começou a mudar até minha visão como professor de estimular esses alunos para pesquisa, porque até então não tinha estímulo nenhum para o aluno do técnico em fazer pesquisa nem do governo e nem do professor porque só quem fazia pesquisa era aluno de graduação e pós, o aluno do técnico não. A maior dificuldade que sinto é essa, o despreparo do aluno até mesmo pelo meu lado como professor que não tinha despertado para estimular meus alunos (Entr. K 6).

Para mim pesa muito tempo, é disponibilidade e talvez, sendo bem sincera, eu não tenha esse espírito nato. Quando a pessoa tem esse espírito nato de investigação, de tudo ele transforma em trabalho científico. Eu me lembro de que quando eu fazia mestrado para definir projeto, objeto e tudo mais chega uma hora quando a gente está estudando que a gente se apaixona [...] para mim, embora eu goste, eu preciso crescer mais nessa garra de investigar. Eu me sinto um pouco limitada nisso, mas estou aqui para aprender (Entr. K 7).

Eu acho que um pouco de tempo. Como aqui na escola a gente não fica só com uma disciplina, são várias disciplinas, áreas e geralmente todo mundo está envolvido em programas. Às vezes dificulta um pouco você enfrentar a questão da pesquisa. Apesar da gente estar participando, mas poderia participar mais (Entr. K 8).

[...] precisa ter apoio institucional, porque o apoio instituinte vamos dizer assim, a certeza que traz alguma coisa muito importante, de que é necessário, isso a gente tem por toda parte e as pessoas verbalizam e entendem, mas o

apoio institucional mesmo isso a gente pode falar em relação as bolsas de iniciação científica são coisa que a gente precisa conquistar. [...] em termos de realidade local a gente está engatinhando e não para de conquistar número maior de bolsas, ter bolsas mais significativas e atrativas do ponto de vista do valor da bolsa, porque se não o aluno não vai ficar porque a primeira coisa que ele faz é comparar e ele compara isso até com bolsas de apoio técnico [...] nós não temos ainda muito desenvolvida a cultura da pesquisa no ensino técnico (Entr. K 9).

Financiamento, a falta de recurso, material, de preconceito até porque assim é uma coisa que eu tenho visto ultimamente, porque eu venho estudando a formação do técnico. O profissional que tem o maior número na equipe de enfermagem, mas é o menos estudado. [...] (Entr. K 10).

A maior dificuldade é o tempo eu sinto que o pesquisador deveria ser dedicação exclusiva para a pesquisa. A maior dificuldade é você conciliar com as suas atividades docentes precisa de muito boa vontade, precisa de muita entrega e você quase não tem tempo pessoal, então isso desgasta muito o professor pesquisador. E outro entrave que eu considero é o entrave financeiro, porque a gente faz uma pesquisa, a gente tira do nosso bolso, além de ter que ter motivação tem que ter tempo e dinheiro por que pesquisa não é barato e a gente gasta muito (Entr. K 11).

Enquanto qualquer professor, tempo. Por que a gente tem uma carga horária de trabalho a cumprir, tem a questão familiar, a questão pessoal e não é fácil. A dificuldade central que eu encontro hoje é tempo (Entr. K 12).

A principal dificuldade é que a formação do aluno do ensino técnico está pautada no desenvolvimento de técnicas e os professores e alunos ainda não tem a visão de pesquisa nessa modalidade de ensino. Ainda há resistências no desenvolvimento dessas pesquisas, tanto pelo aluno quanto pelo professor. E também, existe pouco tempo para o professor orientar seu aluno pesquisador, pois sua carga horária está voltada somente para ministrar aulas (Entr. K 13).

A falta de reconhecimento porque aqui na universidade o professor do ensino técnico ele não é reconhecido, embora seja exigido dele ensino, pesquisa e extensão, mas para fazer pesquisa precisou criar um projeto específico para o ensino técnico. Então, se eu quisesse fazer uma pesquisa pela Pró-reitoria de Pesquisa como professor do ensino técnico eu teria muitas barreiras porque eles não aceitam professores do ensino técnico para coordenar projetos, por exemplo. Então a gente vê que a instituição não reconhece o professor embora ele tenha esses professores do ensino básico, técnico e tecnológico, mas eles não reconhecem esses professores com competência para fazer pesquisa. Então, ele só reconhece professor do ensino superior. Então, acho isso uma incoerência e um absurdo (Entr. K 14).

Semelhante ao que foi apontado pelos entrevistados em relação aos fatores que influenciam sua participação em pesquisas, André (2001, p. 60) pondera sobre as condições mínimas necessárias à efetiva participação do professor no campo da pesquisa

“[...] é preciso que haja uma disposição pessoal do professor para investigar, um desejo de questionar; é preciso que ele tenha uma formação adequada para formular problemas, selecionar métodos e instrumentos de observação e de análise; que atue em um ambiente institucional favorável à constituição de grupos de estudo; que tenha oportunidade de receber assessoria técnico-pedagógica; que tenha tempo e disponha de espaço para fazer pesquisa; que tenha possibilidade de acesso a materiais, fontes de consulta e bibliografia especializada”.

### **3.4.3 Pesquisa científica como estratégia para avanço do Ensino Técnico em Saúde**

Pelas respostas apresentadas, é clara a percepção da totalidade das entrevistadas sobre o papel da pesquisa científica enquanto estratégia para superar os desafios do Ensino Técnico em Saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino, porém salientam que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que efetivamente se possam incluir não só os docentes e discentes no campo da pesquisa, mas a própria Educação Profissional passar a ser valorizada nesse âmbito, como um nível de ensino cujos sujeitos investigam, questionam, analisam e buscam novos conhecimentos a partir de evidências científicas, de modo reconhecido e viável para todos os sujeitos envolvidos, tanto de forma acadêmica, pedagógica, profissional e financeira para os alunos bolsistas. Os excertos que se seguem exemplificam o que acabamos de referir:

Sim, com certeza por que a partir daí temos as respostas que você vai poder fazer a melhorar questões que estão pendentes (Entr. K 1).

Penso que são a alavanca fundamental para que aconteça alguma mudança. Não sei bem como isso pode ser trabalhado para ser melhor, mas eu entendo que é uma alavanca importantíssima (Entr. K 2).

Eu acho até que já respondi que pode e não pode, depende do jeito que você faz (Entr. K 3).

Sim, porque irá nortear o projeto pedagógico e norteará a formação (Entr. K 4).

Com certeza. A pesquisa é de fundamental importância, porque como eu falei anteriormente, as lacunas vão sendo apontadas e a gente vai tentando preenchê-las. Então, é muito importante que a pesquisa esteja no ensino técnico (Entr. K 5).

Pode muito. Eu acho que a gente tem que trabalhar em cima de uma evidência científica o que a pesquisa deixa, é tudo baseado nessa evidência. Não só em estudo quantitativo. As pesquisas qualitativas contribuem muito para melhorar bastante. Partir daí, do conhecimento científico para que o professor tome como base para preparar todo o seu projeto de aula, plano de aula, desenvolver toda a sua disciplina e inserir o aluno na pesquisa também com esse olhar de pesquisador para que ele possa também na prática, para que a prática dele não se torne tão rotineira só no

fazer sem saber os por quês. Enquanto sala de aula, eles aprendem a acessar bases de dados que tenham trabalhos científicos na prática deles, nas dúvidas deles e nos momentos de inquietações eles possam acessar e ver aquele conhecimento e possa mudar sua realidade (Entr. K 6).

Sem dúvida nenhuma. A pesquisa vem inovar, enriquecer e dar novos olhares. As coisas que hoje nós vimos de um jeito, a partir da pesquisa a gente passa a ver de outro jeito. E hoje temos uma coisa que é muito boa, a informação está muito ampla [...]. Isso vem enriquecer e facilitar sem dúvida nenhuma (Entr. K 7).

Sim. [...] Eu observo que os próprios alunos do curso técnico há 02, 03 anos atrás não participava, não contribuía e não eram monitores e agora eles são monitores. Existe agora a bolsa PIBIC-EM que os alunos nossos estão participando. Semana passada eu entrei na sala de reunião e tinha três alunos empolgados com o notebook e eu disse: “o que vocês estão fazendo aqui?” e eles: “professora, estamos fazendo pesquisa” (risadas). Que coisa boa, a gente não via os alunos participando e até os alunos do técnico estão participando e isso é muito bom. É um crescimento para os nossos alunos. Então a gente vê que a pesquisa científica estando inserida na escola (Entr. K 8).

Acho que a pesquisa vem a contribuir sempre. [...] Então é importantíssimo, mas precisa se institucionalizar, mas com muito cuidado dessa palavra, no sentido do apoio inclusive do apoio técnico. Hoje, no ensino técnico tem um grupo de estudo, mas o grupo é só um começo, tem que ter outras conquistas também e aí trabalhar as conquistas estruturais com a mudança de cultura e compreensão ampliada que isso deve fazer parte para uma formação melhor (Entr. K 9).

Eu acredito até porque eu acho que a gente está numa fase de muita análise e muito estudo porque as equipes não só da enfermagem mas da saúde elas começam a ser reconfiguradas e a da enfermagem especialmente. Olhe em um curto espaço de tempo a gente tinha uma equipe composta por: atendente, auxiliares, técnicos, enfermeiros e parteiras. E hoje a gente tem: parteira, técnico e enfermeiro. Então, nessa reconfiguração eu acho que tem algumas coisas que vão ser mexidas em nossa equipe e o estudo e a pesquisa ela tem muito a contribuir para essa formação e assim a gente tem um ato médico aprovado e esse ato médico vai mexer muito com nossa equipe e na hora que mexe com a nossa equipe, mexe com a formação e mexe com muitas linhas que passam pela formação. E na hora que mexe na formação do enfermeiro acaba mexendo na do técnico também, muitas vezes a gente pode nem sentir tanto nas escolas se você não tem um elo de ligação grande com o serviço e o SUS (Entr. K 10).

Sim, principalmente o paradigma social de achar que o técnico, até nos professores achava, que eles não são capazes de serem pesquisadores. Eu acho que foi muito bom essa inserção e é importante no curso técnico, seja ele qual for. É muito importante a inserção da pesquisa no curso técnico sim (Entr. K 11).

Pode, claro que pode. A pesquisa ela traz um novo, ela traz um conhecimento novo. Como faz você refletir você muda paradigmas. Faz o ser humano no processo de reflexão mudar paradigmas, mudar concepções, mudar formas de ver [...] A pesquisa ela provoca isso, o conhecimento provoca isso. Quando você tem uma pesquisa que prova que A+B, que aquilo que você está falando é correto, então fundamentaliza sua prática. O caminho mesmo é a pesquisa, leitura e estudo para que tudo mude e mude com base. (Entr. K 12).

Sim. Pois com o desenvolvimento da pesquisa há espaço para uma prática mais reflexiva e a formação de cidadãos (Entr. K 13).

Com certeza e já está mudando. Contribui e ele é a mola mestre disso. A inovação tecnológica e a inovação das práticas de saúde, hoje é tudo baseado em pesquisa. E o ensino não é diferente (Entr. K 14).

Relacionando a opinião das entrevistadas sobre a pesquisa científica como estratégia para avanço do Ensino Técnico em Saúde ao que expõe Demo abaixo (2002, p. 66-67), é possível perceber que ela se configura sim como estratégia, por estar diretamente ligada aos processos de inovação e reconstrução.

No processo de pesquisa está o genuíno contato pedagógico, transformado em ambiente de trabalho conjunto, implicando na mesma matriz a qualificação do e pelo conhecimento e sua humanização constante e radical. Aí se vence o mero treinamento e se incrementa a emergência do sujeito capaz de crítica e projeto próprio. Forma-se a capacidade de inovar para reconstruir, eticamente. O impacto educativo não vem depois do currículo, ou fora da sala de aulas. Ao contrário, deve ser a razão central de ser da didática, reconstruindo a ambiência educativa no próprio processo de reconstruir conhecimento.

#### **3.4.4 Avaliação da associação entre pesquisa científica e Ensino Técnico em Saúde**

A análise da última categoria não oferece dúvidas quanto à importância da associação da pesquisa científica para o Ensino Técnico em Saúde, por parte de todas as professoras entrevistadas. Além disso, os discursos coletados através das entrevistas transparecem interesse, afeição e desenvolvimento ainda incipiente de pesquisas científicas pelos professores nesse nível de ensino. É uma área que agrada a todos os professores, entretanto, ainda demanda investimento, capacitação, mudança de visão institucional, e como defende a pesquisadora K9 faz-se necessário falar do “*curso técnico como essa via possível de criatividade, descobertas e qualificação*”. É possível destacar outros excertos no que tange a essa categoria:

Sim, por que ele vai se tornar um profissional mais crítico, um profissional com o maior grau de conhecimento que realmente pode passar para o aluno como também ele vai ter condições de ampliar sua área de atuação com esse aluno do nível técnico. Por que na escola técnica, na verdade, hoje não é só a escola técnica de enfermagem está chegando mais cursos. Então vai dar pano para manga para você ser docente de uma área dessa mais complexa (Entr. K 1).

Bom a pesquisa científica sempre traz novo conhecimento e esse novo conhecimento está relacionado aquela prática profissional [...] Então, tudo

que for entendido como conhecimento novo e que vai melhorar ou facilitar o desempenho profissional eu penso que é associação da pesquisa com o ensino profissional. É uma associação válida, associação importantíssima. Nem sempre ela é feita, às vezes ela é feita numa forma contundente demais (Entr. K 2).

[...] é algo importante, é algo que foi conquistado agora mas é algo que precisa de uma valorização a mais essa pesquisa do ensino técnico tem que existir a possibilidade que ele possam se sentir reconhecidos, porque a maioria dos alunos que se interessam por fazer eles estão visando a graduação então eles já vão no exercício que aquilo vai pontuar para ele vai ser uma coisa importante para ele. Mas precisa que essa pesquisa seja mais difundida, mais valorizada socialmente para que qualquer espaço que esse aluno esteja ele possa ter seu movimento da pesquisa algo legal (Entr. K 3).

Claro que um ensino não pode se desvincular de uma pesquisa. Se a gente for ver nacionalmente não tem muitas pesquisas na Educação Profissional, mas que cada vez há um desafio aqui na escola com a qualificação dos docentes. Então, certamente vamos ter mestrados acadêmicos e teremos vários monitores, bolsistas e isso cada vez mais motiva-nos para termos mais pesquisas. Na minha vida mesmo eu vejo um desafio aumentar as pesquisas nessa área (Entr. K 4).

Eu acho que está muito junto. Eu não vejo o técnico separar, porque é o técnico ele não pode fazer pesquisa, pelo contrário, como eu falei, eu acho que ele tem que ser inserido para que ele faça essa, tenha essa motivação nos seus locais de trabalho, que eles participem. Hoje a pesquisa está sendo muito estimulada. Tanto aí, na parte assistencial, eles podem ser inseridos, nos grupos de estudos, nos seus locais de trabalho. Então eu acho que tem muito a colaborar (Entr. K 5).

Eu avalio de forma muito positiva por que no ensino técnico, aqui na nossa realidade, a pesquisa está engatinhando, começando e sendo estimulado pelas bolsas do PIBIC-EM que até então o aluno do técnico não participava. Se a gente pensava em fazer uma pesquisa, a gente ia logo a um da graduação e nunca em um aluno técnico. E avalio de forma positiva, mas ainda de forma incipiente, está começando ainda. Eu acho que vai ter muito futuro, mas a gente sabendo trabalhar isso melhor, aí depende do professor (Entr. K 6).

Hoje nós temos vários alunos participando do PIBIC-EM, já teve cotas de bolsa bem grande e hoje diminuiu um pouco considerando que a grande maioria do nosso corpo docente está fazendo doutorado e isso requer atenção para o objetivo do momento. Mas a primeira vez que eu, a professora do pó de giz viu nossos alunos gradativamente foi se envolvendo com a CIENTEC, todo ano a gente participando da CIENTEC, mas quando eu vi pela primeira vez nossos alunos participando do PIBIC-EM e participando do congresso de iniciação científica eu parei assim e disse: não acredito no que estou vendo! De tão maravilhada que fiquei. É aluno investigando mesmo, apresentando trabalho com toda a desenvoltura, sendo avaliado pelo aquele evento. Ave Maria, é uma riqueza sem tamanho como docente só vem nos trazer muita satisfação. E assim no nível técnico, vou falar de todos os técnicos, no modo geral o técnico é do fazer, de colocar a mão na massa.

Durante muito tempo ficou se pensando que ele era incapaz de participar de pesquisa e hoje pode participar [...] e entender os por quês das coisas (Entr. K 7).

Eu avalio de forma positiva. Agora, precisaria ter mais pesquisas, mas como ponto positivo, com certeza (Entr. K 8).

Viável, adequada, porém tem desafios especialmente na realidade local. A resposta não está sendo compreendida, no potencial da pesquisa no ensino técnico. Quando o aluno entender que se ele estuda seja qual for o assunto que de fato ele estuda para fazer essa devolução seja no laboratório ou no campo é um ato de pesquisa se debruçar sobre o conhecimento e que se ele tem uma perspectiva do ponto de vista do saber, compreender é um ato de pesquisa. Se ele tiver esse conhecimento, ele vai qualificar tanto o aprendizado como o cuidado que ele vai realizar depois. No dia que nosso aluno tiver essa compreensão, sem dúvida ele aí está qualificando mais nosso curso. Se aí você disser: “já tem isso hoje?”, não ainda não tem, mesmo por que faz parte dessa mudança que está no começo desse entendimento. Hoje a gente tem um grupo maior de docentes que entendem e trabalham a contribuição da pesquisa. Há 10 anos essa palavra/prática provavelmente não andava nesses corredores (Entr. K 9).

Eu avalio que ela ainda está no seu início. Eu acho que tem até algumas pessoas que fazem sem se dar conta da importância que faz, mas eu acho que ela tem muito a crescer. Enquanto aqui a gente não conseguir vencer um monte de barreiras e aproveitar o potencial que tem de conhecimento das pessoas, seja o nível que for, a gente não vai crescer muito não. O momento que se configura hoje no Brasil é um momento de muita mudança e de efervescência, eu acho que o perfil da educação, a tendência é crescer e ter algumas alterações. E eu acho que a gente não fica de fora não, e eu acho que a pesquisa tem que vir para dar essa colaboração para dar esse salto (Entr. K 10).

Eu acredito que a pesquisa do curso técnico, por ser curso técnico, deve ser voltada para o curso técnico para que não seja uma coisa prática, por exemplo, uma pesquisa sobre feridas tem que ter uma resposta no curativo que o técnico vai realizar no paciente. É positivo sim desde que as pesquisas sejam voltadas para um contexto do técnico, seja de qualquer técnico, mas a pesquisas deles serem voltadas para o cotidiano deles por que se for uma pesquisa filosófica não vai alcançar (Entr. K 11).

A associação da pesquisa com o ensino técnico é justamente para que esses alunos não tenham a formação da técnica pela técnica. Eu vejo que a pesquisa faz com que esse aluno muitos novos, ele vai abrir novos horizontes para esses meninos. Por exemplo, eu vou administrar uma medicação por administrar, eu vou administrar no ventre glúteo, porque a pesquisa me prova que é o melhor músculo. É como eu falei o tempo todo, a pesquisa faz com que esse aluno reflita, que esse aluno busque o conhecimento para que esse aluno não faça a técnica pela técnica, mas que ele veja o embasamento que está por trás disso. E outra coisa, desperta esse aluno para outros horizontes. A pesquisa faz isso, que você acorde. Eu posso fazer uma pesquisa sobre isso, fazer um mestrado sobre isso e eu posso crescer com isso. Enfim, há outros horizontes além da técnica pela técnica (Entr. K 12).

Ainda de forma muito insipiente. Apesar da EEN ter iniciado pesquisas em ensino técnico há 2 anos por meio do PIBIC-EM ainda há muito o que fazer. Mas vejo como necessário a pesquisa no ensino técnico, pois esta contribui para a formação de cidadãos e desperta a vontade do aluno em ser pesquisador (Entr. K 13).

Hoje eles estão totalmente dependentes um do outro. Desenvolvimento do ensino técnico depende da pesquisa. Hoje a gente não tem nenhum desenvolvimento na área técnica e tecnológica que não seja baseado na área da pesquisa. Não é mais uma escolha, é uma necessidade você se envolver com a pesquisa (Entr. K 14).

Pelos resultados expostos no **Quadro 7** abaixo, percebemos que apesar de não haver discordância entre os entrevistados sobre a relevância do envolvimento de professores do Ensino Técnico em Saúde no campo da pesquisa científica, fatores dificultadores como falta de valorização e/ou apoio institucional e/ou preconceito (28%), características específicas do professor (14%), falta de preparo do aluno (21%), acúmulo de trabalho (43%), sobrecarga de carga horária (36%), questões específicas relacionadas ao desenvolvimento de pesquisa científica, como conhecimento, equilíbrio, tempo, burocracia, financiamento, falta de recursos materiais e/ou humanos, entre outros (86%) se configuram como obstáculos para o desenvolvimento de pesquisas científicas pelos docentes.

É plausível concluirmos que nos depoimentos ainda se confundem conceitos abordados por Demo (2002, p. 12-13), no que tange ao cultivo pelo professor de uma atitude crítico, reflexiva e investigativa em sua vida cotidiana enquanto cidadão e de um profissional da educação que alimenta e retroalimenta sua prática a partir da capacidade de se renovar pela pesquisa. Fato é que ambas as atitudes devem coexistir a fim de que o desafio de “educar pela pesquisa” possa ser alcançado.

| Classe Temática | Categoria                                                                                       | Subcategoria                                                   | f  | %   |
|-----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|----|-----|
|                 | Efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas sobre a prática pedagógica | Concordo                                                       | 13 | 93% |
|                 |                                                                                                 | Discordo                                                       | -  | -   |
|                 |                                                                                                 | Não refere                                                     | 1  | 7%  |
|                 |                                                                                                 | Falta de valorização e/ou apoio institucional e/ou preconceito | 4  | 28% |
|                 |                                                                                                 | Característica específica do                                   | 2  | 14% |

|                                                       |                                                                             |                                                                                                                                                                                                      |    |      |
|-------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|------|
| <b>Pesquisa Científica no Ensino Técnico em Saúde</b> | <b>Fatores Dificultadores</b>                                               | professor                                                                                                                                                                                            |    |      |
|                                                       |                                                                             | Falta de preparo do aluno                                                                                                                                                                            | 3  | 21%  |
|                                                       |                                                                             | Acúmulo de Trabalho                                                                                                                                                                                  | 6  | 43%  |
|                                                       |                                                                             | Sobrecarga de Carga Horária                                                                                                                                                                          | 5  | 36%  |
|                                                       |                                                                             | Questões específicas relacionadas ao desenvolvimento de pesquisa científica, como conhecimento, equilíbrio, tempo, burocracia, financiamento, falta de recursos materiais e/ou humanos, entre outros | 12 | 86%  |
|                                                       | Pesquisa científica como estratégia para avanço do Ensino Técnico em Saúde  | Concordo                                                                                                                                                                                             | 14 | 100% |
|                                                       |                                                                             | Discordo                                                                                                                                                                                             | -  | -    |
|                                                       | Avaliação da associação entre pesquisa científica e Ensino Técnico em Saúde | Importante                                                                                                                                                                                           | 14 | 100% |
|                                                       |                                                                             | Pouco importante                                                                                                                                                                                     | -  | -    |
|                                                       |                                                                             | Não refere                                                                                                                                                                                           | -  | -    |

**Quadro 7 – Pesquisa Científica no Ensino Técnico em Saúde por Subcategoria**

Além disso, é possível depreender que a pesquisa científica é considerada pela totalidade dos inquiridos estratégia para avanço do Ensino Técnico em Saúde, não só no sentido de contribuir para a superação dos desafios como dos novos paradigmas, em virtude da reformulação pela qual vem passando ao longo dos anos, fruto de investimentos públicos e privados, mudanças sociais, econômicas e políticas. Sendo assim, todas as professoras entrevistadas avaliaram como importante a associação entre pesquisa científica e Ensino Técnico em Saúde, criticando a incipiente valorização e apontando para a necessidade de um olhar resolutivo para as questões que dificultam o seu crescimento e consolidação. A entrevistada K11 que vivenciou várias fases dentro dessa modalidade de ensino, propôs inclusive mudança em si mesma, a fim de favorecer esta associação, como mostra o enunciado abaixo:

Eu comecei na enfermagem em 1988 fiz o curso de auxiliar de enfermagem nessa escola, fiz graduação em enfermagem, percorri a pirâmide todinha. Fiz especialização, mestrado e agora estou cursando o doutorado. E a minha

experiência com a docência é desde 1996 com alunos do curso técnico em enfermagem, houve muitas mudanças e eu também mudei e tento mudar, porque quem não muda acaba ficando para trás, é difícil quem vem da minha época (risadas), mas é muito bom a pesquisa ser inserida no técnico (Entr. K 11).

Pela análise de conteúdo referente a esta última classe temática, fica claro que, para as professoras, a pesquisa assume papel essencial na reformulação das práticas pedagógicas no Ensino Técnico, análise esta compartilhada por Moura (2006;2007) e Baracho (2006), os qual entende a pesquisa como princípio educativo

“que deve estar presente em toda a educação escolar dos que vivem e viverão do próprio trabalho. Ela instiga o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gera inquietude, para que não sejam incorporados pacotes fechados de visão de mundo, de informações e de saberes, quer sejam do senso comum, escolares ou científicos. A necessária autonomia para que o ser humano possa, por meio do trabalho, atuar dessa forma pode e deve ser potencializada pela pesquisa, a qual contribui para a construção da autonomia intelectual e deve ser intrínseca ao ensino, bem como estar orientada ao estudo e à busca de soluções para as questões teóricas e práticas da vida cotidiana dos sujeitos trabalhadores” (MOURA, 2007, p.48).

Diante das mudanças tecnológicas, sociais, políticas e econômicas que afetam, de algum modo, todos os níveis e modalidades de ensino, os extratos obtidos nas entrevistas vem ao encontro de estudos como de Freiburger & Berbel (2010, p. 209), os quais defendem a “educação pela pesquisa” para a “formação de pessoas capazes de atuar em uma sociedade cada vez mais complexa, com capacidade de questionamento e de intervenção crítica na sociedade” e Demo (2003, p. 86), para o qual a educação pela pesquisa pode promover aprendizados que “possibilitem o desenvolvimento da autonomia intelectual, da consciência crítica”.

Em consonância ao que foi exposto pelas entrevistadas em relação aos efeitos e implicações do desenvolvimento de pesquisas em sua prática pedagógica, Silva e Weide (2011, p. 84) enfocam que

as pesquisas são importantes para a formação docente, pois por meio das pesquisas os professores aprimoram as concepções teóricas e passam a repensar a prática pedagógica. Quando se desenvolve projetos de pesquisa pautados nos problemas do cotidiano, certamente, pensa-se na relevância desses projetos para uma educação transformadora. Por isso, faz-se necessário manter a integração teoria e prática, por meio de um processo de

investigação de temas específicos e das dificuldades encontradas nas próprias ações.

Além disso, estes autores apontam a pesquisa como “alicerce relevante à docência”, ao relacionarem as práticas educativas à melhoria da qualidade de ensino e o alcance dos objetivos da aprendizagem à formação acadêmica, às experiências acumuladas pelos professores e à atitude crítico-reflexiva.

As colocações das professoras entrevistadas ao avaliarem a associação entre pesquisa e ensino, ainda que para o Ensino Técnico, são mormente compartilhadas por aqueles que abordam essa temática em outros níveis de ensino, como demonstram Freiburger & Berbel (2010, p. 211) abaixo:

Entendemos que essa educação pela pesquisa só será possível por meio de um novo pensar diante das concepções de ensino e aprendizagem, do papel do professor, conhecimento e pesquisa, a partir de reflexões acerca dessas questões durante o processo de formação inicial e continuada dos professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notadamente, percebe-se ao final deste estudo a importância da inserção dos professores do Ensino Técnico em Saúde no campo da pesquisa científica e as consequentes implicações no processo de reformulação das práticas pedagógicas no referido nível de ensino.

São muitos os avanços e desafios experienciados pelos professores inseridos no Ensino Técnico em Saúde que estão envolvidos com pesquisa científica, os quais tem contribuído para mudanças significativas em suas práticas pedagógicas. De maneira geral, para os professores entrevistados fatores como perfil do aluno, acesso a diversos recursos, materiais e equipamentos, comportamento docente, exigências do mercado de trabalho, atitude dos profissionais do serviço em relação aos alunos dos cursos técnicos, qualificação profissional, tempo e/ou sobrecarga de trabalho, integração entre disciplinas, novas metodologias didático-pedagógicas e a pesquisa científica são apontados como agentes que interferem em sua prática pedagógica, facilitando-a ou dificultando-a, quando presentes ou ausentes.

Considerando, portanto, os dados expressos nos quadros, podemos observar uma demonstração de satisfação profissional, comprometimento e similares motivações e dificuldades no que tange ao desenvolvimento de pesquisa científica nesse nível de ensino, o qual foi caracterizado pelos professores como uma prática de ensino diretamente relacionada ao mercado de trabalho e/ou competência profissional, com intensa associação entre teoria e prática, interdisciplinaridade e/ou ensino integrado e corresponsabilidade do professor e do aluno pelo processo ensinar-aprender.

Quando solicitado que comparassem o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente, ficou claro que houve mudanças nas práticas pedagógicas que antes eram baseadas no mecanicismo, tecnicismo e na visão robotizada e/ou fragmentada do ensino e nos tempos atuais são marcadas por avanços qualitativos e quantitativos, mudança nas formas de avaliação dos alunos e no perfil dos estudantes, flexibilização na relação docente-discente, maior associação teórico-prática, mudança na ação docente, maior satisfação dos profissionais envolvidos, valorização da prática da pesquisa no Ensino Técnico em Saúde e alcance de maior visibilidade e espaço desse nível de ensino no campo educacional.

Diante disso, os docentes consideram que vem ocorrendo reformulação das práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde, entretanto, destacam que ainda há um caminho a ser percorrido para fins de consolidação.

Através da realização das entrevistas foi possível perceber que, apesar de representarem uma pequena amostra dos professores atuantes na Educação Profissional de nível técnico, é bastante comum que os docentes não só relacionem a prática pedagógica à sua vivência nos serviços de saúde a partir de sua formação inicial, como destaquem a existência de um perfil docente e discente específico para essa área educacional que, quando presente, favorecem o ensino-aprendizagem.

Constatamos ainda que ao serem abordados a respeito da concepção sobre pesquisa científica, expressivo número de entrevistados apoia-se na busca de conhecimentos e na melhoria de vida da população, porém preocupa-se com a utilização adequada desse recurso e com dificuldades inerentes a sua realização, como tempo limitado, cumprimento de prazos, sujeitos envolvidos, formação, entre outros.

Além disso, foi possível observar que segundo todos os docentes abordados, a pesquisa científica é concebida como um fator utilizado para a melhoria das condições de trabalho e/ou do processo ensinar-aprender, uma forma de associar teoria e prática e relacionam-na de forma ampla com a busca de conhecimento e não apenas com cursos de pós-graduação, apesar de percebermos em alguns relatos que a motivação para o desenvolvimento de pesquisas científicas é fortemente associado à participação dos professores nos referidos cursos.

Foi possível identificar que todos os entrevistados participam ou já participaram em algum momento de grupos de pesquisa, expressivo número de professores possuem projetos e/ou pesquisas em desenvolvimento como coordenadores ou colaboradores e aqueles que não se encontram nesse momento desenvolvendo pesquisas formais, estão envolvidos com projetos de extensão e manifestam perceptível vontade de se envolverem mais firmemente com pesquisas, porém excesso de atividades e escassez de tempo lhes impede de participar de forma mais ativa no presente momento. Cabe acrescentar que estes possuem, inclusive, objetos de estudo para pesquisa prontamente definidos e possíveis planejamentos para o alcance dos objetivos a que se propõem alcançar.

Dessa maneira, constata-se que todos os entrevistados concordam que a pesquisa científica influencia sua prática pedagógica e salientam que a busca por crescimento e/ou qualificação profissional, curiosidade, inquietação, anseio por satisfação e/ou interesse

pessoal motivado por si ou pelos discentes, desejo de melhorar aspecto de sua prática profissional e pesquisar temáticas específicas atuam como motivações para o desenvolvimento de pesquisas científicas.

Neste ponto tomamos por base as questões norteadoras desta pesquisa “*qual a associação entre a pesquisa científica e a (re) significação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?*” e “*Quais as motivações e dificuldades enfrentadas pelos professores do ensino técnico no desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista as particularidades dessa modalidade de ensino?*”, as quais puderam ser melhor compreendidas através dos dados coletados e selecionados pela análise de conteúdos das entrevistas, nos consentindo afirmar que expressiva maioria dos professores entrevistados concordam que a participação em pesquisas científicas produz efeitos e/ou implicações em sua prática pedagógica, uma vez que apenas 01 (um) dos inquiridos não se posicionou a respeito. Diante disso, os docentes consideram que enfrentam dificuldades para desenvolver pesquisas científicas enquanto professores do Ensino Técnico em Saúde, tais como falta de valorização e/ou apoio institucional e/ou preconceito, características específicas dos próprios professores, falta de preparo do aluno, acúmulo de trabalho, sobrecarga de carga horária e também referiram questões específicas relacionadas a conhecimento, equilíbrio, tempo, burocracia, financiamento, falta de recursos materiais e/ou humanos, entre outros.

Isso nos demonstra que os mesmos estão dispostos a modificar a prática pedagógica através da associação entre teoria e prática, extremamente necessária ao ensino de nível técnico, porém encontram diversas barreiras não só humanas, mas estruturais e organizacionais para avançarem no campo da pesquisa enquanto professores do Ensino Técnico em Saúde, uma vez que os valores de bolsa para alunos pesquisadores são diferentes entre a graduação e o ensino médio, além de várias contradições no que tange ao apoio ao professor pesquisador de nível técnico.

Além disso, foi possível observar que, a totalidade dos entrevistados concorda que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do Ensino Técnico em Saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino e, nesse sentido, avalia como importante a associação entre pesquisa científica e Ensino Técnico em Saúde.

Partimos do que citamos acima, pois analisamos que como apontam os teóricos e estudos já realizados nessa área, a pesquisa científica possui papel relevante não só para a formação de professores, mas para a prática docente, ao possibilitar a reflexão sobre *o fazer*, *o como* e *o por quê fazer*, sendo uma fonte inesgotável para a prática crítico-reflexiva.

Dessa forma pretendemos incluir esse trabalho como mais uma contribuição ao cenário de busca dos conhecimentos a respeito do papel da pesquisa na prática pedagógica, com maior propriedade na Educação Profissional e Técnica, a qual vem passando não só por (re) significações, mas tem alcançado maior valorização e visibilidade social, política e, assim, recebido maiores investimentos no Brasil, como demonstra a expansão de programas governamentais voltados para o ensino técnico e tecnológico.

Esperamos que os resultados e experiências expressos nessa pesquisa sejam ferramentas favoráveis para a reformulação das práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde e a identificação de estratégias de superação dos obstáculos que dificultam o avanço dos professores integrantes desse nível de ensino no campo da pesquisa científica.

Além disso, espera-se que a aplicabilidade deste estudo contribua e instigue o aprofundamento e conhecimento das situações vivenciadas pelos profissionais que reconhecem o significado de sua inserção no campo da pesquisa e relacionam-na com a mudança nas práticas pedagógicas ao longo dos anos, porém ainda identificam barreiras institucionais e humanas para que não só se concretize a reformulação das práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde, como a participação nomeadamente reconhecida desses profissionais, antes preocupados apenas em transmitir conhecimentos e habilidades técnicas, e nos tempos atuais dispostos a (re) significar a sua prática pedagógica.

## REFERÊNCIAS

ABREU, G. R. Por uma resignificação da prática pedagógica na construção da identidade do professor do ensino técnico-profissional. **Democratizar**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 3-4, jan./abr, 2008. Disponível em: <[http://faetec.rj.gov.br/desup/images/democratizar/v3-n1/art\\_guacira.pdf](http://faetec.rj.gov.br/desup/images/democratizar/v3-n1/art_guacira.pdf)>. Acesso em: 07 nov. 2013.

ADAMI, A. S. et al. A formação do educador no movimento do capitalismo. **Políticas educacionais**, Paraná, v. 1, n. 1, p. 245-250, janeiro/jun. 2006. Disponível em: <[http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/revista/EDUCEREetEDUCARE\\_parte\\_3.pdf](http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/revista/EDUCEREetEDUCARE_parte_3.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2011.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. Pesquisa, formação e prática docente. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2001, p. 55-69.

\_\_\_\_\_. O papel da pesquisa na articulação entre saber e prática docente. In: CLAVES, S.M. e TIBALLI, E.F. (Org.). **Anais...** Goiânia: VII Endipe, v. II, 1994.

BARACHO, M. G.; MOURA, D. H; PEREIRA, U. A.; SILVA, A. F. Algumas reflexões e proposições acerca do ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio. IN: Ministério da Educação. **Ensino médio integrado à educação profissional: integrar para quê?**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2006, p. 17-39.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BERGER FILHO, R. L. Educação profissional no Brasil: novos rumos. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 20, p. 87-96, mai-ago, 1999. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie20a03.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

BICUDO, M. A. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1996, Seção 5, v. 134, n. 248, p. 1423.

\_\_\_\_\_. Institutos Federais de Ciência, Educação e Tecnologia: um novo modelo em educação profissional e tecnológica - concepção e diretrizes. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/livreto\\_institutos.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/livreto_institutos.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm)>. Acesso em: 11 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1997. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D2208.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm)>. Acesso em: 11 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Curso de Nível Superior. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2000. p. 30-47. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Norma Específica 017/2006. Estabelece as normas gerais e específicas para modalidades de bolsas por quota no país. Brasília, DF: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2006. Disponível em: <[http://www.cnpq.br/view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_0oED/10157/100352](http://www.cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100352)>. Acesso em: 10 nov. 2013.

COLOMBO, I. **Brasil Profissionalizado**: um Programa que sistematiza na prática a educação profissional e tecnológica. Brasília, 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec/>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.

\_\_\_\_\_. **Educar pela pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, 1998.

\_\_\_\_\_. Pesquisa como princípio educativo na universidade. In: MORAES, R.; LIMA, V. M. do R. (Org.). **Pesquisa em Sala de Aula**: tendências para a educação em novos tempos. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 51-86.

\_\_\_\_\_. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Editores Associados, 1997. p. 87.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_. Pesquisa e construção do conhecimento. Metodologia científica no caminho de Habermas. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. In: DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 2002.

DEWEY, J. **Vida e educação**. Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Cia Ed Nacional, 1959.

FERNANDES, C. M. Formadores para a formação profissional. **Revista Científica do Instituto Federal São Paulo**, Sinergia, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 31-37, 2001. Disponível em: <[http://www2.ifsp.edu.br/edu/prp/sinergia/complemento/sinergia\\_2001\\_n1/pdf\\_s/segmentos/artigo\\_05\\_v2\\_n1.pdf](http://www2.ifsp.edu.br/edu/prp/sinergia/complemento/sinergia_2001_n1/pdf_s/segmentos/artigo_05_v2_n1.pdf)> Acesso em: 08 nov. 2013.

FREIBERGER, R. M.; BERBEL, N.A.N. A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental.

**Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 37, p. 207-245, setembro/dezembro, 2010. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n37/09.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática docente. 19ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Que fazer** – teoria e prática em educação Popular. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p.59.

\_\_\_\_\_. **À sombra desta mangueira**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 29

FRIEDBERG, E. **O poder e a regra**: dinâmicas da ação organizada. Tradução Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

FUNDAÇÃO BRADESCO. **Educação Profissional**. Disponível em: <<http://www.fb.org.br/Institucional/SegmentosEducacionais/EducacaoProfissional/>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

GATTI, B. A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil Contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.113, p.65-81, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a04n113.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2010.

GARRIDO, E. **Pesquisa universidade-escola e desenvolvimento profissional do professor**. 2000. 108f. Tese (livre-docência em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GERALDI, C. M.G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E.M.A. (Org.) **Cartografias do trabalho docente**: professor(a) pesquisador(a). Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

HOFFER, E. Reflections on the Human Condition. In: HOUSTON, J. **A redescoberta do potencial humano**. São Paulo: Cultrix, 1982, p. 118.

KUENZER, A. Z. **Pedagogia da fábrica**: as relações de produção e educação do trabalhador. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 1985, p. 85.

\_\_\_\_\_. Formação de professores para a educação profissional e tecnológica: perspectivas históricas e desafios contemporâneos. In: RISTOFF, D.; MOLL, J.; FREITAS, P. S. de. Formação de Professores para Educação Profissional e Tecnológica. **Coleção Educação Superior em Debate**, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, DF, v. 8, n. 1, p. 12, setembro 2008. Disponível em: <[http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B8E32211D-EDD2-41A1-A2E0-2A6BB99C81AE%7D\\_educacaosuperioremd Debate8.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B8E32211D-EDD2-41A1-A2E0-2A6BB99C81AE%7D_educacaosuperioremd Debate8.pdf)>. Acesso em: 07 nov. 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LESSARD-HERBERT, M.; GOYETTE, G.; BOITON, G. **Investigação qualitativa Fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

LÜDKE, M. Combinando pesquisa e prática no trabalho e na formação de professores. In: **Ande**, v. 12, n. 19, 1993, p. 31-37.

MACHADO, L. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. Um novo lugar no desenvolvimento científico e tecnológico nacional. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, Brasília, 2008, v. 1, n. 1, p. 8-22, junho. 2008.

MADEIRA, M. C. Representações Sociais e processo discursivo. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: Editora universitária/UFPB, 2005. p. 459-470.

MOURA, D. H.; MARISE, R.; GARCIA, S.O. Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio. **Documento Base**. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento\\_base.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf)> Acesso em: 07 nov. 2013.

MOURA, D. H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. IN: 1ª CONFERÊNCIA NACIONAL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, 9., 2006, Brasília. **Anais ...**, Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-3317--Int.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Sociedade, educação, tecnologia e o uso das TIC's nos processos educativos. **Revista eletrônica do neddate**, Rio de Janeiro, ano 2, nº 2, 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/trabalhonecessario/index.php/numeros-antiores/2-uncategorised/7-20042>> Acesso em: 05 dez. 2004.

\_\_\_\_\_. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. IN: XXIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 2007b. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2007b. Disponível em: <[http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2007/106.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/106.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2013.

PACHECO, E. **Novas perspectivas para a rede federal de educação profissional e tecnológica**, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. **O novo momento da educação profissional brasileira**. Brasília, 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/educapro\\_080909.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/educapro_080909.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2011.

PASSOS, L. F. **A colaboração professor-pesquisador no processo de formação em serviço dos professores da escola básica**. 1997. 158 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PEREIRA, J. E. D. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. In: **Educação & Sociedade**. Campinas/SP: Unicamp, ano XX, n. 68, p. 109-125, dez., 1999.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

PENIN, S. T. S. Didática e cultura: o ensino comprometido com o social e a contemporaneidade. In: CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. **Ensinar a ensinar: didática para a escolar fundamental e média**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2001, p. 33-52.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, vol.22, n.2, p. 72-89, jul./dez. 1996. Disponível em: < <http://revistas.usp.br/rfe/article/view/33579> >. Acesso em: 11 nov. 2013.

QUIVY, R., & CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RAMOS, M. A pesquisa sobre educação profissional em saúde no MERCOSUL: uma contribuição para políticas de integração regional referentes à formação de trabalhadores técnicos em saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 282-291, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2007001400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007001400017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 jun. 2011.

RISTOFF, D.; MOLL, J.; FREITAS, P. S. Formação de Professores para Educação Profissional e Tecnológica. **Coleção Educação Superior em Debate**, Brasília, DF, v. 8, n. 1, p. 12, setembro 2006. Disponível em: <[http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B8E32211D-EDD2-41A1-A2E0-2A6BB99C81AE%7D\\_educacaosuperioremd Debate8.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B8E32211D-EDD2-41A1-A2E0-2A6BB99C81AE%7D_educacaosuperioremd Debate8.pdf)>. Acesso em: 07 nov. 2013.

RODRIGUES, L. **A formação de professores e a capacitação de trabalhadores da educação profissional e tecnológica**. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Ensino profissional: o estigma da cabeça mais do que as mãos**. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Ensino secundário: entre o ensino liceal e o ensino profissional**. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

SANTOS, E. H. Metodologia para a Construção de uma Política de Formação Inicial e Continuada de Profissionais da Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, 2004. **Revista**

**Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Brasília, v.1, n. 1, jun. 2008.

Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev\\_brasileira.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev_brasileira.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2013.

SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L. S. B. A Importância da pesquisa para a prática pedagógica dos professores que atuam na educação superior brasileira: algumas discussões iniciais. Desatando os nós da formação docente, **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração**, Goiânia, vol.1, n. 1, p.148-161, maio. 2009.

SILVA, V. da S.; WEIDE, D. F. Pesquisa na Formação e na Prática Docente. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 5 n. 9, p. 80-88, jan-jun. 2011.

STRAUSS, A. L., & CORBIN, J. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory**. 2 ed. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1998.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, São Paulo, n. 4, p. 215 - 233, 1991.

\_\_\_\_\_. Saberes docentes e formação profissional. São Paulo: Vozes, 2002, p.119.

VEIGA, I. P. A. As dimensões do processo didático na ação docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 12, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2004. v. 1, p.13-30.

YIN, R. K. **Case study research: Design and methods**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE I - BLOCOS E TÓPICOS DO GUIÃO DA ENTREVISTA

| BLOCOS                                                                          | TÓPICOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Legitimação da entrevista                                                    | <ul style="list-style-type: none"><li>- Apresentação do problema;</li><li>- Objetivos da entrevista e do trabalho de investigação;</li><li>- Importância da motivação do entrevistado para a participação;</li><li>- Caráter confidencial da fonte de informação e anonimato dos entrevistados;</li><li>- Áudio - gravação das entrevistas;</li><li>- Agradecimentos pela colaboração na realização do estudo.</li></ul> |
| 2. Blocos Temáticos                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| A- (Re) significação das práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde        | - Opiniões sobre: causas, implicações, fatores e estratégias que facilitam e dificultam o processo, procedimentos e métodos, efeito(s), compreensão do contexto.                                                                                                                                                                                                                                                         |
| B – Associação da Pesquisa Científica e a reformulação das práticas pedagógicas | - Opiniões sobre finalidade, efeito (s), motivações, dificuldades, implicações, comparações.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 3. Validação da entrevista                                                      | <ul style="list-style-type: none"><li>- Aspectos pertinentes não abordados;</li><li>- Sugestões relativas a aspectos importantes;</li></ul>                                                                                                                                                                                                                                                                              |

## APÊNDICE II- ROTEIRO DE ENTREVISTA

### I) IDENTIFICAÇÃO:

1.1 Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: \_\_\_\_\_ anos

1.3 Local de residência: ( ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: \_\_\_\_\_ anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: \_\_\_\_\_ anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: \_\_\_\_\_ anos

1.7 Formação:

Graduado em: \_\_\_\_\_

Especialista em: \_\_\_\_\_

Mestre em: \_\_\_\_\_

Doutor em: \_\_\_\_\_

### II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:

1. Autoriza a gravação desta entrevista?
  2. Tem alguma pergunta a fazer?
  3. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.
  4. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.
  5. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?
  6. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?
  7. Em caso positivo, quais as causas e implicações?
  8. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?
  9. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.
  10. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?
  11. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?
  12. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?
  13. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?
  14. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?
  15. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?
  16. E atualmente, o que lhe motiva?
  17. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?
  18. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?
  19. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?
  20. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?
  21. Em que medida esta entrevista lhe agradou?
  22. Gostou de falar da sua experiência?
  23. Há alguma coisa que deseje acrescentar?
  24. Tem alguma sugestão a fazer?
  25. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?
- Muito obrigada pela sua colaboração.

### APÊNDICE III - ORÇAMENTO FINANCEIRO

| Material                                                     | Valor      |
|--------------------------------------------------------------|------------|
| 01 Pen Drive 8 GB                                            | R\$ 24,90  |
| 05 Resmas de Papel A4                                        | R\$ 64,50  |
| 02 Cartuchos de Tinta para Impressora                        | R\$ 64,00  |
| Impressão, Encadernação e suporte digital para a dissertação | R\$ 650,00 |

## **APÊNDICE IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

#### *Esclarecimentos*

Este é um convite para você participar da pesquisa: “A pesquisa científica (re) significando as práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde”, que tem como pesquisador responsável Anna Katyanne Arruda Silva e Souza.

Esta pesquisa pretende analisar a associação entre a pesquisa científica e a (re) significação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde.

O motivo que nos leva a fazer este estudo está em evidenciar a contribuição da pesquisa para o processo de (re) significação das práticas pedagógicas dos professores no ensino técnico em saúde, visando a demanda social, política e histórica de reorganização das instituições promotoras dessa modalidade educativa, o gargalo em relação à qualidade devido à expansão quantitativa da oferta dessa modalidade no país e a heterogeneidade dos discentes. Contribuirá ainda com as discussões acerca do papel da pesquisa enquanto agente fomentador da superação dos paradigmas e limitações da educação profissionalizante.

Caso você decida participar, você será entrevistado, com gravação de voz, previamente autorizada por você através de termo específico de autorização para gravação de voz.

Durante a realização da entrevista você será submetido a três blocos, sendo o primeiro para legitimação da entrevista, o segundo para avaliar através de blocos temáticos a sua opinião sobre a (re) significação das práticas pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde e a associação da Pesquisa Científica com a reformulação das práticas pedagógicas, por último o terceiro bloco será para validação da entrevista; a previsão de riscos é mínima, ou seja, o risco que você corre é semelhante àquele sentido num exame físico ou psicológico de rotina.

Pode acontecer um desconforto ao expor suas opiniões e experiências relacionadas à temática em questão que será minimizado pelo respeito à sua privacidade e você terá como benefícios advindos do estudo o fomento à discussão sobre a pesquisa científica e a (re) significação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde e as motivações e dificuldades enfrentadas pelos professores do ensino técnico no desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista as particularidades dessa modalidade de ensino.

Em caso de algum problema que você possa ter, relacionado com a pesquisa, você terá direito a assistência gratuita que será prestada pelo profissional responsável pela pesquisa Anna Katyanne Arruda Silva e Souza - Telefone (84) 96378858.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Anna Katyanne Arruda Silva e Souza - Telefone (84) 96378858.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Assim como se recusar a responder as perguntas que lhes cause constrangimento de qualquer natureza.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você.

Se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, telefone 3215-3135.

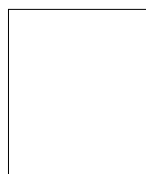
Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Anna Katyanne Arruda Silva e Souza.

#### *Consentimento Livre e Esclarecido*

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa **A pesquisa científica (re) significando as práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde**, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Natal \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Assinatura do participante da pesquisa**



Impressão  
datiloscópica do  
participante

**Assinatura do pesquisador responsável**

## APÊNDICE V – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, \_\_\_\_\_, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “**A pesquisa científica (re) significando as práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde**” poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora responsável Anna Katyanne Arruda Silva e Souza e o orientador Leonardo Rocha a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa Anna Katyanne Arruda Silva e Souza, e após esse período, serão destruídos e,
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Natal \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Assinatura do participante da pesquisa**

**Assinatura e carimbo do pesquisador responsável**

## APÊNDICE VI – ENTREVISTAS REALIZADAS

### I) IDENTIFICAÇÃO: K1

1.1 Gênero: (X) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 43 anos

1.3 Local de residência: ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 10 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 10 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: \_anos

1.7 Formação:

Graduado em: Enfermagem

Especialista em: Gestão Hospitalar

Mestre em: Enfermagem

Doutor em: Atualmente no Centro de Ciência da Saúde

### II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:

26. Autoriza a gravação desta entrevista?

R: Sim, Autorizo.

27. Tem alguma pergunta a fazer?

R: Não, Não.

28. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

R: Bem, eu iniciei realmente a minha vivência. Eu fui substituta inicialmente da graduação. E a partir daí eu me senti estimulada e vi que tinha perfil para ser professora por que até então eu só atuava como técnico administrativo como enfermeira do hospital e resolvi me dedicar a essa área do técnico, ensino técnico, fazendo concurso para escola em 2003 e realmente gostei muito, me realizo muito, gosto, acho que é uma boa área de enfermagem. Eu sinto que tenho o perfil né, por que tem que ter um perfil para dar aula para o técnico. E a minha experiência tem sido em semiotécnica, pego o aluno do início, e no final em assistência ao paciente grave. Eu pego esses dois momentos. Gosto muito de pegar o aluno iniciante e no final do curso.

29. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

R: A primeira coisa que eu acho e que é um ponto um pouco negativo é que os alunos de antes .... Eles realmente queriam o técnico eles iniciavam e terminavam. Hoje em dia como tem uma grande diversificação, uma abertura maior para o nível superior para graduação a gente percebe que os alunos estão entrando mais cedo no nível técnico e muitas vezes não sabem se é isso que quer e a enfermagem você tem que ter perfil e querer. E percebemos um absenteísmo muitas vezes eles desistem para migrar para um curso de nível superior. Então, a diferença que sinto há dez anos atrás e que as pessoas que faziam o técnico é que realmente queriam ser técnicos hoje não, hoje as pessoas que queiram ser técnicos não tenham a oportunidade de entrar e quem tá entrando são os alunos que não querem ou muitas vezes não gostam, são imaturos e desistem do curso.

30. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

R: Eu acho que, eu assim que mudou muito com a lei de diretrizes e bases a questão da avaliação. Então isso é que eu venho batendo e muito assim a gente tem sempre um pouco de conflito, por que eu acho que há um tempo atrás tinha um certo rigor maior em termo de avaliação onde as pessoas podiam ficar retidas sim por não ter conseguido atingir o objetivo por não se interessar e hoje não consegue, não tem como reter você tem que e...e... recuperar o aluno durante o processo ensino aprendizagem mas assim até que ponto isso não é desgastante para o professor, você ficar o tempo todo buscando aquele aluno, querendo trazer e ele sem ter interesse. Eu acho que essa questão de avaliação de apto e não apto desmotiva muito o aluno que quer alguma coisa. Por que no momento que você consegue recuperar esse aluno que não está interessado e fica como apto o outro que se desenvolveu, que estimulou e que estudou fica com apto igualmente a ele. Então, assim isso é uma

*coisa que temos que repensar essa questão da avaliação, não concordo muito, não sou tradicional, mas não concordo não.*

31. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: (Risadas) Na minha opinião sim, eu acho que deveria sim, por que eu imagino o CEFET, trazendo para o escola de enfermagem, o CEFET tem ensino técnico onde você dá aula para um aluno trabalhador também, mas lá eu muito rigoroso entende? Então assim os alunos valorizam mais. Então o que está acontecendo? O que acontece lá que muitas vezes não acontece aqui? Tudo bem que aqui você vai ter vários cursos funcionando bem, a escola cresceu muito, mas eu sinto que tem essa dificuldade no técnico de enfermagem, não digo outros cursos né. O que acontece lá que aqui não tem? E lá é a mesma coisa, a mesma diretriz, é a mesma né? Subentende que seja.*

32. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: Causou por que você teria que inserir. Eu entendo assim né. Que o aluno do técnico é um aluno que é um aluno trabalhador que vem da dupla jornada de trabalho e que você tem que realmente uma flexibilização maior para poder ter esse aluno em sala de aula. Então eu acho que para você ter uma maior inserção e também a questão dos pensadores mesmo da educação. A educação começou a ser vista a partir de Paulo Coelho de pessoas que viu a educação de outra forma. Da questão do aprender, como é que diz? Não é só o aluno, o professor chegar a transmitir informação e absolver e ser aquela coisa tradicional. Tem que ter o aluno como...construtor do seu conhecimento e ele ser uma pessoa ativa no processo ele ter que ser participar ativamente não ele ser passivo só uma caixinha de acumular.*

33. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: Pera aí, deixa eu ver..(risadas). Bem eu acho que os fatores que facilitam é você... Nós continuamos com a mesma filosofia desde que você reveja a questão da entrada na escola, o perfil do aluno, que tipo de aluno é esse que está entrando, se ele realmente é quer continuar e a questão da avaliação. A reformulação que deve ser feitas para a melhoria desses impasses é a entrada, um processo seletivo diferenciado e a reformulação da avaliação.*

34. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: Bem, pesquisa científica é um...A pesquisa é a busca de conhecimento. Conhecimentos que são empíricos a cerca de um assunto, a cerca de um fenômeno que você que pesquisar e que você busca para sair do empirismo. Você pensa que aquilo está acontecendo no seu trabalho, na sua área que lhe inquieta e você vai em busca de autores, vai em busca de dados científicos que realmente comprove aquilo ali. Não é o tal, eu acho que é isso eu acho que é aquilo não, não é achismo, é você realmente mostrar com testes estatísticos, como no caso da quantitativa, resultados coerentes, certos e corretos.*

35. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Com certeza, eu acredito que sim por que você quando faz um mestrado, um doutorado ou orienta um aluno. A visão do professor, a visão para o professor você fica mais maduro, você fica mais...Você adquire uma bagagem de conhecimento além daquela aula que você esta fazendo, daquela questão técnica simplesmente técnica. Você também aprende a orientar os alunos, estimular eles à pesquisa para que eles formem projetos por que os professores tem que ter projetos de extensão, projetos PIBIC ele vai ter que ir orientado até chegar a um patamar mais complexo como orienta mestrado, doutorado e especialização. Eu acho que é muito válido para ambas as partes discente como docente.*

36. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: (Risadas) Foi meio frustrante por que eu entrei no mestrado me deparei com dificuldades escritas, por que o mestrado é muito doloroso por que é um aprendizado onde você tem dificuldade de escrever por que você nunca escreveu um trabalho científico. Quando você se depara com um orientador que não se debruça, não lhe ajuda, muitas vezes não consegue caminhar com você então você sofre muito. E também o campo de coleta de dados as pessoas não lhe ajudam, não querem participar de tudo isso, são limitações que levam você a sofrer no processo do mestrado (Risadas).*

37. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: Participei.*

38. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Agora atualmente estou no doutorado e participo de um grupo de pesquisa de saúde da mulher da Universidade Federal.*

39. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: Tenho dois projetos como aluno PIBIC que fiz em relação ao paciente coronariano na UTI. Esses projetos vão coletar os dados nos prontuários para ver o perfil do paciente, que exames e diagnósticos eles fazem, quais são os principais diagnósticos. Envolve as duas alunas esse projeto que foi aprovado.*

40. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: Bem a minha motivação primeira é que quem é docente tem que crescer, você não pode ficar num patamar onde você não busca desenvolver sua parte intelectual, para realmente conhecer sua prática e ter subsídios para orientar os alunos. Então o meu primeiro interesse foi por conta de questão da docência, mas também a prática assistencial no hospital onde muitas questões me inquietavam e queria amadurecer aquilo ali. Como comportado do mestrado fui fazer meu projeto para desenvolver.*

41. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: Sim, por que você sofre no mestrado e daqui a pouco você para de sofrer, quer fazer o doutorado, né? (Risadas). Então eu me motivei, eu estava grávida ainda, quando tive interesse em fazer o doutorado e consegui uma orientadora, que me acolheu, paguei disciplinas e tudo e hoje graças a Deus vou me qualificar para poder defender a tese.*

42. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Aqui na escola? No momento eu vi que assim já fizeram uma pesquisa sobre absenteísmos, por que os alunos desistiam isso vai ter um efeito positivo. Vejo muitos trabalhos é... sobre avaliações de cursos, avaliações para ver se o aluno conseguiu atingir o objetivo, se ele gostou ou não gostou, isso aí tem tudo a ver com a prática. A escola busca saber para poder aprimorar sua prática. Acredito que a pesquisa científica melhora a minha prática, por que a prática não é só você dar aula então vai melhorar seu currículo, por que você tem que ter um currículo bom, você tem que mostrar que está desenvolvendo trabalho científico enquanto professora, vai lhe ajudar a trazer questões que lhe inquietam, apresente respostas que nos nós críticos que você vai ter no seu dia a dia. Eu acredito que sim.*

43. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: A maior dificuldade como nós somos de enfermagem, eu não tenho DE, então eu tenho hospital então isso desgasta muito, às vezes você não está com condições de fazer, de estudar por que você está com uma carga horária muito pesada como também aqui na escola tem muito estágio, então você termina se consumindo em virtude dessas questões. A questão da pesquisa científica que requer um equilíbrio, requer uma cabeça muito tranquila para pensar, escrever e termina ficando para trás.*

44. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Sim, com certeza por que a partir daí temos as respostas que você vai poder fazer a melhorar questões que estão pendentes.*

45. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Com assim a associação? (Entrevistador esclarecer a pergunta) Sim, por que ele vai se tornar um profissional mais crítico, um profissional com o maior grau de conhecimento que realmente pode passar para o aluno como também ele vai ter condições de ampliar sua área de atuação com esse aluno do nível técnico. Por que na escola técnica, na verdade, hoje não é só a escola técnica de enfermagem está chegando mais cursos. Então vai dar pano para manga para você ser docente de uma área dessa mais complexa.*

46. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Gostei demais (Risadas).*

47. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Gostei sim com certeza.*

48. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

R:-

49. Tem alguma sugestão a fazer?

R: *Com essas perguntas acho que você consegue atingir seu objetivo.*

50. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

R: Não.

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K2**

1.1 Gênero: ( X ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 50 anos

1.3 Local de residência: ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 7 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 6 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 2 anos e meio

1.7 Formação:

Graduado em: Enfermagem

Especialista em: Administração de serviços de saúde

Mestre em: Enfermagem

Doutor em: \_\_\_\_\_

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

51. Autoriza a gravação desta entrevista?

R: *Com certeza*

52. Tem alguma pergunta a fazer?

R: *Não, tudo ok.*

53. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

R: *Bom dentro da educação básica, técnica e tecnológica eu entrei já na Escola de Enfermagem de Natal para o curso técnico de enfermagem de natal sempre voltado para o módulo de semiotécnica. Fiz algumas participações, aliás tive algumas participações no de paciente grave sempre acompanhando alunos em campo de estagio e saúde do adulto em sala de aula, mas desde o começo eu estive presente no ensino da semiotécnica.*

54. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

R: *Bom, eu penso que eu não tenho uma opinião bem formada por que o meu conhecimento realmente maior foi aqui na escola né. Mas com relação com o que eu recebia de aluno procurando trabalho, de pessoas que saíam da escola e iam me procurar para iniciar a vida profissional. Dá para perceber que hoje ele é mais...mais ...Não sei se a palavra é refinado, não é, a palavra é elaborado. Existe uma maior elaboração, uma preocupação com a saída desse aluno para enfrentar o campo de trabalho. Uma ação do ensino técnico voltado para isso, o ensino técnico está consciente que tem que formar uma pessoa para trabalhar. Então na minha percepção de dez anos para cá eu percebo que hoje é está mais focada no objetivo dele, com ênfase maior no mercado de trabalho.*

55. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

R: *(Pausa para respirar) Hoje o professor ele é mais atuante no sentido de fornecer mais conhecimento no ensino técnico prático em si né. Então, digamos assim, que o que era bem teórico hoje é mais teórico-prático.*

56. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

R: *Eu penso que o início dela, ainda assim a prática pedagógica na realidade ela ainda é muito pautada nas questões teóricas. Mas hoje eu penso que tem um peso importantíssimo modificando para ser uma coisa muito prática muito vivencial mesmo. Digamos que é uma mudança que não está consolidada, mas ela está sendo bem bastante trabalhada para que a condução seja muito*

*mais no caminho da prática do que da teoria em si. Para que essa consolidação aconteça presença de mais professores, presença de mais laboratórios em si e eu penso que uma conscientização muito maior para o professor. Para que ele está trabalhando? Ele está formando o quê? Ele está formando o quê, para fazer o quê? Talvez fosse essa a grande pergunta.*

57. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: Eu acho que é suscitada pela necessidade de uma melhor profissional hoje né. Essa seria a principal causa, o mercado ele exige que o profissional saiba o que ele está fazendo. Hoje, o profissional não dá para ser mais para menos ou para mais ele precisa saber o que está fazendo. Eu penso que a causa disso é a demanda social mesmo de trabalho, de mudança dentro da produção de trabalho e o caminho dessa modificação vai trazer um profissional bem informado, ele vai precisar entender mais coisas não somente da área de pesquisa dele ele vai precisar entender melhor de um conjunto de conhecimento.*

58. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: Uma grande dificuldade que temos hoje nos campos de trabalho e a pouquíssima aceitação desses profissionais, que também foram alunos, que existem pessoas que precisam aprender. Então assim, uma grande maioria dos campos você percebe claramente o bico de papo dos profissionais ao aluno (risadas). O que ele puder fazer para atravancar ele vai fazer. Então, assim o que facilitaria bastante se nós tivéssemos os próprios professores com uma consciência melhor do que é o ensino profissional e que conseguisse fazer que esses profissionais que estão boicotando os outros hoje, alunos que estão lá para aprender igual a eles que estiverem algum dia, tentasse uma mudança de comportamento, ou seja, os campos que estão aí que os alunos precisam frequentar, eles mudassem um pouco a cabeça, entendendo que é importante que aquele aluno esteja ali, ele precisa daquele campo aberto e que as pessoas tenham aceitação e acolha.*

59. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: Bom na realidade a pesquisa científica é o berço do mundo (risadas). Então assim apesar de que, eu escutei recentemente uma professora dizer que a prática ajusta a teoria não é a teoria que ajusta a prática. Mas a pesquisa científica ser embasada nessa prática, o alicerce dela precisa dessa prática, o que está acontecendo é a prática na realidade. Então, a pesquisa científica vem no sentido de trazer melhoras a esse fazer profissional de ponta. Então, assim eu digo sempre que hoje estou aonde eu sempre quis estar que é dentro da universidade. E as universidades eu tenho essa concepção são o berço do mundo, então as coisas começam lá por que ela está formando as pessoas, formando os profissionais com base em uma prática que está sendo vivenciada na sociedade. Então meu entendimento de pesquisa científica é isso aí, é aqueles trabalhos que o profissional desempenha para melhorar as condições de trabalho e melhorando as condições de trabalho você tem uma melhora de vida de uma população, de uma país e de uma região. Pesquisa científica está aí para ajudar a população crescer, fazer o mundo caminhar. Nem sempre as coisas acontecem assim a contento e no final você tem esse objetivo atingido, muita pesquisa científica se perde no meio do caminho e é muito dinheiro que é gasto sem atingir o objetivo outras tomam rumo que não são tão bom assim, isso acontece, mas eu penso que, eu quero acreditar que o objetivo é melhorar mesmo (Risos).*

60. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Podem, elas podem ter, a como eu disse no começo a prática ajusta a teoria. Então tem uma prática acontecendo que o ensino profissional está inserido dentro dessa prática. Então em um determinado momento o que existir de conhecimento novo e que vai ser devolvida a essa prática vai influenciar de alguma maneira no ensino técnico sabe? Agora veja bem precisa também que as pessoas que estão fazendo esse ensino técnico e que estão nessa prática elas tenham consciência que vai precisar absorver esse conhecimento novo também e acredita nele e contribuir com ele.*

61. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Na realidade meu contato com a pesquisa científica começou quando eu era enfermeira assistencial, principalmente direcionada para as questões das infecções hospitalares na realidade foi o grande “bum” depois que eu entrei no campo da enfermagem até por que foi assim, eu me*

*formei em 91 então Tancredo Neves morreu de infecção hospitalar em 85 e foi quando as coisas começaram a se organizar realmente na prática no país, foi depois da morte de Tancredo Neves. Então, assim tudo que se fazia quando eu comecei a trabalhar na enfermagem estava voltado a prevenção de infecção hospitalar então no duro, no duro mesmo durante o curso eu tive pouca aproximação a pesquisa científica, mas tive não posso dizer que não por que eu fui bolsista do CNPQ com a professora Berta, mas a minha aproximação com a pesquisa em si era pequena.*

62. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: Já fui integrante da base de pesquisa do departamento de enfermagem na base de educação durante o mestrado, hoje eu estou afastada, bem afastada.*

63. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Hoje eu estou afastada, bem afastada.*

64. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: No momento não, eu participo de projetos de extensão, mas assim sem o direcionamento meu até por que a coordenação de Gestão me consome 24 horas por dia (Risadas). Estou cheia de planos para quando deixar a coordenação inclusive fazer pesquisa dentro da Gestão Hospitalar por que é reivindicações de alunos, o MEC quando veio fazer a visita apontou, mas com a coordenação de um curso em implantação e dando conta também de sala de aula fica complicado. Então não tenho como fazer isso no momento mais tenho planos (Risadas).*

65. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: Era a questão da comunicação na enfermagem, as dificuldades na comunicação que os profissionais de enfermagem enfrenta de todo lado, por que ele tem uma demanda enorme de comunicação tanto que chega para ele que ele precisa informar com que ele precisa saber para ter uma boa pratica profissional. Então esse foi o meu norte, foi a comunicação na enfermagem.*

66. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: Bom uma questão que me motiva hoje demais, que se eu tiver que fazer doutorado vai ser com base nisso, o lastro vai ser esse, a gestão ambiental dentro da saúde. O profissional que trabalha dentro da saúde hoje ele tem uma conscientização pequena de preservação e dentro da enfermagem, então é uma coisa bem seria a enfermagem é uma grandiosíssima produtora de resíduos sólidos e muitas vezes ela vai, vai produzindo e não tem ideia aonde aquilo ali pode chegar. Então assim dentro da própria educação do profissional de enfermagem, você vai ser um profissional de enfermagem como você enxergar a questão ambiental dentro da sua profissão e dentro do próprio serviço mesmo. Os profissionais que já estão lá desenvolvendo suas práticas como é que eles enxergam a questão ambiental já que eles são esse produtor de resíduos tão fortes. Então, é o que me motiva hoje ver alguma coisa disso aí e ver alguma possibilidade de mudança.*

67. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Vejo, por exemplo, nas metodologias ativas que a gente busca o máximo delas são resultados disto, são resultados de pesquisa que em um dado momento que foi verificado que quanto mais formas ativas de se levar o conhecimento, melhor esse conhecimento seria absorvido e melhor aproveitado consequentemente.*

68. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: Basicamente tempo (Risadas). É uma profissional que tem pouco tempo a demanda dele de sala de aula e preparo é muito grande, então as horas que lhe sobram são pequenas.*

69. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Penso que são a alavanca fundamental para que aconteça alguma mudança. Não sei bem como isso pode ser trabalhado para ser melhor, mas eu entendo que é uma alavanca importantíssima.*

70. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Bom a pesquisa sempre trás novo conhecimento e esse novo conhecimento está relacionado aquela prática profissional que eu disse lá no começo. Então, tudo que for entendido como*

*conhecimento novo e que vai melhorar ou facilitar o desempenho profissional eu penso que é associação da pesquisa com o ensino profissional. É uma associação válida, associação importantíssima. Nem sempre ela é feita, às vezes ela é feita numa forma contundente demais. Exemplo um erro que aconteceu de alguma coisa que já estava sendo trabalhada de outra forma, mas que o profissional não estava conseguindo aceitar ou absolver aquele conhecimento e em um determinado momento ele precisou aprender aquilo de uma forma contundente demais daquela forma que a pesquisa mostrou que é melhor de trabalhar que ele vai precisar aderir para errar menos, alguma coisa nesse sentido.*

71. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Achei ótimo.*

72. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Gostei de falar da minha experiência e é uma pesquisa que traz questionamentos importantíssimos, por exemplo, pesquisa científica e ensino técnico é uma coisa pouco conversada, pouco refletida.*

73. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: Não*

74. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: Acho que a sua pesquisa vai ser bem completa.*

75. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

*76. R: Não*

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K3**

1.1 Gênero: ( *X* ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 50 anos

1.3 Local de residência: ( *X* ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 23 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 6 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: -

1.7 Formação:

*Graduado em: Enfermagem*

*Especialista em: Enfermagem materno-infantil, saúde pública e saúde coletiva, administração nos serviços de saúde.*

*Mestre em: Enfermagem.*

*Doutor em: Está fazendo.*

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

77. Autoriza a gravação desta entrevista?

*R: Com certeza*

78. Tem alguma pergunta a fazer?

*R: Não, não.*

79. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

*R: Foi muito importante Anna eu ter essa vivência do serviço, tanto a vivência como preceptora como também como supervisora técnica dos técnicos e auxiliares de enfermagem. E também dos agentes comunitários de saúde por que eu passei minha vida toda na Secretaria eu passei só algum tempo no nível central, mas a maior parte foi nos serviços de saúde tendo experiência tanto com as unidades básicas tradicionais como também participei na implantação das unidades Saúde da Família. Então... a atividade em enfermagem por si só tem um aspecto muito forte, que é ser uma prática educativa e uma prática social. Então eu nunca me vi desmembrada disso; tanto no exercício da supervisão de enfermagem do auxiliar, enxergando que a gerência em enfermagem é um processo pedagógico (também isso eu pude perceber e estudar um pouco mais a fundo na época do mestrado)- sempre eu acreditei nisso. E também quando você está na comunidade por*

*que você está o tempo todo nessa interface de trabalhar educação em saúde -esse aspecto mais pedagógico, essa pratica educativa.*

80. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

*R: Eu não participava dessa formação do técnico em enfermagem, o meu espaço era no serviço de saúde. Mas com certeza a gente enxerga que mesmo lá e aqui era uma formação em que sofremos influência em todos os níveis de formação de práticas muito fragmentada e de currículos muito fragmentados e isso tem muita repercussão do modelo de saúde que se tem hoje, né. Por que a gente precisa pensar hoje muito integrado, mas a gente foi formado em um ensino muito fragmentado.*

81. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

*R: Então, eu acho que tem mudado muito com essas novas possibilidades, esses novos projetos essa nova forma de pensar, mas é um pouco difícil de costurar, recosturar, fazer os remendos necessários.*

82. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Eu acho que sim, eu penso que existem professores mesmo que... por exemplo, na Escola existe uma trajetória de lidar com novos jeitos de educar, novas praticas, desdá disposição das cadeiras (isso foi uma coisa que já foi influência de uma proposta "outra" de educação) até a utilização de novas práticas e novas práticas pedagógicas. Agora, existem pessoas, existem professores, que eles nunca vão mudar por que eu acredito muito que essa mudança é uma mudança interna de concepção quando você está no modelo novo, mas ainda vestindo a camisa do velho você reproduz esse velho, você carrega essa bagagem para onde se for, né? Então, eu acredito nisso, que a gente tem muitas possibilidades de reinventar o velho, por exemplo. Agora, romper no dia a dia, no cotidiano, com essa visão que só o espaço da sala de aula é o espaço único educativo... você fazer isso no exercício da docência, isso é muito difícil.*

83. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: Eu acho que a implicação é você possibilitar a formação de sujeitos mais reflexivos, mais criativos, mais autônomos, né? Que eles possam ao mesmo tempo quando forem profissionais de saúde enxergarem isso também. Quando forem fazer suas práticas, por que em qualquer nível de atenção, a prática de saúde é sempre uma prática educativa: seja ela feita no hospital, seja ela feita no território de saúde. Então, se você consegue passar isso na formação você facilita. Mas você precisa instrumentalizar esses alunos para que eles possam fazer isso para que aprendam a fazer isso de uma forma diferente por que eles vão reproduzir na 'ponta' esse jeito verticalizado de ensinar e aprender achando que só eles tem o saber e reproduzir isso. Então, é possível que a gente faça isso sim. A causa dessas mudanças é por que entra em falência ...você ver que não consegue principalmente na área da saúde, você ver que com essa forma de agir você fragmenta o cuidado, fragmenta o ser humano, fica especializado, você fica ditatorial, autoritário então isso traz na repercussão no cuidado e isso é terrível para o usuário, o paciente, o cliente qualquer que seja. Então, essa forma de prestar o cuidado não da conta de atender as necessidades de saúde da população. Então, eu acho que isso é um movimento de constatação de que ha necessidades de reformulação, de que esse modelo de saúde não da conta. Trabalhar dessa forma não dá conta...está impossível. Agora o que acontece, é que tem havido muitas reformulações curriculares então você já consegue colocar isso no papel, que é um passo importante com certeza, mas sair do papel isso é, para formação, para cabeça das pessoas, isso é um outro 'departamento'. Precisa também que essas pessoas acreditem naquilo que está posto, acredite naquilo que está sendo pensado e que reconheçam que essa fragmentação ela acontece também na formação. Esse jeito de ensinar fez com que muitas vezes as pessoas se dividissem que caselas; os professores se dividissem em caselas, em áreas. Às vezes você propõe algo integrado, mas não conversa, você não troca experiência, você não troca as questões que envolvem, por exemplo, a atenção básica com outros níveis de média, alta complexidade. Então isso é reflexo de um jeito de fazer de um jeito de pensar (fragmentado) e isso traz repercussões.....Mas se por outro lado, você passa a trabalhar integrado, em equipe ,tipo assim, a fazer um ajustamento conceitual, em*

*relação a : o que se pensa de saúde? Qual a ideia que esse curso tem de saúde? O que você está defendendo aqui na formação que seja sobre conceito de Saúde a ser adotado, quer seja sobre integração ou ainda a utilização de novas metodologias de ensino. Então se isso for conversado eu acho que a repercussão é a melhor possível e a gente já tem muitas experiências a gente enxerga isso no crescimento do aluno.*

84. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: Eu acho que a gente vive também no ensino médio uma pressão que o professor tem que ao mesmo tempo que se qualificar, ele precisa estar produzindo, fazendo ciência, fazendo produção científica e ele precisa estar em sala de aula e também em extensão. Então, assim você fazer tudo isso funcionar nessa velocidade ...e hoje existe algo que tem uma determinação maior que é no imaginário dos órgãos fomentadores de pesquisa que você precisa tipo assim, o professor que está só em sala de aula ele é menos valorizado ele pode ser um excelente professor, ele pode ter ótimas metodologias, ser altamente querido, ser uma pessoa ética e tudo, mas ele nunca vai ter a valorização se ele ficar só ali. Então isso gera uma ansiedade muito grande por que você, às vezes, você não que está no outro lado, não quer estar produzindo. Eu acho que é diferente de esta estudando de esta buscando conhecimento, mas ele não quer formalmente fazer outras coisas, mas ele é empurrado para fazer por que ele precisa esta na ponta é um produtivíssimo acadêmico sem muita ética, sem muita integração e simplesmente fazer. Esse produtivismo acadêmico não é uma busca de conhecimento onde você elabora reflete é simplesmente uma fábrica de fazer artigos. Então, conciliar tudo isso é muito estressante. Até por que aqui na Escola a gente trabalha em diferentes cursos apesar de serem do ensino médio e de serem da área da saúde eles tem diferentes saberes e esse saberes faz com que o professor tenha que ir atrás para ele esta em sala de aula, ele tem que ir buscar as várias áreas do conhecimento, não é a mesma forma que eu faço para o vigilância em saúde ou para o técnico em enfermagem é diferente a logica , o olhar, a pratica desse profissionais vai ser diferente. O conhecimento vai ser o mesmo mais a especificidade da prática que vai ser outra isso exige da gente muito e agora a Escola está também na graduação então essa coisa de trabalhar em diferentes níveis de ensino exige muito da gente, exige que a gente esteja articulando. Agora mesmo a gente teve uma experiência no curso da graduação tecnológica que levou a gente a fazer vários arranjos entre professores e isso foi legal. Por que tem disciplinas que se elas não conversarem e isso tem uma implicação terrível na formação do aluno por que ou ela vai ficar repetitiva ou ela não vai dar conta, e é uma continuidade, que entender que o saber é acumulado continuamente e se os professores não fazem isso tem uma repercussão grande.*

85. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: Eu acho que a busca do conhecimento para mim é algo que me dá um enorme prazer, mas é angustiante.. e você ir buscar sem ter o tempo necessário, com essas histórias dos prazos e tudo mais... isso para mim é difícil. Mas estudar é uma coisa muito rica e você ler o que eu você gosta, buscar aquilo que você acredita e escutar também...é fascinante!. Então a pesquisa científica possibilita que você vá atrás de inovações, reflita sua prática o que é que tem de novo, reveja concepções. Eu acho fantástico, qualquer nível que seja, eu acho a busca do conhecimento uma coisa bacana.*

86. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Sim e não, depende da sua concepção de pesquisa. Se você tiver essa concepção de pesquisa que eu estou dizendo do produtivismo acadêmico você não esta pouco ligando para isso tenha repercussão na pratica, e pode ate levar você, por exemplo, ficar muito mais esnobe, se distanciar mais daquele aluno por que você esta de ponta, não trazer esse aluno para reflexão e distanciar mais. Isso a gente vê muito, professores que vão se distanciando que vão produzindo que vão tratando mal o aluno com desdém com ignorância. A gente ver isso em muitos cursos e em muitos espaços. Mas, ao contrário, ele pode, na medida em que essa pesquisa proporcione o estudo, a busca do conhecimento; proporcione uma reflexão da sua própria prática, com certeza, na sua prática pedagógica na sua prática também você vai fazer isso. Espera-se que você possa*

*trazer isso para o seu dia a dia ,para o seu cotidiano, se não fica algo esquizofrênico por que você pensa sobre essas questões, mas na pratica você é uma pessoa totalmente diferente. É papel do professor desperta isso: a busca do conhecimento no aluno. Ele faz isso com esse exercício prático dele, quando ele começa a falar com propriedade com entusiasmo por que isso, o aluno percebe e sente... e isso consegue contagiar.*

87. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Eu fui de uma geração onde a gente ainda não tinha iniciação científica na graduação. Então, a gente tinha monitoria, bolsa de trabalho então a gente ia muita para pratica para o serviço e tudo. Mas assim que eu terminei eu comecei as especializações. Então sempre foi algo que eu gostava de fazer.*

88. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: Ainda me lembro da minha primeira pesquisa quando eu terminei a especialização materna infantil, eu tinha 22 anos, e era o estudo comparativo para dois tipos de tratamentos para o coto umbilical, o aberto e o fechado, para você ver como mudam as coisas. Então a maternidade Januário Cicco estava implantando o coto aberto e tinha um hospital publico que ainda era o coto tradicional e a gente fez esse trabalho. Depois na saúde coletiva agente foi fazer um trabalho, uma pesquisa com o grupo de monitorar e comparar os cardápios que as creches municipais falavam que faziam e agente foi em loco para pesar todas as crianças e ver os cardápios e a gente viu uma discrepância, quer dizer, como uma criança esta o dia inteiro numa creche com aquele cardápio e esta desnutrida se ela passa o dia todo lá. E a gente via o desvio, era mesmo para denunciar isso, essa pesquisa. Depois eu fui ainda, do serviço, apresenta no congresso nacional um modelo de gestão numa unidade básica. Era uma experiência que mesmo no serviço que a gente buscava isso. Aí veio um trabalho bem legal que veio no mestrado, mas formalmente para inserir foi só quando eu entrei no espaço acadêmico que fui me vincula a um grupo de pesquisa e enfim estou no grupo fazendo doutorado.*

89. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R:Atualmente participo do grupo da escola de território e saúde coordenado pela professora Jaci e estou vinculada com o PIBIC-EM.*

90. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R:Tem um projeto do PIBIC-EM com bolsista de pesquisa onde a gente esta vendo as pratica desenvolvidas pelos técnicos de enfermagem na atenção básica. O que a gente esta vendo é como isso esta distante por isso a atenção nessa instrumentalização por que como a gente esta vendo que esta geração de técnico que está nos sérvios de atenção básica é uma geração mais antiga, como e pouco instrumentalizada para lidar com as questões das praticas educativas. Esses técnicos de enfermagem continuam nas caselas (setores de enfermagem) apesar de alguns deles terem tido a formação num curso com carga horária suficiente não foram instrumentalizados além do processo de trabalho deles eles não o fazem e aí no curso do agente comunitário de saúde já fazendo essa reflexão, a gente pensou que tem que instrumentalizar esse profissionais, a gente faz isso na disciplina de saúde coletiva. Então se você tem uma experiência na pratica tem que trazer para a sala de aula. Então essa oficina de teatro que a gente pensou ...Porque qualquer profissional ele é 'dragado' por uma pratica mais fragmentada se ele não tiver o tempo todo refletindo. E o agente comunitário hoje está assim, afastando-se da comunidade cada vez mais, desse papel de fazer mobilização social do mesmo jeito os alunos do curso técnico em enfermagem. A gente tem trabalhado muito para que no serviço eles possam fazer praticas educativas em sala de espera ,em grupos de gestantes, para que eles coordenem essas atividades, que escolham a dinâmica, façam atividades no território, atividades junto com a unidade de saúde. Então eu acho que só assim a gente vai mudando como formiguinha.*

91. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: Sim, esse que falei as práticas educativas.*

92. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: O que eu me motivou foram os cursos que fiz as formações, e desde cedo, antes de me formar, eu já estava na pratica do serviço de saúde. Era uma coisa que eu gostava mesmo, fazia parte de mim. Então assim a gente sempre estava pensando e inovando alguma coisa, mas era muito difícil*

*por que no serviço na época eu fiz meu mestrado escondido da instituição por que a gente não tinha essa liberação. Hoje não, hoje você tem várias amigas minhas do serviço que estão fazendo doutorado, mas antigamente não existia essa abertura, era muito difícil. Eu e outra professora aqui da escola aproveitamos a implantação da estratégia saúde da família para ir pagando as disciplinas. Tanto é que diziam: “você não vão terminar, você não vão dar conta”.*

93. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Sim, com certeza, o meu mestrado eu fiz um estudo muito aprofundado onde eu trabalhei a construção da autonomia do enfermeiro na estratégia saúde da família e eu fiz um estudo de caso e foi utilizando o referencial de Agnes Heller que trabalha o cotidiano. Como esse espaço do cotidiano pode ser ou não um espaço de construção da autonomia depende de que sujeito você é. Então, trabalhar, enxergar que existe na prática do cotidiano essas linhas de fuga. As linha de fugas são possíveis, são espaços que você vão quebrando está lá o modelo fragmentado, está lá o ensino autoritário. Então se você tem outra concepção você pode ir furando o cerco. A pesquisa que eu fui fazer é isso que a gente está conversando é uma volta, é um bumerangue que a gente joga e volta para você. Pelo menos deve voltar se você deixar, se você não deixar não vai fazer nada. Isso tanto faz você ser um aluno ou um professor você passa pela vida blindado, sem se transformar.*

94. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: A valorização, a universidade tem os quatro níveis de ensino, ela tem que enxergar, ela tem que saber quem faz o que. O meu exercício de docência é um só aonde quer que eu esteja só muda os níveis. A primeira questão seria, e que o professor que esta fazendo pós-graduação, mestrado ou doutorado que precisa fazer estagio de docência. Ele pode ter trezentos anos de docência, mas precisa de um documento da universidade comprovando quantos anos de docência da graduação para ser liberado do estagio de docência. Isso é uma coisa que eu já falei com a reitora, isso não existe. Há uma contradição enorme disseram que iam ver. Eu só fui liberada por que a gente tem um curso de graduação tecnológica. As professoras da escola vão para o curso tecnológico para poder ser afastada por que se não ela vai fazer estagio de docência acompanha do outro professor, uma coisa esquizofrênica. Outra valorização é que já foi uma conquista a gente conseguiu a bolsa do PIBIC-EM, mas o valor pago da bolsa não é o mesmo e irrisório para o nosso aluno. A gente tem que lidar com ele com um conhecimento que aquilo é bom para o crescimento dele, mas o valor é de 100,00 enquanto o outros e de 300,00. Então, esse valor ele não consegue fazer nada isso é outra contradição grande por que pesquisa é pesquisa, o nível muda, mais é pesquisa. E essa valorização a gente vai, por exemplo, a gente precisa ver ser você é um doutor. Não existe um doutor tal, um doutor do NEI, um doutor. Você é um doutor, você fez uma pesquisa. A universidade precisar ver isso de outra forma, ela precisar enxergar isso, mas para isso ela precisa ter esse transito livre.*

95. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Eu acho até que já respondi que pode e não pode, depende do jeito que você faz.*

96. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Também acho que já disse, é algo importante, é algo que foi conquistado agora mas é algo que precisa de uma valorização a mais essa pesquisa do ensino técnico tem que existir a possibilidade que ele possam se sentir reconhecidos, porque a maioria dos alunos que se interessam por fazer eles estão visando a graduação então ele já vão no exercício que aquilo vai pontuar para ele vai ser uma coisa importante para ele. Mas precisa que essa pesquisa seja mais difundida, mais valorizada socialmente para que qualquer espaço que esse aluno esteja ele possa ter o seu movimento da pesquisa algo legal.*

97. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Eu acho que foi ótima, que foi muito pertinente.*

98. Gostou de falar da sua experiência?

**R:** *Na medida em que a gente vai conversando sobre um tema que a gente não para conversa, acho legal e acho importante que você faça a divulgação do seu estudo para própria universidade.*

99. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

**R:** *Eu só fico assim a dizer que a gente aqui na escola nos últimos anos que teve muito boas aquisições, eu acho muito legal outras pessoas serem entrevistadas. São pessoas que estão muito mais próximos da pesquisa, e que enquanto formação estive muito mais próximo da pesquisa.*

100. Tem alguma sugestão a fazer?

**R:** -

101. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

**R:** -

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 4**

1.1 *Gênero:* ( X ) Feminino ( ) Masculino

1.2 *Idade:* 55 anos

1.3 *Local de residência:* ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 *Tempo de trabalho como professor:* 33 anos

1.5 *Tempo de trabalho como professor nesta IES:* 33 anos

1.6 *Tempo de trabalho como professor em outras IES:* -

1.7 *Formação:*

*Graduado em:* Enfermagem

*Especialista em:* Enfermagem Obstétrica, Gestão, Saúde Coletiva e Administração

*Mestre em:* Enfermagem

*Doutor em:* -

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

102. Autoriza a gravação desta entrevista?

**R:** *Sim*

103. Tem alguma pergunta a fazer?

**R:** *Não, se tiver depois eu pergunto.*

104. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

**R:** *É muito gostoso ser professora. Tenho experienciado muitas mudanças dos alunos, muito crescimento na sala de aula. Tem sido uma coisa muito boa. E também tenho tido a oportunidade de me encontrar com os alunos na prática, sentido deles o feedback em relação a atuação dele e isso tem sido muito bom. Eu percebo o crescimento do aluno na sala de aula por que através das metodologias ativas a gente percebe esse crescimento como na prática também ter tido a oportunidade de observar como cliente desse aluno. Tornar o ensino técnico significativo para o aluno e motivá-lo a estudar é algo prazeroso, tornando-o participante do processo.*

105. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

**R:** *Com certeza que mudou. A grande questão depois da nossa reformulação do nosso projeto político que agora chama de projeto pedagógico. A gente teve todo um avanço por que começamos a utilizar metodologias ativas, ao ensino integrado com nível de complexidade crescente, retomando conceitos e aprofundando conhecimentos, a considerar o aluno trabalhador, a considerar que ele não tem tempo de estudar fora da sala de aula. Nós usamos metodologias que favorecem ao estudante, na própria sala de aula, construir seu conhecimento. Isso ficou muito mais prazeroso. E assim isso ficou muito mais compreensivo, possível de incluir principalmente o aluno que está fora da escola há mais tempo. Outra coisa são as diferentes formas do processo de avaliação, a questão da nota nós podemos ver que a gente usa a avaliação individual, a avaliação em dupla e não de punição também representa um novo momento de aprendizado para o aluno. Este processo acho legal, mais um momento de aprendizagem e de*

*diagnóstico para recuperação daqueles alunos que não alcançaram as habilidades e competências. Agora não é fácil não, é difícil, cansativo, mas é gostoso, prazeroso. E resulta no crescimento do aluno, tornando-o um profissional competente.*

106. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

*R: Sim, mas eu digo que aqui na escola temos entendimentos diferentes entre os professores. Professores que compreendem e adotam uma prática pedagógica ativa, participaram da construção do projeto pedagógico que adotam a problematização, o uso de metodologias ativas, com a compreensão do aluno trabalhador, do processo de avaliação contínuo, de trabalhar o aluno para que ele adquira habilidades e competências necessárias para o profissional, que participou mesmo daquele contexto de mudança, da consolidação pedagógica do plano. E uns professores que chegaram mais recentemente. Eu penso que a gente, aqui na escola, não está muito uniforme, não, em relação a isso. Eu acho que eles não têm muita clareza ainda. Por isso que eu acho que deve ser revisto o projeto político coletivamente para que as pessoas vejam como é que a gente está trabalhando e como a gente está construindo esse aluno, partindo do simples para o complexo, fazendo síntese. Então isso aí que eu acho que está faltando um pouco. Acho que todo mundo percebe a questão da significação, quando uma coisa é significativa para ele, ele acaba aprendendo mais. Outra coisa é que a gente precisa fazer idas e vindas ao mesmo objeto para ele aprender. Outra coisa é a prática, a realidade. Ir para a realidade e voltar. A problematização ajuda também na aprendizagem. Isso é mais claro hoje.*

107. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Sim, eu penso que sempre é bom mudar e renovar. E também que a gente faça isso uma coisa mais de corpo uniforme entre todas as pessoas da equipe EEN.*

108. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: Ao se deparar com as pesquisas que realmente mostram a questão de só ficar recebendo os conhecimentos e não trocar, sem ser ativo, sem participar, sem construir, sem valorizar o que a pessoa traz de contribuição para a sala de aula. Isso já está provando que isso não é favorável para o aprendizado e que o aluno retém pouco e pouco tempo depois ele vai perder esse conhecimento. Então, as próprias pesquisas já demostram isso. Então, com isso eu acho importante a gente estar junto do aluno para estar facilitando essa aprendizagem, sistematizando e fazendo com que o próprio aluno vai pesquisando, estudando, descobrindo e construindo.*

109. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: Às vezes eu vejo que uma turma muito heterogênea é muito ruim. Para mim é um desafio trabalhar com aqueles alunos que são mais reativos. Porém, me desafiam a trabalhar com esses alunos que são mais trabalhosos. Um aluno que não quer o curso, que quer outra profissão, que não está acostumado com esse tipo de metodologia adotada é outro dificultador. Inicialmente ele acha que vai receber tudo pronto e pelo contrário, ele vai ser ativo. Mas assim quando ele vai percebendo o quanto aprendeu e de repente você trabalha um conceito na sala de aula e no final percebe que eles mesmos construíram tudo. Eles percebem o resultado quando a gente mostra que eles construíram. Aí ele começa a descobrir que ele está participando. Isso vai dando prazer, ele vão aprendendo mais, eles vão aprendendo a ler, a se socializar e descontraír. Outra coisa que eu acho dificultador é a leitura dos alunos, o tempo que eles gastam para estudar, eles não querem estudar, não querem ler, não conseguem compreender textos. Isso é outro fator.*

*O que facilita a minha prática é que a gente tem muitas pesquisas, por exemplo, minha área é a área da saúde da mulher. Hoje tem todo um trabalho junto à mulher. Pesquisas novas sobre aleitamento materno e isso vai ajudando a dinamizar nossas aulas e nos ajuda a trabalhar nosso aluno para que ele venha ser um profissional atualizado e que reflita essa realidade. Por que as coisas da saúde, os conhecimentos e as pesquisas sofrem mudanças constantes. Uma coisa que eu gosto muito de usar na minha sala de aula é a parte demonstrativa, eu gosto de usar o laboratório de habilidades de enfermagem. Quando vai começar a disciplina eu digo logo: “prepara o laboratório bem feminino”. Eu gosto de estar mostrando tudo que ele pode estar usando na prática. Demonstrando com o manequim desde o acolhimento como também demonstrar como ele pode ver como o kit obstétrico, equipamento, como manusear. Usando até mesmo o aluno fazendo*

*alguma dramatização, de como ele já vai vivenciar o cuidado com a mulher e o recém-nascido que sejam atendidos.*

110. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: A pesquisa científica ela vai respaldar a prática. Desconhecer a pesquisa vai fazer a nossa prática muito sem evidências e isso não é o caráter de uma escola. Ela vem respaldar a nossa prática e vice-versa, a formação deve utilizar as pesquisas.*

111. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Com certeza que tem influência. A pesquisa deve nortear a prática. Infelizmente na educação profissional não tem muitas pesquisas na área da saúde e eu fico pensando sobre mim mesma. O técnico faz parte da equipe e você trabalha o técnico de certa forma, ele vai influenciar na equipe, mas eu acho que deve ter mais pesquisa no campo da educação profissional e o técnico de enfermagem deve estar inserido, pois este é essencialmente de cuidado, até para mudar a postura tecnicista destes. Então eu acho que a gente está influenciando um pouco isso, por que até as turmas que estão saindo tem em seu nome temas como humanização, acolhimento e cuidado que é fundamental à atenção na promoção da saúde, considerando o cliente um todo integral.*

112. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Gosto de pesquisa desde estudante, mas sinto a questão do tempo como limite e minha formação como desfavorável.*

113. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: Eu não participei de grupo ou base como estudante. Eu vim participar de grupos depois da especialização, mas foi mais no mestrado e até hoje participo.*

114. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Eu participo do grupo de Saúde e Sociedade aqui na escola. Bem que esse semestre ele ficou um pouco parado, mas participo sim. É muito importante por que a gente vai discutir temas que vão enriquecer a nossa sala de aula e vai nos desafiar a envolver alunos no grupo.*

115. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: Eu tenho uma pesquisa, que a gente está fazendo relatórios, em gestão em saúde no pacto pela saúde que me motiva muito. E tem outras pesquisas que eu atuo como colaboradora, porque como eu estou na gestão fica difícil atuar individualmente. Na área da saúde da mulher também participo de pesquisa juntamente com Flávio e Jovanka, principalmente, na sala de parto que eu posso atuar durante o meu período de estágio. E a parte também do SUS que é também minha área de atuação.*

116. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: Comprovar ou evidenciar as hipóteses, as questões do ensino ou da prática.*

117. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: O que realmente me motiva é perceber as evidências comprovadas do que “achamos”, temos que sair dos achismos e com a pesquisa isso muda.*

118. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Sim, com certeza por que, por exemplo, a atenção na sala de parto eu noto que a pesquisa que fala que o cuidado integral melhora o relaxamento da mulher. Vejo diretamente que isto acontece na prática, relaxa e observo que diminui o tempo com ela no trabalho de parto. Isso eu vejo na prática, uma coisa que as pesquisas revelaram.*

119. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: Eu acho que a gente trabalha muito aqui com gestão e ensino (risadas). Então sobra um pouco de tempo. Somos poucas pessoas ousadas que estão envolvidas em muitas coisas, estamos ligados diretamente com a política do Ensino Profissional nacional. Então nós participamos de todos os projetos e programas lançados, a fim de envolver os alunos nessa política nacional de inclusão. Isso também reflete com benefício e visibilidade para a própria escola. Mas pelo outro lado sobra pouco tempo para a pesquisa.*

120. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?  
*R: Sim, porque irá nortear o projeto pedagógico e norteará a formação.*
121. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?  
*R: Acho que já respondi anteriormente. Claro que um ensino não pode se desvincular de uma pesquisa. Se a gente for ver nacionalmente não tem muitas pesquisas na Educação Profissional, mas que cada vez há um desafio aqui na escola com a qualificação dos docentes. Então, certamente vamos ter mestrados acadêmicos e teremos vários monitores, bolsistas e isso cada vez mais motiva-nos para termos mais pesquisas. Na minha vida mesmo eu vejo um desafio aumentar as pesquisas nessa área.*
122. Em que medida esta entrevista lhe agradou?  
*R: Eu gosto demais do ensino e da pesquisa, sou apaixonada. Então, refletir nessas questões empolgam.*
123. Gostou de falar da sua experiência?  
*R: Gostei por que a gente revê toda essa área da pesquisa em nossa vida. E lembra do desafio de rever o projeto pedagógico da EEN e que ele se torne coletivo.*
124. Há alguma coisa que deseje acrescentar?  
*R: Vai ser muito bom essa pesquisa aqui na escola, pois quem sabe alguém pode se sentir desafiado e pegar um ganchinho nessa pesquisa já. E eu lembrei do projeto pedagógico que precisa ser revisto.*
125. Tem alguma sugestão a fazer?  
*R: Quero conhecer o resultado.*
126. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?  
*R: Sucesso!*

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 5**

1.1 Gênero: (X) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 49 anos.

1.3 Local de residência: (X) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 25 anos.

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 07 anos.

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 12 anos no Senac.

1.7 Formação:

*Graduado em: Enfermagem.*

*Especialista em: Enfermagem obstétrica, Práticas pedagógicas, PROFAE em educação, Psicomotricidade e Psicopedagogia.*

*Mestre em: Enfermagem.*

*Doutor em: Ciências da Saúde.*

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

127. Autoriza a gravação desta entrevista?

*R: Com certeza.*

128. Tem alguma pergunta a fazer?

*R: Não, não, tranquilo! Pode prosseguir.*

129. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

*R: O ensino técnico de saúde, como eu falei para você, então desde 1988 eu estava inserida, me formei e fui dar aula no técnico... No auxiliar de enfermagem, até então. Assim, é... Eu sempre gostei muito da educação profissional, porque diferentemente da graduação, os alunos têm uma vontade muito grande de aprender. Eles precisam da profissionalização, então a valorização deles, para os cursos técnicos, é muito grande. E isso lhe deixa muito satisfeita, por você tá*

*colaborando também para o mercado de trabalho, dele, né. Um crescimento, você ver, assim, nos olhinhos deles, o crescimento como pessoa, como eles evoluem, voltando muitas vezes, um aluno com idade mais avançada voltando a estudar, muda a vida dessa pessoa.*

130. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

*R: O que me vem de imediato é a forma de avaliação. Em outro momento, como é que a gente avaliava? Era aquela coisa, nota por nota, por que precisava da nota. Hoje não, hoje a gente já ver a construção do saber, com práticas pedagógicas diferentes, com outras construções que o aluno, ele, vai construindo seu conhecimento é (...) ao logo do curso e a gente já aproveita, hoje em dia, tudo que ele traz previamente. Então isso é muito gratificante, por que o professor ele num tá ali para ensinar, ele tá ali também para aprender, para fazer troca, porque sempre o discente, ele, tem algo a colaborar com o tema que tá sendo proposto.*

131. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

*R: Total. Porque é como eu falei pra você, a vivência naquela época era uma coisa mais estanque, não fazia o aluno pensar. Hoje, pelo menos aqui na nossa escola é (...) a construção do conhecimento vem, desde o início, já o aluno trazendo colaboração. Então ele pensa, ele se transforma, então tem toda construção diferente do saber.*

132. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Eu acho que sim, porque assim, na nossa escola, eu acho que está bem avançado isso, mas em outros locais, eu acho que ainda precisa os professores passarem até por atualizações, por capacitações, em termos de avaliação, em termos de valorização do aluno, valorização do conhecimento que ele traz. Aqui nós não temos tanto problema porque a escola tem essa filosofia, mas como normalmente, é ... se faz pesquisa para o todo, então precisa ter. Eu acredito que precisa ter principalmente para o ensino técnico porque muitas vezes não é valorizado o aprendizado.*

133. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: Eu acho que o próprio aluno (...), hoje ele já vem para uma instituição sabendo o que quer. Então ele traz o conhecimento prévio. O aluno mesmo está procurando se capacitar, se atualizar, então se professor não estiver acompanhando ele se perde aí no caminho, porque ele vai ter aquela educação bancária que hoje não se pede mais uma educação bancária, pelo contrário, hoje é muito a questão da troca, a forma como lhe dar com esse aluno.*

134. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: A minha prática, assim, eu acredito que está muito bem avaliada. Pelo menos quando termina as disciplinas nós fazemos uma avaliação, quando eles já estão avaliados, quer dizer, eles não precisam além de não colocar nomes, eles já estão com o apto deles. Então, assim, eles ficam bem à vontade em criticar ou não a disciplina. E ... as disciplinas que estou inserida. E sempre eles colocam muito bem a forma como nós conduzimos, porque sempre sou eu e outra professora e eles dizem muito a questão das coisas positivas, a maneira de como a gente lida com isso, de como puxa é (...) o conhecimento deles, de como vai ao longo da disciplina construindo com eles e pedindo para eles reformularem a questão, corrigindo quando muitas vezes tem, aí volta para o grupo para discutir, então isso eu acho que é muito positivo. Negativo, eu não vejo atualmente, assim, lógico quando eles colocam que a... precisa melhorar, automaticamente a gente vai rever isso. Mas as coisas que eles mais colocam como negativo é o pouco tempo da disciplina e às vezes são disciplinas até longas. Mas como eles vão construindo o conhecimento, eles vão se sentindo muito à vontade ali, eles querem mais tempo para estar mais junto.*

135. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: Eu sou, desde o início, eu sou apaixonada por pesquisa né. E acho que ela está inserida em todos os níveis da educação. É tanto que aqui na nossa escola nós temos um programa de pesquisa para o ensino técnico, porque eles têm muito a colaborar. Não é porque eles não são graduados que eles não podem estar inseridos em projetos. Podem. Isso até ajuda muito o crescimento deles. A questão investigativa dele começar a buscar um problema, dele tentar a solução. Porque a pesquisa, não necessariamente, precisa ser uma pesquisa científica, ele pode*

*fazer uma intervenção no local de trabalho que ele, que um projeto de intervenção é um tipo de pesquisa, só não tem o rigor metodológico que teria uma pesquisa original de (...), que precisaria de um maior conhecimento. No entanto, eu estou com dois alunos PIBIC, ensino médio, que é como a gente (...) pesquisa para o nível médio, estou com dois bolsistas e eles, assim, estão inseridos no meu grupo de pesquisa no qual eles convivem. O técnico, o graduando, o graduado e o mestrando. Então assim, tem uma relação de aprendizagem, de troca, muito grande e acho que eles têm que ser inseridos nesse campo.*

136. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Com certeza, porque na hora que começa a ter pesquisa na área, você começa a despertar o conhecimento, começa a ter mudança de práticas para aqueles que ainda não estão abertos para essa mudança e precisa ter pesquisa que comprove isso. Na medida em que você tem respostas para as (...) deficiências a gente começa a ter que ter o olhar de mudança.*

137. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Bom, o meu contato com a pesquisa científica começou nas especializações, porque na minha época, como eu sou um pouquinho antiga, quando eu terminei em 1988 não era essa valorização na pesquisa que hoje tem em todos os níveis. Então assim, a minha inserção mesmo começou nas especializações, porque cobravam da gente um TCC, então esse TCC a gente tinha que fazer alguma, algum movimento. Mas eu sempre me inquietava nos serviços quando eu tentava, via o problema e não tentava, eu fazia de forma empírica muitas vezes. Mas assim, a parte da pesquisa mesmo, toda estruturada, foi na especialização. Hoje os alunos já veem isso, tanto nos cursos técnicos como de graduação logo no curso né, como disciplinas transversais, isso é muito importante.*

138. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: A integração em base de pesquisa se deu, para mim, em 2003, quando eu entrei no mestrado, então eu comecei a participar de bases.*

139. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Hoje eu participo de duas bases, uma de vigilância em saúde, que é com o pessoal da graduação e da especialização. E temos a nossa base, Saúde e Sociedade, que engloba os três níveis, como eu falei para você. Então desde 2003, eu estou inserida em pesquisa.*

140. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: Tenho um projeto com a graduação, no qual eu tenho um bolsista PIBIC de graduação. Tenho um projeto com duas mestrandas, que eu estou com duas mestrandas e tenho dois projetos com PIBIC-EM, que é o mesmo guarda-chuva meu, que atualmente é o pai diante da prematuridade do filho no qual todos os níveis estão inseridos. Atualmente eu tenho dois bolsistas PIBIC-EM, um bolsista de iniciação científica e duas mestrandas.*

141. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: Como eu falei pra você, sempre é (...), tinha sempre esse olhar investigativo. Então, sempre eu questionava o problema, eu tentava solucionar, então isso foi me dando subsídio para me envolver diretamente com pesquisas.*

142. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: Surgiram outras. Eu até acrescento assim, porque eu acho que o aluno lhe faz buscar também. Então quando vê aquele olhinho todo feliz, porque está participando de pesquisa, porque está conseguindo entrar em base de dados. Então assim, isso para gente, professor, de uma forma geral, isso é muito motivante. Então isso lhe faz, às vezes eu digo: não vou pegar mais PIBIC, não. Porque dá tanto trabalho. E assim não altera nada sua remuneração, tanto faz você ser um professor que não faça nada, como um professor pesquisador. Mas às vezes eu digo não. Mas é tão importante para eles, aí eu... Mas a sobrecarga de trabalho aumenta né, prazo, isso tudo. Normalmente os projetos só acontecem no período de férias, aí inscrição pela universidade é janeiro, é julho, então sempre quando a gente está de férias, a gente tem que parar as férias e desenvolver. Pelo menos para colocá-los no nosso sistema do SIGAA.*

143. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Com certeza. Porque na minha prática, principalmente onde sou inserida, na parte é (...) tanto na saúde coletiva como na saúde da mulher, então há um crescimento muito grande, um desenvolvimento nessa prática, uma mudança de prática, então a pesquisa é fundamental.*

144. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: Bom, às vezes é a morosidade do sistema porque dificuldades com alunos eu não tenho. É mais com relação à morosidade do sistema, o próprio comitê de ética demora, as instituições demoram para autorizar. Então assim, esse é um dificultador, porque, por exemplo, a gente está em junho, eu estou tentando passar um projeto no comitê de ética há quatro meses. Não por descaso, ou por não preenchimento da plataforma, mas sim, preciso da autorização da instituição. A instituição demora a dar. Então isso tudo vai atrasando e os nossos bolsistas, eles tem um ano pra desenvolver o projeto. Então nessa brincadeira a gente já perde aí quatro ou cinco meses, de estar no campo, investigando, lógico, que não é perda de tempo porque eles estão fazendo, revisando literatura. Mas assim, isso às vezes desestimula um pouco eles.*

145. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Com certeza. A pesquisa é de fundamental importância, porque como eu falei anteriormente, as lacunas vão sendo apontadas e a gente vai tentando preenchê-las. Então, é muito importante que a pesquisa esteja no ensino técnico.*

146. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Eu acho que está muito junto. Eu não vejo o técnico separar, porque é o técnico ele não pode fazer pesquisa, pelo contrário, como eu falei, eu acho que ele tem que ser inserido para que ele faça essa, tenha essa motivação nos seus locais de trabalho, que eles participem. Hoje a pesquisa está sendo muito estimulada. Tanto aí, na parte assistencial, eles podem ser inseridos, nos grupos de estudos, nos seus locais de trabalho. Então eu acho que tem muito a colaborar.*

147. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Ah! Foi ótima. (Risadas)*

148. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Com certeza. E assim, você é uma doçura né, (risadas) então.*

149. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: -*

150. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: Assim, que eu lhe sugiro é que tão logo você termine... Você tente uma publicação, para que você divulgue. Porque assim, a gente não pode, muitas vezes a gente faz pesquisa e fica engavetado. Não pode. Principalmente essa sua que vai mudar as práticas pedagógicas. Então sugiro assim, que você terminando, você já faça um artigo. Já divulgue. Mostre nos seus locais de trabalho. Que você divulgue com os professores, com os alunos. Que você mostre a importância para que vá, também, despertando nos alunos o interesse.*

151. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

*R: -*

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 6**

1.1 Gênero: ( X ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 43 anos

1.3 Local de residência: ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 12 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 11 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 1 ano

1.7 Formação:

Graduado em: Enfermagem

Especialista em: Qualidade total, PROFAE.

Mestre em: Enfermagem.

*Doutor em: Doutoranda do programa de Saúde Coletiva.*

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

152. Autoriza a gravação desta entrevista?

*R: Sim*

153. Tem alguma pergunta a fazer?

*R: Não, ficou claro.*

154. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

*R: Eu sempre achei importante fazer essa ligação da teoria com a prática para a gente entender melhor o que se vê na teoria. Inicialmente se dava muita parte teórica, se explicava muito em sala e não usava o laboratório até por disponibilidade, não havia um laboratório com os equipamentos, com todo o material. Não se usava principalmente por isso. E até como a gente utilizar, como era uma vivência a gente não sabia como preparar essas aulas fazendo essa relação. Então era assim, durante muitos anos era muita teoria. Como eu tenho minha vivência como enfermeira a gente sempre estava trazendo a parte prática, mas como teórica. Eu sempre tive essa preocupação de trazer a minha vivência da prática não a prática nos laboratórios em si.*

155. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

*R: Vou avaliar com a minha percepção de professor e depois como aluno. Como professor eu notava mais uma dificuldade com o aluno para que ele aprendesse o conteúdo, eu acho que ficava mais teórico no que ele imaginava por que não tinha vivência. Eu era mais rígida, muito mais rígida, nesse processo de ensino- aprendizado muitas daquelas questões eu não levava em conta, era um ensino muito tradicional. Com o passar do tempo a gente começa a estudar, participar de treinamentos e começa a mudar a visão e aos poucos vamos vendo mais o lado do aluno quais fatores interfere nesse processo e aos poucos vamos relaxando, não é relaxando, é entendendo mais os alunos e tentando melhorar o ensino, porque a gente se preocupa se ele realmente aprendeu a verificar de forma mais prática, com mais atividade em grupo por que antes era muito individual e mostrando ao aluno a importância de um profissional aprender, não só fazer o curso por fazer. Por que durante muito tempo eu dei aula no complementar do auxiliar para o técnico e boa parte dos alunos queria ter o técnico para poder se aposentar e eles deixavam isso muito claro, agora não, a gente pega uma turma, porque não existe mais o auxiliar, e muda até a forma da gente avaliar e de ensinar, porque os alunos tinham mais vivência porque eles já foram auxiliares e hoje não, eles entram sem nenhuma experiência na área. E isso são duas coisas diferentes, dois momentos diferentes e alunos diferentes, alunos que são trabalhadores da saúde e alunos que terminaram o ensino médio e estão fazendo o curso. Isso faz a gente mudar a forma de ensinar e de aprender com eles também, porque eles forçam a gente, a mudança da gente. Hoje, os alunos são mais exigentes, mais questionadores, perguntam mais e antes não, eles não davam muito retorno, eles aceitavam. Hoje a gente nota uma discursão maior em sala e isso é bom.*

156. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

*R: Existe, tanto em relação ao ensino em sala de aula como ao processo. Até a forma de avaliar o aluno mudou bastante.*

157. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: É, eu acho que houve uma mudança.*

158. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: Eu acho que tem vários fatores. Primeiro, tem mais material e equipamentos disponível, mais laboratórios equipados. Primeiro, o número maior de laboratórios e mais equipados com pessoas que organizam o laboratório já facilita que você venha para a aula e peça que ela separe o material antes então essa parte de equipamentos e materiais para você mostrar na prática. O método que agente usa, a metodologia dentro de sala eu acho que mudou bastante, bastante mesmo. A gente tenta em todo momento ver o que posso fazer para tornar uma aula mais*

*dinâmica, dependendo se é manhã ou tarde. Se for à tarde, o que eu posso fazer para melhorar depois do almoço. Essa questão da metodologia mudou bastante antes era repasse, slides. Outra coisa que eu me preocupo é o material, essa globalização, informatização, esse meio de se comunicar, o conhecimento na internet de fácil acesso então faz a gente repensar. Os alunos chegam com muitos questionamentos que veem na internet, a gente tem que saber. Eu já me preocupo em preparar todo o meu material baseado em manuais do ministério, evidências científicas, sobre o que há de mais novo lançado sobre aquele artigo. Para poder eu saber tirar as dúvidas explicar os por quês. Então, todo tempo eu estou me preocupando com isso, a cada semestre eu tento rever o meu material, porque antigamente a gente montava uma apostila que durava o ano todo. Então, mudou o meu material didático para os alunos. Por outro lado eu melhoro minha apostila, porque aqui a gente trabalha muito com apostila, mas eu não sei até que ponto é bom isso para o técnico por que ele fica muito restrito. Ele só quer usar o que tem na apostila, se meus slides não forem iguais ao que está na apostila reclamam, fazendo com que eles fiquem com o conhecimento muito limitado e ainda querem os slides. Eles estudariam pelos slides, que é o resumo do resumo, eu sinceramente não dou meus slides para que eles possam estudar um pouco. Apesar de colocar as referências os alunos do técnico não procuram, poucos são os que vão além da apostila apesar da gente dizer e ter discussões calorosas na sala de aluno reclamando de o que eu acrescentei nos slides não está na apostila. A importância da gente está sempre atualizada no assunto.*

159. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: O que facilita é você ter acesso à biblioteca, ao laboratório, aos equipamentos para você dar aula, os recursos na sala, treinamentos que a gente tem facilitam bastante a qualificação do professor. O que dificulta, olhe são tantas. A gente tem que aprender a conviver com as diversidades para melhorar. Eu tenho um pensamento um pouco rígido em relação ao comportamento do aluno. A gente sabe que todo mundo tem o direito de ir e vir, mas eles estão mais conhecedores do seu direito e eles exigem. Eu acho que o que dificulta também é que a gente não sabe até onde ir com os alunos. Por exemplo, estou dando uma aula e está tendo uma discussão calorosa e entra um aluno e fica conversando, aí você reclama, eles reclamam. Então, até que ponto eu posso ir. A questão de vestimenta, a forma como se dirigem ao professor, eu acho que são aspectos que dificultam, mas que a gente tenta separar isso, mas dependendo de cada aluno isso interfere.*

160. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: Pesquisa para mim é um recuso que a gente utiliza para elucidar um problema, algo que inquieta a gente. Para mim a pesquisa se baseia nisso. Algo me inquieta e eu vou me aprofundar naquilo e saber os por quês. Por quê? Onde? Como? Isso é o básico da pesquisa para poder a gente melhorar a qualidade da assistência, melhorar o conhecimento da área e melhorar a qualidade de vida das pessoas de modo geral.*

161. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Acho que tem total influência. É como eu falei no início essa questão do conhecimento. Hoje com essa globalização do conhecimento eu tento sempre me basear em evidências científicas. Hoje, a gente fala muito em saúde baseado em evidências, enfermagem baseada em evidências e todo material eu tento trabalhar em cima disso.*

162. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Meu primeiro contato com a pesquisa mesmo foi no mestrado (...). Ai meu Deus, como eu posso esquecer. Meu primeiro contato com a pesquisa foi quando eu fui aluna PIBIC do CNPQ na graduação. Fiquei de 1993 a 1995, eu era bolsista da professora Raimunda, uma pesquisa sobre ética em saúde. Foi quando eu tive meu primeiro contato e devido a esse contato foi quando eu fui ter contato com a informática, leis e ela estimulou tudo isso. A gente aprende muito, muito mesmo. Quando a gente está no doutorado nem se lembra da graduação e foi isso que me estimulou a ser professora. O estímulo veio da bolsa, eu queria ser professora, uma pesquisadora igual a minha orientadora que admiro demais.*

163. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?  
*R: No mestrado eu participava do grupo da minha orientadora. A gente tinha aquelas reuniões muito importantes que vai estimulando os alunos.*
164. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?  
*R: Nesse momento eu sou do grupo de Saúde e Sociedade aqui da Escola de Enfermagem que a professora Jacileide coordena. Também comecei o doutorado, mas como eu não tenho um orientador, ainda não sei para que base eu vou.*
165. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?  
*R: Tenho um projeto de pesquisa para avaliar o conhecimento dos enfermeiros dos hospitais que atendem tuberculose infantil aqui em Natal. E tenho dois bolsistas PIBIC-EM.*
166. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?  
*R: Quando a gente é aluno, o maior incentivo é a bolsa e quando eu entrei como bolsista abre outro mundo, outro leque, é como se tivesse uma trava. A partir daí, vendo a importância de fazer pesquisa quando eu terminei e comecei a trabalhar eu já fui para o hospital com esse olhar. Então tudo que incomodava eu já tinha vontade de fazer uma pesquisa, o olhar já muda.*
167. E atualmente, o que lhe motiva?  
*R: Porque eu quero ser uma pesquisadora (risadas). Além de querer ser pesquisadora que quero melhorar a prática da assistência de uma forma bem prática, que seja mais fácil você mudar a prática, então só publicar para ter só mais um artigo publicado, porque tudo isso é exigido. Mas quando você está no serviço, porque eu sou enfermeira do serviço, isso é uma coisa que me incomoda. Ver que as pessoas não sabem fazer um diagnóstico. Que conhecimento o pessoal tem sobre tuberculose em criança? Para mudar a prática, para que as pessoas despertem um pouco para essa questão do diagnóstico.*
168. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?  
*R: Mudou até a forma da gente se relacionar com o aluno. E a todo momento a gente está falando: Olhe, vocês que vão estudar para concurso. A gente sempre está fazendo uma relação: Olhe, quando vocês forem pesquisar não vão acreditar em qualquer informação da internet, tem base de dados. Sempre puxando outras disciplinas que eles pagaram como metodologia e fazendo esse link com outras disciplinas. Lembrando que isso é uma implicação positiva você estimular no aluno a busca desse conhecimento científico não só na internet como nas bases de dados por que a internet é um mundo ali.*
169. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?  
*R: É o preparo do aluno do técnico para realizar pesquisa. É o olhar para pesquisa. Eu não sei assim aonde é que está a falha do professor. Tirando-me como exemplo eu não sei o porquê eu não estimei meus alunos para realizar uma pesquisa na minha disciplina. Eu dou uma disciplina no final do curso e a gente sempre espera que alguém já tenha uma disciplina de pesquisa que vai ser usada em todo o curso. Eu ainda não vi como aplicar. O aluno não tem um preparo básico para realizar pesquisa. É tanto que eles têm dificuldade de lidar com a informática, de lidar com bancos de dados, de ler mesmo sobre pesquisa que não se estimula. É claro quando veio as bolsas do PIBIC começou a mudar até minha visão como professor de estimular esses alunos para pesquisa, porque até então não tinha estímulo nenhum para o aluno do técnico em fazer pesquisa nem do governo e nem do professor porque só quem fazia pesquisa era aluno de graduação e pós, o aluno do técnico não. A maior dificuldade que sinto é essa, o despreparo do aluno até mesmo pelo meu lado como professor que não tinha despertado para estimular meus alunos.*
170. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?  
*R: Pode muito. Eu acho que a gente tem que trabalhar em cima de uma evidência científica o que a pesquisa deixa, é tudo baseado nessa evidência. Não só em estudo quantitativo. Quando se fala em medicina se leva muito para esse lado quanti, mas qualitativo. As pesquisas qualitativas contribuem muito para melhorar bastante. Partir daí, do conhecimento científico para que o professor tome como base para preparar todo o seu projeto de aula, plano de aula, desenvolver*

*toda a sua disciplina e inserir o aluno na pesquisa também com esse olhar de pesquisador para que ele possa também na prática, para que a prática dele não se torne tão rotineira só no fazer sem saber os por quês. Enquanto sala de aula, eles aprendem a acessar bases de dados que tenham trabalhos científicos na prática deles, nas dúvidas deles e nos momentos de inquietações eles possam acessar e ver aquele conhecimento e possa mudar sua realidade.*

171. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Eu avalio de forma muito positiva por que no ensino técnico, aqui na nossa realidade, a pesquisa está engatinhando, começando e sendo estimulado pelas bolsas do PIBIC-EM que até então o aluno do técnico não participava. Se a gente pensava em fazer uma pesquisa, a gente ia logo a um da graduação e nunca em um aluno técnico. E avalio de forma positiva, mas ainda de forma incipiente, está começando ainda. Eu acho que vai ter muito futuro, mas a gente sabendo trabalhar isso melhor, aí depende do professor.*

172. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Eu que lhe parabenizo sobre o tema que na prática é um tema que a gente nem discute. E que o PIBIC-EM porque quando se fala em pesquisa no técnico eu ligo logo ao PIBIC, é que sua pesquisa deixa um despertar no professor, dá um click assim: o que eu posso fazer para inserir além do bolsista em sala de aula?*

173. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Sim.*

174. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: -*

175. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: Até mesmo a escola pensar em que depois você traga para a gente o resultado como sugestões e fazer palestra e minicursos como trabalhar a pesquisa no ensino técnico, como a gente usar isso durante as aulas e que no final isso possa gerar um trabalho final de curso que a gente não tem, até então a gente não tem. Talvez isso não estimule um professor por não ter aquela obrigatoriedade de ter um TCC, então a gente não puxa tanto do aluno essa questão da pesquisa. Até para o aluno mesmo: eu vou ter que aprender isso para que? É igual quando mostrando a teoria e prática, como no estágio, fica muito melhor para eles assimilarem.*

176. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

*R: -*

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 7**

1.1 Gênero: (X) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 57 anos

1.3 Local de residência: ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 33 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 33 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES:

1.7 Formação:

Graduado em: Enfermagem e Obstetrícia

Especialista em: Enfermagem Médico-cirúrgica

Mestre em: Enfermagem

Doutor em: -

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

177. Autoriza a gravação desta entrevista?

*R: Com certeza.*

178. Tem alguma pergunta a fazer?

*R: Só pedir desculpas por ter que remarcar inúmeras vezes essa entrevista.*

179. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

*R: Quando eu comecei a ser professora eu praticamente coleí grau em um dia e tive que ser professora no outro. Eu e mais duas colegas ao concluir enfermagem, aqui na UFRN, nós fomos convidados a ingressar como prestadoras de serviços na Secretaria de Educação do Estado. Na verdade ser contratada pela secretaria para prestar serviços na então Escola de Enfermagem de Natal. Na Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal da UFRN que naquele tempo já oferecia cursos técnicos em convênio com a Secretaria de Educação do Estado e como o Departamento de Enfermagem estava crescendo nas suas demandas. Os professores da UFRN que davam aulas no técnico também tinham que dar aula na graduação e já estavam assoberbados, então a UFRN realizou esse convênio com a secretaria para que entrasse docentes do estado, enfermeiros, para atuar nos cursos técnicos que eram oferecidos nesse convênio. Então, nós entramos e assumimos gradativamente. Os professores da UFRN foram para a graduação e outros professores do estado se agregaram ao convênio e chegamos ao momento de sermos 08 professores do estado à disposição, como se diz, na UFRN.*

180. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

*R: Eu quando comecei a ser professora, eu e minhas amigas que entraram comigo, eu digo muito que éramos professoras “pó de giz”, porque nós trazíamos conosco os modelos dos nossos professores, nós não fomos naquele momento preparadas para sermos professoras embora tivéssemos feito licenciatura, mas não nos sentíamos preparadas para isso. Então, quando se fala assim do tempo da enfermagem eu sinto assim, uma mudança muito grande. Vou falar especialmente por mim por que existia naquela época um projeto no estado que era nacional que era o Larga Escala realizado nas escolas técnicas de saúde do estado e era uma metodologia inovadora que partia da problematização e eu, quando professora naquele momento, duvidava daquela metodologia, não acreditava muito na metodologia e chegava até a fazer crítica a esse modelo que era implantado aqui apenas no estado pelo CEFOPE( Centro de Formação de Pessoal do Estado) e eu não acreditava por que. Porque, para mi, a aula boa era aquela aula que eu enchia o quadro, conteúdos e conteúdos e dar a ideia de passar conteúdo. E aos poucos fomos sendo conquistados por outras metodologias inovadoras e hoje eu não me vejo escrevendo um “A” no quadro (risadas) e também não me vejo aplicando uma prova, por exemplo, com os estudantes sentados de modo verticalizado e na concepção tradicional do que é uma avaliação, de jeito nenhum. Hoje, é uma coisa assim que sentar em uma roda de conversa e conversar. Eu sou um exemplo vivo que me contagiei, e até hoje sou contagiada, por coisas novas. Quero aprender, quero vivenciar aquilo, claro com uma visão crítica, mas quero ver coisas novas.*

181. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

*R: A própria relação com o alunado. Era aquela coisa o professor no pedestal, isso era na década de 80 esse modelo predominante que infelizmente ainda vigora. Muitos ainda se enraizaram até mesmo pessoas jovens que ainda se vê com o apontador batendo no quadro, mas tem muita coisa que mudou, mudam e mudam sem a gente perceber. O interessante é isso, não é uma imposição institucional, mas você vai gradativamente se contagiando. Quando eu comecei, eu admitir na frente de um aluno que não sei um negócio e que vou estudar para compartilhar com ele, jamais. Hoje, eu não tenho menor prurido em admitir isso, vamos ver juntos, vamos pesquisar até porque a informação hoje é ampla. Quando eu terminei enfermagem e comecei a ser professora eu entendia que sabia tudo e tinha que saber tudo e nós sabemos que temos limites e a gente vai aprendendo no dia a dia aprendemos com o aluno, o aluno aprende com a gente.*

182. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Sim, principalmente aqui na escola. Eu sinto aqui na escola uma vontade da gente está inovando de estar buscando metodologias, práticas alternativas, assim a gente vem buscando e nós temos tido uma felicidade enquanto instituição e de ter um corpo docente que vem agregar a esse valor. Então, tem sido muito rico e claro que tem coisa que se mantém naquele modelo*

*tradicional, tem práticas, tem vivências e tem algumas coisas que se mantêm pela própria natureza daquela disciplina mas em um modo geral a gente tem crescido muito nesse sentido. Acho que a gente vem buscando muito. E a educação profissional, na medida em que o governo federal vem dando recursos, possibilita a instituições fazer capacitações, estimulando o corpo docente a se qualificar e aqui é uma característica dessa escola.*

183. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: O que causou na verdade foi a abertura, vamos dizer assim, o crescente avanço do sistema de saúde e os grandes investimentos especificamente na educação profissional e atrelado a isso a sede de inovar como eu já falei que aqui na escola a gente tem. Na medida em que o sistema de saúde, o SUS, vem crescendo, as tecnologias vêm crescendo a gente tem que está se atualizando, tem que está buscando, a gente não pode mais ficar aqui ensinando o aluno, por exemplo, como tem na literatura, falando especificamente da enfermagem, a preparar um leito com 08 lençóis com vários equipamentos, sem fazer a relação com a prática. Então, como é que está lá na prática. A realidade, as políticas de saúde estão dentro dessa associação tanto para o que tem acontecido de positivo na rede de saúde como também para o caos que se encontra. Estamos sempre fazendo essa ponte, lógico sempre preservando os éticos, políticos e científicos para ensinar para o aluno, mas mostrando as questões das políticas de saúde é importante que ele esteja contextualizado.*

184. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: Facilitar eu acho que é o próprio estímulo no meio em que a gente vive, esses investimentos, o inventivo da direção e das coordenações da escola, eu acho que isso favorece e muito. De certa forma não tem como você ficar a parte, a gente tem que está se agregando realmente. Essas capacitações pedagógicas, as participações em eventos locais, nacionais e internacionais tanto da enfermagem como da área pedagógica em si. Eu gosto muito de estudar a questão da educação profissional além da área específica da enfermagem. Eu vou até falar uma coisa engraçada mais uma coisa que dificulta é a gente se comprometer demais (risadas). Na medida que a gente é comprometida nós queremos ver acontecer muita coisa e acaba assumindo muita coisa e termina se sobrecarregando. Mas isso é um prazer, eu gosto de trabalhar, de estar envolvida e participando e quero que todos participem também, que cresçamos juntos.*

185. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: Eu não me acho uma pesquisadora não. Na verdade eu gosto de estudar mas não tem esse espírito, gosto de investigar, mas não me considero com esse espírito de pesquisador, mas gosto de participar de trabalhos, gosto de ver alunos envolvidos e no passado isso não acontecia. Os alunos do curso técnico só tinham aulas teóricas, teórico-prática e práticas. Hoje nós vemos nossos alunos sendo bolsista de pesquisa, participando de congressos de iniciação científica, participando de eventos. O aluno hoje tem sede de pesquisar, de aprender. Então eu tenho apreendido por que eu não tenho esse espírito de pesquisa, mas não me entrego de jeito nenhum, estou sempre buscando, sempre querendo aprender.*

186. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Sim, muito. Na medida em que vai se pesquisando, vai se atualizando na literatura o que há de mais novo. O aluno sai com uma visão muito mais ampla do que o técnico científico possa oferecer. Então, essa coisa do científico favorece muito para o aluno crescer. Sem contar, que eu acho que isso conta como fator positivo, e que nossos alunos passam por um processo seletivo que mesmo com conta e tudo mais, são alunos que vem porque querem. Na medida em que eles passam por um processo seletivo temos alunos mais preparados. Tanto é que a maioria dos nossos alunos fazem outros cursos técnicos, outros cursos de graduação. Então, no modo geral são alunos que também estão bem antenados e que estão querendo realmente. Eu não me lembro, no meu passado há 10 anos, 15 anos os nossos alunos falarem em trabalho científico e hoje tanto ele busca como é levado a esse estímulo também.*

187. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Na verdade quando eu comecei a envergar para esse lado da pesquisa foi muito para atender às necessidades de eventos, mas a gente sabe que o instrumento de pesquisa está em nossas mãos.*

*Infelizmente, a gente não tem noção de quanto a gente tem de riquezas de informações para desenvolver pesquisas. E infelizmente o que nos falta é tempo para realizar essas pesquisas.*

188. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

R: -

189. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

R: *Participo da base de pesquisa, do grupo de pesquisa da educação, aqui da UFRN, que é muito bom.*

190. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

R: *Não, não. Faço parte de grupos, mas eu encabeçando não.*

191. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

R: *O que me levou inicialmente foi para atender a eventos. Vai ter o congresso disso, então vamos fazer um trabalho científico, mas hoje eu vejo que a pesquisa está no cotidiano da vida da gente. No meu caso que sou professora de biossegurança, um aluno vai fazer uma visita técnica em instituição para ver determinados aspectos da biossegurança não tem como esse aluno voltar e a gente não ver, naquele trabalho de campo, instrumento para realizar uma pesquisa, porque na medida em que ele vai para o campo ele traz informações que vem dar instrumentos para a gente desenvolver, pesquisar e, por outro lado, além do aluno aprender com isso a gente pode dar retorno para aquele serviço, contribuindo com aquele serviço.*

192. E atualmente, o que lhe motiva?

R: *Eu acho que a principal motivação é de conhecer o meu trabalho. Eu como enfermeira e docente de curso na área da saúde tenho como privilégio que tanto posso pesquisar coisas específicas na área da enfermagem como também posso estar investigando a parte pedagógica aqui da escola. Aqui na escola tem alguns docentes que estudam essa parte da educação profissional, a sua evolução, metodologias inovadoras e os avanços profissionais como um todo. Então, a gente tem que estar atenta às leis, em decretos e a legislação de um modo geral e como é que norteia a educação profissional em si, como também a coisa específica.*

193. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

R: -

194. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

R: *Para mim pesa muito tempo, é disponibilidade e talvez, sendo bem sincera, eu não tenha esse espírito nato. Quando a pessoa tem esse espírito nato de investigação, de tudo ele transforma em trabalho científico. Eu me lembro de que quando eu fazia mestrado para definir projeto, objeto e tudo mais chega uma hora quando a gente está estudando que a gente se apaixona, acho que você já está sentindo isso no seu trabalho, a gente se apaixona de fato por aquilo que está pesquisando. Tanto é que quando estamos no decorrer de uma disciplina do mestrado ou doutorado seja como for, na hora de definir o objeto chega uma hora que se apaixona mesmo, dorme com ele, acorda com ele (risadas) e aquilo se torna uma coisa concreta. Para mim, embora eu goste, eu preciso crescer mais nessa garra de investigar. Eu me sinto um pouco limitada nisso, mas estou aqui para aprender.*

195. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

R: *Sem dúvida nenhuma. A pesquisa vem inovar, enriquecer e dar novos olhares. As coisas que hoje nós vimos de um jeito, a partir da pesquisa a gente passa a ver de outro jeito. E hoje temos uma coisa que é muito boa, a informação está muito ampla com a internet em nossas mãos, temos bibliotecas virtuais maravilhosas, temos livro e revistas que antigamente, eu falo antigamente, mas é há poucos anos atrás, mesmo com a internet quantos de nós tinha acesso? É muito bom, é muito rápido o acesso. Eu me lembro de que quando a gente tinha que fazer uma consulta, isso foi quando eu fiz especialização, a bireme era um caso e hoje você tem as bases de dados, tudo à mão, você acessa as informações de ministério. Isso vem enriquecer e facilitar sem dúvida nenhuma.*

196. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Hoje nós temos vários alunos participando do PIBIC-EM, já teve cotas de bolsa bem grande e hoje diminuiu um pouco considerando que a grande maioria do nosso corpo docente está fazendo doutorado e isso requer atenção para o objetivo do momento. Mas a primeira vez que eu, a professora do pó de giz vi nossos alunos gradativamente foi se envolvendo com a CIENTEC, todo ano a gente participando da CIENTEC, mas quando eu vi pela primeira vez nossos alunos participando do PIBIC-EM e participando do congresso de iniciação científica eu parei assim e disse: não acredito no que estou vendo! De tão maravilhada que fiquei. É aluno investigando mesmo, apresentando trabalho com toda a desenvoltura, sendo avaliado pelo aquele evento. Ave Maria, é uma riqueza sem tamanho como docente só vem nos trazer muita satisfação. E assim no nível técnico, vou falar de todos os técnicos, no modo geral o técnico é do fazer, de colocar a mão na massa. Durante muito tempo ficou se pensando que ele era incapaz de participar de pesquisa e hoje pode participar. Vou citar como exemplo agora a participação de um nível médio dessa oficina de teatro que tivemos com o Técnico de Agente Comunitário de Saúde. Quem veio além dos profissionais da rede, além do pessoal do nível superior foi os agentes comunitários que estão no serviço que vinheram para cá fazer a oficina. Amanhã esses alunos do Curso Técnico do Agente Comunitário vão estar fazendo essas oficinas nas comunidades porque estão sentindo necessidade de investigar. Então, eles podem participar de pesquisas e saber e entender os por quês das coisas.*

197. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R:-*

198. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Muito.*

199. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: É uma possibilidade de a gente parar um pouquinho e parar no tempo e ver assim que já aprendemos muito e eu acho que tenho muito a aprender. Então, o importante é a gente estar aberta a novos conhecimentos, a estar aberto a relações interpessoais quer seja aqui ou no serviço. Então, assim, eu achei maravilhoso, me arrependo de não ter dado há mais tempo, mas você sabe o por quê.*

200. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: -*

201. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

*R: Achei que seu instrumento está muito bom e vai atingir o que você quer.*

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 8**

1.1 Gênero: ( X ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 58 anos

1.3 Local de residência: ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 39 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 15 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 24 anos

1.7 Formação:

*Graduado em: Enfermagem*

*Especialista em: Metodologia, licenciatura em enfermagem, gestão hospitalar, processo de enfermagem e PROEJA.*

*Mestre em: Enfermagem na área de educação*

*Doutor em:*

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

202. Autoriza a gravação desta entrevista?

*R: Autorizo.*

203. Tem alguma pergunta a fazer?

R: Não.

204. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

R: *Eu digo que sou muito mais realizada hoje como professora de ensino em educação profissional, eu acredito pela própria estrutura do departamento, na convivência no trabalho não só em relação alunos eu nunca tive nenhum problema. Eu adoro ensinar, por isso eu me aposentei pelo departamento de enfermagem e fiz concurso. É minha vida, eu digo muito aos alunos que adoro ensinar e adoro ser enfermeira. Então, eu fico realizadíssima quando estou numa sala de aula. Como prática pedagógica no técnico a gente observa que a própria maturidade vai ajudando e ficando mais sensíveis à prática. Quando eu começo a lembrar quando eu comecei, eu era uma professora muito mais exigente e exigia muito mais dos alunos e hoje eu vejo que isso é a maturidade também, tanto maturidade de idade quanto de prática pedagógica. Hoje eu tenho certeza que tenho muito mais sensibilidade. Apesar de que nunca ter tido problema com alunos, sempre fui muito respeitada e sempre tive uma relação muito boa com os alunos. Antes minha prática pedagógica era muito mais exigente.*

205. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

R: *Em relação à prática pedagógica, antigamente era muito mais exigente. Mesmo quando nós começamos a escola tinha uma prática mais tradicional. Nós observamos que a prática pedagógica nos últimos anos, até antes desses 10 anos, que a própria prática pedagógica e o próprio projeto pedagógico da escola são práticas pedagógicas mais alternativas que motivam mais os alunos, o aluno como sujeito, o aluno como construtor do seu conhecimento. Então, com práticas ativas, com metodologias ativas facilitando realmente o processo ensinar aprender esse aluno sendo sujeito de todo esse processo. Realmente nós só compreendemos o processo ensinar-aprender e somente aluno e professor não existe só uma parte. Então, o aluno e o professor tem que se responsabilizar por todo esse processo ensinar-aprender.*

206. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

R: *Sim, como nós já falamos as práticas pedagógicas eram mais tradicionais e até assim você começa a estudar mais a questão de Paulo Freire e outros autores na educação bancária e os alunos construindo seus conhecimentos. Realmente há diferenças. Eu lembro que quando eu era estudante, quando a gente aprendia o processo de enfermagem. E a enfermagem tem toda essa história de autoritarismos, de obediência, então isso reflete realmente na sua prática, mas quando se começa a estudar autores e vai mudando. Quando eu era aluno a prática era mais tradicional, agora é mais flexível, problematizadora.*

207. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

R: *Sim, eu lembro que no ano de 2000 eu era diretora da escola, nós fizemos o projeto, o plano de curso, o projeto político pedagógico diferente, lógico. Com as práticas mais ativas, os projetos pedagógicos mais antigos diferentes dos projetos mais novos.*

208. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

R: *Exatamente em melhorar o ensino. A aprendizagem do aluno porque quando ele passa a ser mais responsável. Tornar o estudante mais crítico, mais participativo, mais reflexível. E o que causa é um melhor conhecimento. O maior conhecimento e maior responsabilidade como cidadão.*

209. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

R: *Sensibilidade pedagógica. Eu lembro que fiz uma pesquisa de, a minha última que foi do PROEJA, eu lembro que a gente estudou o perfil e o que o aluno via como facilitador e dificultador do processo de ensinar-aprender e uma das coisas que a gente concordou demais foi a sensibilidade pedagógica do professor. A sensibilidade pedagógica e também a relação professor-aluno. Quando um aluno se identificava com um professor facilitava demais a aprendizagem. E como dificultador era tudo ao contrário, como um professor mais autoritário que não escuta o aluno, que não tem nenhuma sensibilidade pedagógica com o aluno. Tudo isso*

*são fatores que facilitam também. Fiz uma pesquisa sobre as contribuições do laboratório de enfermagem e vi também o que dificultava e também era a identificação com o professor.*

210. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: É quando você tem um objeto de estudo e você vai estudar esse objeto, que é o que você está fazendo. Elabora questionários e vai observar o referencial teórico de tudo que tem. É uma pesquisa científica contribui e muito para toda a educação como para todo o contexto social, político. Pesquisa científica realmente avança. A gente diz que as profissões vão surgindo dependendo das necessidades da sociedade, então as pesquisas são importantes para toda a evolução da sociedade. O que a gente não tinha e temos hoje tem tudo a ver com pesquisa.*

211. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Com certeza, muitas vezes reforça o que a gente já faz, entende e concorda. As pesquisas científicas com certeza reforçam, porque você tem muitas vezes uma questão que foi pesquisada, escrita e comprovada, realmente facilita e muito.*

212. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Minha primeira experiência em pesquisa foi uma época que realmente, aqui no Rio Grande do Norte, no departamento de enfermagem não existia nenhum curso de pós-graduação. Então, uma enfermeira americana, professora Bertha, que ela sempre foi muito bem ligada à pesquisa, ela fez um curso de iniciação à pesquisa científica e ela é uma pessoa muito preparada, a nossa pesquisa foi em relação ao laboratório de enfermagem também, em situação real e em situação simulada, se esse processo ensino-aprendizagem era mais em situação real ou simulada, qual o melhor método para o aluno aprender exatamente como o procedimento invasivo e não invasivo. Depois que eu fiz o meu mestrado, eu vi que aquele estudo era tão profundo que até poderia ser desenvolvido uma tese. E na verdade essa pesquisa que nós fizemos foi um grupo que nunca nem foi publicada, uma pena porque assim eu lembro que o procedimento não invasivo era pressão arterial feito com um grupo, foi uma turma toda que avaliamos. Um grupo ficou na situação experimental, em laboratório, e outro na situação real e no procedimento invasivo era a medicação intramuscular. E foi muita pesquisa, foi muito bem elaborado e foi muito boa essa pesquisa. Então minha primeira experiência foi isso.*

213. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: Eu participei de bases de pesquisa do departamento durante muito tempo.*

214. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Aqui na escola nós participamos, mas está um pouco parada, com poucas reuniões, sem muito desenvolvimento.*

215. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: Não, mas já participei de várias pesquisas, mas hoje estou sem participar. Quer dizer, como coordenadora não. Eu tenho um projeto da professora Lygia e um da professora Lauriana que eu faço parte como colaboradora.*

216. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: Eu gosto muito de estudar (risadas). Então, quando a gente alega muito a falta de tempo, mas quando a gente começa a participar e estudar aí realmente eu me empenho. Eu lembro que na defesa da minha dissertação, a professora Raimunda que foi minha orientadora, ela disse que foi a orientanda mais entusiasmada até aquele momento fui eu. A gente ficou sexta-feira para ajeitar as coisas do congresso e eu pensando como eu gosto de estudar, aí vem outros trabalhos que terminam tirando a gente do foco de pesquisar, mas é muito bom.*

217. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: Eu gosto, adoro estudar, até para a contribuição, para a melhoria do ensino de todo o processo ensinar-aprender.*

218. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Sim. Então na pesquisa que foi feita na minha dissertação as contribuições, as dificuldades e até os sentimentos que os alunos sentem na visão deles no laboratório de enfermagem. A própria*

*pesquisa do PROEJA contribui. Modifica também e reforça. Muitas vezes você já tem essa prática e reforça muito mais.*

219. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: Eu acho que um pouco de tempo. Como aqui na escola a gente não fica só com uma disciplina, são várias disciplinas, áreas e geralmente todo mundo está envolvido em programas. Às vezes dificulta um pouco você enfrentar a questão da pesquisa. Apesar da gente estar participando, mas poderia participar mais.*

220. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Sim, por todos os motivos que já foram comentados.*

221. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Eu avalio de forma positiva. Agora, precisaria ter mais pesquisa, mas como ponto positivo, com certeza.*

222. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Gostei.*

223. Gostou de falar da sua experiência?

*R:-*

224. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: Eu observo que os próprios alunos do curso técnico há 02, 03 anos atrás não participava, não contribuía e não eram monitores e agora eles são monitores. Existe agora a bolsa PIBIC-EM que os alunos nossos estão participando. Semana passada eu entrei na sala de reunião e tinha três alunos empolgados com o notebook e eu disse: “o que vocês estão fazendo aqui?” e eles: “professora, estamos fazendo pesquisa” (risadas). Que coisa boa, a gente não via os alunos participando e até os alunos do técnico estão participando e isso é muito bom. É um crescimento para os nossos alunos. Então a gente vê que a pesquisa científica estando inserida na escola.*

225. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: -*

226. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 9**

1.1 Gênero: ( X ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 40 anos

1.3 Local de residência: ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 10 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 05 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 05 anos

1.7 Formação:

Graduado em: Enfermagem

Especialista em: Enfermagem Psiquiátrica e saúde mental

Mestre em: Enfermagem Psiquiátrica e saúde mental

Doutor em: Enfermagem Psiquiátrica e saúde mental

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

227. Autoriza a gravação desta entrevista?

*R: Sim*

228. Tem alguma pergunta a fazer?

*R: Não, não.*

229. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

*R: Minha experiência no ensino técnico em saúde é o daqui da escola, porque esse outro tempo era em ensino de graduação. Então, a experiência que eu tenho de ensino técnico em saúde é a*

*daqui da escola. É uma experiência muito gratificante, eu não vejo diferença, o exercício da formação de futuros profissionais eu vejo com a mesma importância, seja nível médio ou superior. Não existe essa diferença do ensino técnico e graduação, a gente tem que passar competências, habilidades, conhecimentos para futuros profissionais. Eu vejo como positivo, principalmente, e considerando um objetivo muito nosso que é da área da saúde, que é formar para o SUS, que é uma bandeira de luta, de vida da gente.*

230. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

*R: Acho que há diferenças certamente. Por exemplo, no objeto do seu estudo e na sua pesquisa acho que há na nossa realidade não sei em outras, mas aqui na nossa realidade. Eu estou na escola há 05 anos e nesse período eu vejo enormes diferenças imagina em 10 anos. Que tipos de diferenças: o incentivo, a própria concepção, a possibilidade do nível técnico tanto o estudante como o professor considerar a pesquisa- e trabalhar essa possibilidade. O ensino da pesquisa é muito importante para a capacidade de despertar o espírito científico, e se o discente não desperta para isso, ele só realiza tarefas mecanizadas. Então, sem dúvida nenhuma eu vejo muita importância do ensino, estudo e prática da pesquisa no ensino técnico. Eu diria a você, especialmente, no ensino técnico porque se na realização de tarefas que fazem parte de um processo de trabalho não tiver fundamentos para a realização dessas tarefas, não tem como o cuidado se realizar de forma humanizada.*

231. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

*R: Creio que sim, embora eu não estivesse aqui há 10 anos. Desses meus 5 anos já vejo diferença, certamente tinha mais diferença há 10 anos. Você deve ter presenciado há 01 ano ou 02 anos a conquista da bolsa PIBIC-EM que veio fazer uma diferença muito grande, até assim no próprio sentido da cultura do ensino de nível médio nesta escola, o aluno de ensino médio nesta escola não tinha a cultura de pensar sobre isso. Logo que eu comecei a lecionar aqui ministrava a disciplina de metodologia científica, hoje se aceita com mais boa vontade. Logo no início dos 05 anos que estou aqui existia maior resistência, hoje o aluno é mais curioso. Aí, eu volto a falar do espírito científico (Referência a Gaston Bachelard) para uma ~~a~~ formação crítico-reflexiva.*

232. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Creio que sim, especialmente à luz da consideração da pesquisa como um instrumento de cuidado. Olha que há aí uma transformação, não é mais aquela coisa teórica distante, intelectual separada do manual, mas ela é como um objeto de cuidado. Então o que é a pesquisa nesse sentido? É muito prática, ela é extremamente prática. A pesquisa é você olhar para o procedimento que você realiza e pensar sobre ele, sobre a pessoa, sobre o todo. Então, a gente volta de novo para os princípios do SUS que se retroalimenta, que faz muito sentido na formação desse nosso aluno do ensino técnico.*

233. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: Eu acredito que a própria mudança da sociedade trouxe a necessidade de um novo profissional, de um novo profissional de qualquer nível não só do nível superior. Quando a sociedade começa a discutir a questão da formação, em especialmente, em dois eixos o profissional crítico-reflexivo e a cidadania, aí precisa que o ensino técnico assim como os demais níveis de ensino traga essa perspectiva do conhecimento, inclusive no ponto de vista do conhecimento da pesquisa, do pensar e fazer pesquisa. Eu acredito que aí existiu essa necessidade de transformação, porque o profissional, o técnico e o trabalhador precisa ter uma concepção do cidadão e do espírito crítico-reflexivo no mundo atual.*

234. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: Facilitar eu acredito que a própria incorporação do próprio espírito científico numa perspectiva muito prática, porque a pesquisa ela precisa ser muito prática e nesse sentido ela realmente encanta. A descoberta do espírito científico, essa coisa de ensinar, buscando, aí eu acho que isso seja uma facilidade, aí o professor pode usar a criatividade e tem muitas possibilidades para se fazer e nesse sentido vai precisar saber despertar esse aluno, essa turma para esse encontro, porque é aquela coisa 50% a 50%, o aluno e o professor fazem a aula juntos*

*e o professor sabendo de alguma forma trazer esse despertar essa descoberta vai ser muito interessante e de fato eu tenho experiências e vivências que dá muito certo, que os alunos respondem. E como dificuldades a gente encontra, no ponto de vista institucional, talvez devido à incipiência na questão da pesquisa no ensino técnico na realidade local. Na nossa realidade local ainda é uma novidade então a gente está tendo que trabalhar a cultura e não só a cultura do aluno, mas também a do professor. Devido àquela coisa que a pesquisa não era coisa para a gente se envolver e tal, criou certa resistência. Criou uma dificuldade de se aproximar. Isso tem uma contribuição, uma contribuição para o cuidado. É interessante notar uma contribuição muito prática e um retorno para o cuidado, porque eu entendo que o aluno técnico que ele tem esse exercício do olhar, do espírito científico, ele faz um cuidado prático mais qualificado.*

235. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: Pesquisa científica é uma aventura, é uma descoberta. É a possibilidade de você apenas não só decorar conceitos, mas de você aprender a aprender, de vivenciar possibilidades e aí tem a verdadeira conexão mental. A partir do momento que você busca. A primeira coisa que precisa ter no exercício da pesquisa é a vontade de busca e como um exercício de descoberta. Não tem nada a ver com algo estático, a pesquisa movimenta a pesquisa, é descoberta, é enriquecimento.*

236. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Sem dúvida acredito, por tudo que já falei.*

237. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Faz um tempo. Foi no ensino médio através do famoso TCC, foi aonde antigamente se chamava ETFRN. Foi um momento muito incipiente. Vim realmente ter um contato maior através da graduação em enfermagem, porque eu participei do PET, aí eu participei de programa a partir do 2º ano de faculdade, então foi 2º, 3º e 4º, e nesse período a cada ano tinha de desenvolver um TCC. Tinha todo um exercício de pesquisa como seminários, apresentações, debates de filmes e vídeos de livros além do TCC. O TCC tinha todos os passos do trabalho científico. Meu contato inicial foi na graduação através desse Programa Especial de Treinamento(PET). Desde a graduação que eu tive uma atenção a isso e a certeza de querer buscar a pós-graduação. Depois desses 03 TCCs ao longo da graduação quando eu terminei fui fazer especialização que também teve TCC, aí o mestrado, a dissertação e o doutorado a tese.*

238. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: Participava. Na faculdade tinha grupos de pesquisa, eu participei. E durante a pós-graduação eu participei de grupos de pesquisa na USP de Ribeirão Preto que foi onde eu fiz a pós.*

239. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: E atualmente eu participo tanto na coordenação como colaborador também.*

240. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: Tenho menos projetos e mais atividades de orientação. Orientação de mestrado e o que eu estou mais vinculada com a questão da pesquisa.*

241. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: Vontade de busca que eu falei para você. Vontade de querer entender os processos. A certeza de que o conhecimento ele não é acabado, ele é acumulativo. Então, essa vontade de entender essas camadas do conhecimento de buscar e aplicar isso na nossa realidade, a realidade da enfermagem. Então isso foi o inicial esse exercício eu diria que se mantém que é o exercício da vontade de buscar, aprender e ensinar isso aí graças a Deus se mantém (risadas).*

242. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: idem anterior.*

243. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Sem dúvida nenhuma. A atualização é um exercício de pesquisa, o orientar mestrando é um exercício de pesquisa, isso dá um retorno imenso na minha aula de amanhã aquela orientação que eu dei ontem, é assim retroalimenta, dá um retorno, sem sombras de dúvida e um retorno que*

*ele sempre é qualitativo pelo menos na minha experiência é um retorno sempre qualitativo. Eu nunca tive um retorno em atividades relacionadas à pesquisa que fosse ruim para a prática didática, de forma alguma, sempre qualificando o exercício da prática pedagógica.*

244. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: É aquilo que te falei, precisa ter apoio institucional, porque o apoio instituinte vamos dizer assim, a certeza que traz alguma coisa muito importante, de que é necessário, isso a gente tem por toda parte e as pessoas verbalizam e entendem, mas o apoio institucional mesmo isso a gente pode falar em relação as bolsas de iniciação científica são coisa que a gente precisa conquistar. É como eu falei para você, a realidade local, em termos de realidade local a gente está engatinhando e não pára de conquistar número maior de bolsas, ter bolsas mais significativas e atrativas do ponto de vista do valor da bolsa, porque se não o aluno não vai ficar porque a primeira coisa que ele faz é comparar e ele compara isso até com bolsas de apoio técnico e a gente não pode negligenciar nesse ponto de vista também, mas entendo também que a gente está começando nesse sentido, nós não temos ainda muito desenvolvida a cultura da pesquisa no ensino técnico.*

245. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Acho que a pesquisa vem a contribuir sempre. Agora só chamaria a atenção para um pouco do que falamos antes de se ter viabilidade dessa pesquisa, dessa pesquisa não ser uma coisa só defendida, mas de não ter forma dessa execução e não ter condições dela acontecer de forma atrativa, de forma adequada. Então é importantíssimo, mas precisa se institucionalizar, mas com muito cuidado dessa palavra, no sentido do apoio inclusive do apoio técnico. Hoje, no ensino técnico tem um grupo de estudo, mas o grupo é só um começo, tem que ter outras conquistas também e aí trabalhar as conquistas estruturais com a mudança de cultura e compreensão ampliada que isso deve fazer parte para uma formação melhor.*

246. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Viável, adequada, porém tem desafios especialmente na realidade local. A resposta não está sendo compreendida, no potencial da pesquisa no ensino técnico. Quando o aluno entender que se ele estuda seja qual for o assunto que de fato ele estuda para fazer essa devolução seja no laboratório ou no campo é um ato de pesquisa de se debruçar sobre o conhecimento e que se ele tem uma perspectiva do ponto de vista do saber, compreender é um ato de pesquisa. Se ele tiver esse conhecimento, ele vai qualificar tanto o aprendizado como o cuidado que ele vai realizar depois. No dia que nosso aluno tiver essa compreensão, sem dúvida ele aí está qualificando mais nosso curso. Se aí você disser: “já tem isso hoje?”, não ainda não tem, mesmo por que faz parte dessa mudança que está no começo desse entendimento. Hoje a gente tem um grupo maior de docentes que entendem e trabalham a contribuição da pesquisa. Há 10 anos essa palavra/prática provavelmente não andava nesses corredores.*

247. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Agradou muito por que falar de pesquisa é muito importante para atividade pedagógica e aí como docente. E falar do ensino técnico como essa via possível de criatividade, descobertas e qualificação para a saúde.*

248. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Então, me agradou nesse sentido que juntou assim dois aspectos que eu gosto muito: ensino e pesquisa.*

249. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: Não.*

250. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: A única sugestão você já deve ter incluído, que é a devolução dos seus estudos para a própria realidade, porque vai ser interessante, porque os docentes vão se vê um pouco ali como ele e os outros estão pensando a questão. Certamente você já deve ter incluído.*

251. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

R: Não. Obrigada pela oportunidade em contribuir.

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 10**

1.1 Gêneros: (X) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 52 anos

1.3 Local de residência: (X) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 34 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 23 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 11 anos

1.7 Formação:

Graduado em: Enfermagem

Especialista em: Recursos humanos, PROFAE, e alguns outros.

Mestre em: Enfermagem

Doutor em: Doutoranda

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

252. Autoriza a gravação desta entrevista?

R: Com certeza.

253. Tem alguma pergunta a fazer?

R: Não.

254. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

R: Bem, como você vê, eu já tenho um certo tempo, né, na educação profissional. Eu comecei na escola trabalhando com o auxiliar de enfermagem e com o técnico, né, ainda com aquele currículo pré-determinado da 5692. E com ele você já tinha todos os seus objetivos e os propósitos de cada disciplina, de cada tema daquele que você ia trabalhar. Então, era um quadradinho que você não podia sair muito daquilo, mas a gente sempre foi meio ousado, né. A escola, como um todo, a gente sempre trabalhava e discutia junto, e procurava acompanhar o aluno no seu processo de aprendizagem do princípio até o final, sempre acompanhando de perto. Então, eu acho que isso fez uma diferença muito grande, que quando chegou em 2000, uma atual LDB, então nesse momento, ela já veio, essa LDB onde era pautada em cima de competências e habilidades, ela já veio atender de uma certa forma, uma necessidade que a gente tinha de mudar esse tipo de ensino, está certo. E com, é a capacitação pedagógica, com o advento do PROFAE, que a gente qualificou todos os docentes para trabalhar sobre outra perspectiva, a partir de problematizações. Então isso casou bem direitinho, porque nesse ínterim, era muito difícil você está avaliando conhecimento e competência dos nossos alunos quando chegava em um determinado momento, principalmente quando estava chegando no final. Que a gente chegava lá no final e dizia assim: esse não tem competência para ser técnico de enfermagem. Então nesse momento, era o momento mais sofrido, tanto para gente como para o aluno. - Mas como? Eu tenho nota para passar, como é que eu não posso – Então isso tudo vem refletir nesse anseio que a gente tinha de mudança, né. Que é o que vem se configurar hoje a Escola.

255. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

R: Há 10 anos e atualmente. Atualmente, ele está muito mais formativo. Formativo em termos de formar para a vida, para ser, não só para fazer. Eu acho que isso é muito diferente, está certo. Porque antigamente a gente só pensava muito mais no fazer, né. Ele tinha que saber fazer, saber fazer, saber fazer. Mas a parte do ser e como ser, essa sempre foi uma preocupação, mas nunca a gente conseguia colocar dentro do processo ensino-aprendizagem efetivamente com clareza.

256. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

R: Muito, muito (risadas). É, naquela época a gente era muito papel, papel, né. Aqueles textos mimeografados que a gente conseguia fazer. Olhe que ainda, né. Avançava as aulas em

*retroprojektor com aquelas transparências, às vezes umas transparências antigas, meu Deus! Então assim, muda completamente, apesar de mesmo naquela época você já tentava mostrar a realidade, como era e trazia tudinho, mas não era, né, sistemático como a gente tem hoje. Hoje é totalmente diferente.*

257. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Assim, tem marcos bem fortes. Um dos marcos, eu acho que a gente não pode deixar de falar, da concepção de formação que nos traz Isabel Santos, está certo. Quando ela faz a capacitação pedagógica para você formar trabalhadores, né. E ela criou toda uma seqüência de estudos baseados em atividades do aluno, em atividade do professor, tudo sequenciado. A partir da realidade do aluno, você indo buscar o dia a dia dele e voltando para refletir na teoria. Eu acho que isso foi um passo muito grande para gente da saúde, né. Eu acho que até hoje esse material de Isabel Santos ainda é riquíssimo, está certo. Claro, com as devidas atualizações. Mas assim, o processo, que ela coloca ali, de ensinar e de aprender, ele é fantástico. Ele tira a verticalidade do professor-aluno, e bota na horizontalidade. E isso para mim é fantástico.*

258. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: Bom, como eu coloquei, a gente já vinha no processo de questionar, né, como fazer diferente para que esse aluno não chegasse no final com uma formação que realmente lhe desse o título, um perfil mínimo, né, possível para ser técnico ou auxiliar de enfermagem naquela época. E assim, diante desse anseio, a gente foi buscando essas novidades que se apresentavam no momento. Eu acho que Paulo Freire se faz presente do começo ao fim, hoje ele é muito presente, eu acho que nas ações que a gente faz, no fazer, na problematização, no ir à realidade, no ir à comunidade, nas visitas que a gente faz, nos eventos que a gente faz buscando conhecer aquela realidade, questionando junto com o pessoal, buscando realmente problematizar o real né, a realidade vivida. Então, para mim, esses são pontos essenciais que a gente tem hoje, né. E eu espero que continuem por muito tempo. Claro que a gente sabe que não é fácil, você não tem 100%, mas eu acho que um contamina o outro. A gente aqui na escola tem pego uns colegas que – aí, eu não sei como é que faz isso não, assim tem momentos que, quando a gente começa a refletir, a discutir e analisar o passado e o presente. Então, outro dia eu já peguei uma dizendo assim – como é diferente, é que eu não sei mais fazer como eu fazia antes – mas você vem de uma aprendizagem, de um ensino seu, de um conhecimento que você vem adquirindo na sua formação que é muito difícil de você mudar. Então assim, você só muda realmente na prática, no dia a dia fazendo.*

259. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: Bom, eu acho que o tempo é uma coisa muito importante, está certo. E esse tempo e o uso dele, ele é essencial. Porque assim, trabalhar em cima de problematização da realidade, buscar, pesquisar aquela realidade, voltar à teoria, voltar à prática e estar fazendo esses movimentos com o aluno, está certo, eu acho que é isso. Às vezes você não consegue. Cada um tem o seu tempo. Nem sempre você consegue numa turma de 40 alunos que todos cheguem ao mesmo tempo. E o professor ele tem que ter justamente essa habilidade, porque hoje é tudo contabilizado em tempo, em horas. Eu tenho tantas horas para dar conta de um conhecimento, eu tenho que repassar para o aluno e ele tem que no final me dizer que aprendeu aquilo. Então assim, é um momento muito especial, que às vezes é complexo. Então eu acho que o tempo, não é que seja facilitador ou dificultador, mas ele é extremamente precioso nesse processo de formação.*

260. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: No meu curso técnico? Bom, na realidade a gente tem buscado trabalhar a pesquisa, está certo, já há algum tempo, mas não é algo simples, nem fácil. Porque sempre no ensino médio as pessoas acham, principalmente as agências de fomento acham que o pessoal de nível médio não é capaz da pesquisa científica, mas eu acho que eles tão dando, assim, um banho. A gente tem visto ultimamente os nossos alunos trabalhando juntamente com a gente, sendo bolsista PIBIC do ensino médio e fazendo as suas atividades e assim, isso dá um salto de qualidade no conhecimento deles que é impressionante. E assim, é o mundo que abre. O mundo da pesquisa. Porque esses poucos alunos começam a enxergar com outros olhos. Porque se na sala de aula a gente está*

*tratando de pesquisa, de buscar, por exemplo: em saúde do adulto costuma fazer pesquisas rápidas, está certo, para poder chegar a um conhecimento e uma realidade, levantar casos tudinho para poder aprofundar. E esse alunos já tem um outro olhar, enquanto os outros a gente procurava sistematizar, fechar e ter um produto, esses, eles já dão uma pista para a gente chegar nesse produto. E já está querendo buscar como é que pode usar isso na prática, então assim, isso é muito diferente, entendeu? E assim, o olhar fica aguçado e com isso a aprendizagem também porque faz uma diferença grande. E quando eu digo aprendizagem, é em toda a sua globalidade, está certo. Da educação geral ao conhecimento específico porque passa por tudo isso. A habilidade com o sistema de informação, com tudo, ele mexe com tudo. Com a informática, então isso, pra mim é uma formação. Aí é quando eu digo: a gente forma para a vida não dá para formar só para querer fazer.*

261. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Sim.*

262. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Eu quase me criei aqui dentro da escola. E eu me envolvi muito cedo com as entidades profissionais especialmente com a ABEN e a ABEN para mim foi uma escola. Então, antes mesmo dos grupos de pesquisas a ABEN me mostrava isso. Então, eu sempre fui uma aluna que buscava as entidades sempre procurando fazer trabalhos, fui monitora, fui bolsista e eu acho que isso ajuda muito.*

263. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: Aí a gente participava de grupos de estudo aqui mesmo dentro da escola, dentro da universidade das bases de pesquisa. Sempre ligada às bases da educação porque sempre foi minha praia (risadas) muito mais que a outra parte da saúde propriamente dita da enfermagem. Depois vieram os grupos.*

264. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Atualmente participo do grupo Saúde e Sociedade, um grupo nosso aqui da escola. Sou integrante do programa de pós-graduação de Santa Catarina onde eu faço doutorado e ainda tenho uma perninha no Caleidoscópio (risadas).*

265. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: Estou encerrando o projeto de pesquisa sobre as ex-diretoras da escola. Era um projeto que a gente tinha como objetivo vê o ensino da enfermagem no Rio Grande do Norte através das diretoras da escola a gente conseguiu basicamente entrevistar a professora Oscarina e não conseguimos outras por vários motivos como problemas de saúde e olhe que não foram muitas naquela fase (risadas). Tenho o projeto do PPSUS que espero estar terminando e devo colocar agora o meu projeto de doutorado que é sobre o perfil de conclusão do técnico de enfermagem, o conhecimento adquirido na escola com a relação no seu trabalho.*

266. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: No começo como aluna a gente ficava muito mais restrita aos casos clínicos, às práticas e de certo tempo para cá a área da educação, a parte da formação, da aprendizagem, do desenvolvimento, do curriculum e de todo o processo de aprendizagem então esse tem sido meu foco.*

267. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: A questão da formação, que formação é essa que a gente oferece para os nossos jovens trabalhadores? Como é que ele está recebendo esse conhecimento e levando para o campo da prática e do SUS, que diferença ele está fazendo no mundo do trabalho.*

268. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Eu percebo (risadas), é tanto que a gente percebe que a gente vem insistindo e aprofundando. A gente percebe que à medida que a gente vai estudando e aprofundando vai surgindo novos instrumentos para você pesquisar e ter o elo com a realidade que você está fazendo aqui porque se não tem esse elo de devolução para prática não tem muito sentido. Na hora que eu estudo e*

*estou aplicando e naquela realidade me dá indícios para continuar aprofundando e mostrando outros caminhos, eu acho que é nisso que a gente faz a diferença.*

269. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: Financiamento, a falta de recurso, material, de preconceito até porque assim é uma coisa que eu tenho visto ultimamente, porque eu venho estudando a formação do técnico. O profissional que tem o maior número na equipe de enfermagem, mas é o menos estudado. Para você ter uma ideia eu fiz uma pesquisa bibliométrica, na verdade foi um estudo integrativo, buscando os estudos feitos sobre os técnicos de enfermagem eu consegui 15 trabalhos, 04 artigos e 11 dissertações, que estuda o técnico egresso na escola, quer dizer é um profissional que não vem sendo estudado. Nesse trabalho eu peguei outros trabalhos que estudam também com outros olhares o técnico de enfermagem, de todos encontro 05 ou 06, que dizer não é um tema estudado, porque não é estudado se é o maior número que temos em nossas equipes? E que na verdade o que tem no conselho não é o real porque ele está subdimensionado, tem muito auxiliar que é técnico e não se cadastrou no conselho como técnico porque não tem o seu trabalho reconhecido como técnico.*

270. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Eu acredito até porque eu acho que a gente está numa fase de muita análise e muito estudo porque as equipes não só da enfermagem mas da saúde elas começam a ser reconfiguradas e a da enfermagem especialmente. Olhe em um curto espaço de tempo a gente tinha uma equipe composta por: atendente, auxiliares, técnicos, enfermeiros e parteiras. E hoje a gente tem: parteira, técnico e enfermeiro. Então, nessa reconfiguração eu acho que tem algumas coisas que vão ser mexidas em nossa equipe e o estudo e a pesquisa ela tem muito a contribuir para essa formação e assim a gente tem um ato médico aprovado e esse ato médico vai mexer muito com nossa equipe e na hora que mexe com a nossa equipe, mexe com a formação e mexe com muitas linhas que passam pela formação. E na hora que mexe na formação do enfermeiro acaba mexendo na do técnico também, muitas vezes a gente pode nem sentir tanto nas escolas se você não tem um elo de ligação grande com o serviço e o SUS.*

271. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Eu avalio que ela ainda está no seu início. Eu acho que tem até algumas pessoas que fazem sem se dar conta da importância que faz, mas eu acho que ela tem muito a crescer. Enquanto aqui a gente não conseguir vencer um monte de barreiras e aproveitar o potencial que tem de conhecimento das pessoas, seja o nível que for, a gente não vai crescer muito não. O momento que se configura hoje no Brasil é um momento de muita mudança e de efervescência, eu acho que o perfil da educação, a tendência é crescer e ter algumas alterações. E eu acho que a gente não fica de fora não, e eu acho que a pesquisa tem que vir para dar essa colaboração para dar esse salto.*

272. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Eu amei. (Risadas)*

273. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Eu acho tão bom quando a gente pára assim para conversar e para pensar um pouquinho.*

274. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: Achei muito interessante a sua pesquisa. Você está de parabéns. Desejo-lhe muito sucesso. Você é uma pessoa amada.*

275. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: -*

276. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

*R: -*

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 11**

1.1 Gênero: ( X ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 47 anos

1.3 Local de residência: ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 17 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 7 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 10 anos

1.7 Formação:

Graduado em: Enfermagem

Especialista em: Auditoria em serviços de saúde e educação profissionalizante (PROFAE).

Mestre em: Área clínica de enfermagem

Doutoranda em: Enfermagem

## II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:

277. Autoriza a gravação desta entrevista?

R: Autorizo sim.

278. Tem alguma pergunta a fazer?

R: Não.

279. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

R: Algumas pessoas perguntam o porquê eu não me desligo das minhas atividades como enfermeira para ficar só na atividade de docente. Eu não me desligo porque eu acredito que o professor tem que sempre estar casando prática e teoria. No momento que ele se distancia da prática e fica só na teoria ele não consegue fazer aquela interface porque hoje deve ser prática e teoria. Então, eu acho importante continuar na prática por causa disso. O ensino técnico já diz, é a técnica, é muito enriquecedor. Eu vejo que os alunos se interessam mais nas vivências, nas aulas práticas do que nas aulas teóricas. Claro que é importante saber a teoria para fazer a prática. Na experiência com os alunos eu vejo que eles são muito empolgados principalmente com a vivência, quando tem manequim, fazer simulações da vida real. Eu estou sempre dando exemplos da vida real e eles gostam. Eu acho muito válido essa vivência.

280. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

R: Há certa diferença sim. Eu vejo que um aluno antigamente quando fazia um curso técnico de enfermagem eles queriam mesmo ser um técnico de enfermagem. Hoje não, eles migram muito. Claro que é bom sempre crescer, querer mais outros cursos, mas eu vejo certo desestímulo. O aluno faz o curso, parece que está querendo outra coisa ou para se inserir no mercado de trabalho, mas almeja fazer graduação. Isso é o que eu observo na minha prática.

281. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

R: O que eu sinto mais diferença é que antes eles faziam muita vivência prática em laboratório. Hoje, o aluno vai logo para a prática sem, lógico que ele tem prática no laboratório, mas antes a gente ia para a prática mas já tinha feito essa prática muito antes e várias vezes um no outro. Eu sinto isso mesmo. E antes tinha aquela paixão de querer fazer a prática, de ir para um hospital série hospitalar porque o contexto mudou o contexto político. Houve uma mudança política e eu sou do tempo bem cartesiano mesmo. As pessoas queriam praticar, fazer, queriam mais era a prática e hoje não, houve uma mudança e a enfermagem acompanhou e tem que acompanhar essas mudanças do mundo contemporâneo.

282. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

R: Houve mudanças. O aluno antes queria fazer aquele curso porque tinha paixão pelo curso, hoje está muito voltada para o mercado de trabalho. O perfil do professor muda de professor para professor, cada professor traz uma bagagem, os professores novos e os professores de antes por que eles sofrem mudanças, mas a essência não muda. Então houve certa mudança porque o aluno hoje é mais politizado. O professor hoje vai para uma sala de aula ele tem que se preparar muito politicamente até em questão do SUS. Porque o aluno hoje é mais inquieto, ao mesmo tempo, eu percebo que ele é mais ligado no contexto da essência da coisa do curso técnico de enfermagem. Porque o curso técnico, o nome já diz, ele não vai fazer um trabalho que não seja o

*dele. Hoje eu vejo que o aluno não é muito tecnicista, ele tem que ser prender no que é dele. Qual é a função do técnico de enfermagem? Prestar cuidado e assistência ao paciente. Claro que ele tem que ter visão contextual geral, específico e de tudo, mas ele não pode sair do seu eixo. Hoje eu tenho uma preocupação muito grande com o que está acontecendo, certa iatrogenia e negligências que acontecem muito, não é muitas vezes pelo excesso de trabalho, mas porque o técnico se volta para ações que não são deles. Então, houve uma mudança desse aluno.*

283. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: As implicações que eu me preocupo é que venha a instiguir o curso técnico de enfermagem porque há uma fuga tão grande para a graduação que eu temo que num futuro próximo deixe de existir esse profissional e dizem que existe até política para isso, para que não exista o técnico de enfermagem. Já na visão do técnico em saúde no geral está aumentando a procura, porque o mercado de trabalho precisa, o mercado precisa dessa mão de obra e enfermagem tem uma procura, mas eu percebo uma redução e percebo também uma evasão muito grande.*

284. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: O que facilita o trabalho é sempre o interesse do aluno (risadas) sei o aluno tem interesse, mas primeiramente o professor tem que gostar do que faz se ele está bem embasado profissionalmente, ele vai prestar um bom cuidado e vai facilitar o trabalho independente das barreiras que ele vai enfrentar. A gente sabe que o professor leva trabalho para casa, que professor é professor 24 horas, mas o que facilita é o interesse do aluno e os recursos tecnológicos, porque hoje tem um datashow, no meu tempo tinha que preparar uma transparência. Hoje tem os recursos da internet, mas o material humano eu acho o mais importante que é o interesse do aluno, o preparo e a motivação do professor. O que dificulta minha prática são alunos desinteressados, é o desinteresse, é a contra partida porque quando um aluno está desinteressado dificulta bastante.*

285. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: Pesquisa sempre é bom, a gente indaga o mundo. Quando a gente indaga a gente quer descobrir, pesquisar, quer a descoberta, a busca do conhecimento da pesquisa. O PIBIC que entrou no ensino médio eu achei super interessante por que o aluno aprende a ser pesquisador e ele aprende a importância da pesquisa. A pesquisa deve sim estar inserida no ensino médio, pode e deve, e os frutos estão saindo aí. No começo a gente se assustou como o ensino médio vai pesquisar, mas a gente está descobrindo novos pesquisadores. E a pesquisa sempre é importante porque tem que ser ensino, pesquisa e extensão. A pesquisa tem que estar inserida porque senão seria só tecnologia e mercado de trabalho e não faz sentido.*

286. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Sim, o avanço e a pós modernidade, com tanta mudança de uma forma tão rápida tem que haver pesquisa para que a gente se insira nessas novas mudanças porque de repente você está dando uma aula que aquele contexto já está ultrapassado e se você não está pesquisando e se atualizando você vai ficar obsoleto. É muito importante que exista pesquisa sim.*

287. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Desde que eu me entendo de gente eu indago muito (risadas), mas o meu contato inicial foi quando eu era enfermeira, chefe de um setor de neurologia do hospital universitário e eu comecei a indagar a vida daquelas vítimas de traumatismo raquimedular, pacientes deficientes cadeirantes. E aquilo tudo me instigou a fazer mestrado e fui fazer o curso de auditoria e agora estou fazendo gestão em saúde sou doutoranda e estou fazendo gestão em saúde e para mim é um desafio, porque você está trabalhando fazendo especialização e doutorado e por que tem que gostar, tem que esta indagando e procurando respostas, porque a gente sempre busca a verdade.*

288. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: Nessa época, que era 1996, eu participei de um grupo que era multidisciplinar com profissionais que lidavam com paciente com traumatismo raquimedular e lá tinha um pesquisador principal que era Ricardo Lins que hoje é o coordenador do departamento de fisioterapia e eu era colaboradora da pesquisa dele. Foi muito enriquecedor, muito importante e de lá que surgiu o meu mestrado.*

289. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Atualmente eu participo de duas bases de pesquisa. Uma é de enfermagem em saúde mental e coletiva, coordenada pelo meu orientador professor Arnaldo que é o e a outra é a que é coordenada pela professora Jacileide, que é daqui da escola que é Saúde e Sociedade. Em uma, eu estou como pesquisadora e outra como aluna. É muito bom porque é lá nas reuniões que a gente ouve as outras pesquisas, sabe quais são as indagações e sabe como você está. É muito enriquecedor.*

290. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: Sim, atualmente eu tenho 03 pesquisas da PIBI/EM e tenho 03 bolsistas. Uma pesquisa é sobre o perfil da criança violentada na cidade de natal, outra sobre a representação social das vítimas raquimedular e a outra é o processo de cuidar dessas vítimas raquimedular em um hospital de urgência de natal. As 03 estão em andamento e estou esperando a aprovação do comitê de ética de 02, porque de outra já tenho, para dar início a coleta de dados, mas já estamos na fase de revisão de literatura.*

291. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: A principal motivação é a responsabilidade social e de você querer sempre colaborar com alguém porque o que existe de mais importante na vida são as pessoas e a gente faz pesquisas para as pessoas. Minha preocupação foi buscar respostas e meios de responder as minhas indagações e minhas inquietações para ajudar pessoas em situações que deixa a gente mexida. O que me motivou foi sempre buscar respostas para poder acrescentar de forma social é a responsabilidade social que esta por traz.*

292. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: E permanece a mesma motivação principal e a outra e crescer como profissional. À medida que você pesquisa você aprende e a questão do status também, porque um professor ele não pode parar ele sempre tem que está estudando e se atualizando.*

293. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Sim. Os alunos após a gente explicar como fazer uma pesquisa, eles se sentem até incapaz e eu sinto uma limitação neles, aí a gente pega no braço e ensina e termina fazendo com eles, mas a gente percebe um crescimento após porque a gente começa a acreditar que eles realmente não são capazes e no final a gente vê a resposta, eles crescerem e se desenvolverem. Até nos comentários quando você vai dar exemplo e tudo na sala de aula até o aluno também ganha por que ele começa a indaga e procurar respostas e procura na literatura faz revisão de literatura.*

294. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: A maior dificuldade é o tempo eu sinto que o pesquisador deveria ser dedicação exclusiva para a pesquisa. A maior dificuldade é você conciliar com as suas atividades docentes precisa de muito boa vontade, precisa de muita entrega e você quase não tem tempo pessoal, então isso desgasta muito o professor pesquisador. E outro entrave que eu considero é o entrave financeiro, porque a gente faz uma pesquisa, a gente tira do nosso bolso, além de ter que ter motivação tem que ter tempo e dinheiro por que pesquisa não é barato e a gente gasta muito.*

295. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Sim, principalmente o paradigma social de achar que o técnico, até nos professores achava, que eles não são capazes de serem pesquisadores. Eu acho que foi muito bom essa inserção e é importante no curso técnico, seja ele qual for. É muito importante a inserção da pesquisa no curso técnico sim.*

296. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Eu acredito que a pesquisa do curso técnico, por ser curso técnico, deve ser voltada para o curso técnico para que não seja uma coisa prática, por exemplo, uma pesquisa sobre feridas tem que ter uma resposta no curativo que o técnico vai realizar no paciente. É positivo sim desde que as pesquisas sejam voltadas para um contexto do técnico, seja de qualquer técnico, mas a*

*pesquisas deles serem voltadas para o cotidiano deles por que se for uma pesquisa filosófica não vai alcançar.*

297. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Eu gostei.*

298. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Sempre é bom falar de nós mesmos.*

299. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: Eu comecei na enfermagem em 1988 fiz o curso de auxiliar de enfermagem nessa escola, fiz graduação em enfermagem, percorri a pirâmide todinha. Fiz especialização, mestrado e agora estou cursando o doutorado. E a minha experiência com a docência é desde 1996 com alunos do curso técnico em enfermagem, houve muitas mudanças e eu também mudei e tento mudar, porque quem não muda acaba ficando para trás, é difícil quem vem da minha época (risadas), mas é muito bom a pesquisa ser inserida no técnico.*

300. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: -*

301. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

*R: Alguma coisa que podia ser abordado é sobre a evasão porque é um ponto crucial. Essa evasão é sobre os anseios atuais dos jovens. Os jovens de uma forma geral não sabem muito bem o que querem, até porque é natural da idade, mas no meu tempo a gente tinha um pé mais no chão e hoje eles são muito informatizados e eles querem crescer (entre aspas) “e querem graduação”. Então essa fuga para a graduação me preocupa.*

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 12**

1.1 Gênero: ( X ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 41 anos

1.3 Local de residência: ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 17 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 9 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 8 anos

1.7 Formação:

*Graduado em: Enfermagem*

*Especialista em: Obstetrícia e no PROFAE.*

*Mestre em: Enfermagem.*

*Doutor em: Sou doutoranda.*

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

302. Autoriza a gravação desta entrevista?

*R: Sim.*

303. Tem alguma pergunta a fazer?

*R: Por enquanto não.*

304. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

*R: O ensino técnico ele é um ensino prazeroso. Ensinar é muito bom. Ensinar é uma troca em sala de aula e isso é muito prazeroso. Eu costumo dizer que me sinto revigorada quando há essa troca com os alunos. Minha prática em sala de aula é uma prática que sinto prazer e gosto do que faço. Tem as dificuldades. É muito bom ensinar para aquele aluno que quer aquilo de fato. Agora, é muito desgastante e desmotivador quando se tem um aluno em sala de aula por estar. Isso me desmotiva bastante, mas minha prática eu me sinto realizada e Deus me abençoou bastante em ser professora, professora da escola e do ensino técnico.*

305. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

*R: Houve mudanças nas práticas pedagógicas mesmo. Antes era aquela coisa do ensino de transmissão e havia a questão da imposição, aquela coisa do destaque para o professor. Desde que eu entrei na escola em 2004 a gente nunca teve essa postura. Era uma postura mais de diálogo, mais aberta com o aluno. Mas eu vejo que isso vem mudando do ensino de transmissão para o ensino problematizador, aquele que o aluno pensa no problema, que ele constrói o seu conhecimento. Eu vejo que tem mudado muito a interação com as disciplinas, antes era uma coisa, mas estanque, hoje é uma coisa maior. Uma disciplina ela perpassa por dentro de outra disciplina.*

306. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

*R: Existe. Como eu falei a questão da transmissão e do diálogo. Desse contato mais perto do aluno. Mas isso tem um ponto negativo que eu vejo hoje é que não tem o respeito devido ao professor, não é que a gente queira destaque para o professor, mas cada um tem a sua importância, é o seu lugar naquela atividade. Por essa prática estar mais problematizadora e o aluno ele tem mais voz, alguns alunos acabam confundindo as coisas, alguns, outros não.*

307. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Eu acho que é ter uma reformulação na educação no geral, no Brasil todo. Eu tenho acompanhado o ensino dos meus filhos, por exemplo, e é completamente diferente da minha época. Está havendo uma reformulação como um todo, mas a gente sabe também que as coisas a gente não muda do dia para a noite, ela é processual. Ainda há muitas coisas antigas no meio das novas e essas coisas andam muito entrelaçadas, mas há mudança e eu acho que para melhor, para que o aluno realmente pense e construa o seu conhecimento não é mais aquela coisa dada pronta. Ele vai pensar, refletir e construir e ser realmente ativo no processo de construção dele.*

308. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

*R: Eu acho que o que provocou... A vida está dinâmica como um todo, está tendo transformações em todos os setores na realidade. É uma coisa que provocou essa mudança além dos pensadores e teóricos que foram refletindo e colocando suas ideias é a própria vida, ela está muito dinâmica em questão da informática e da globalização. Hoje, a informação chega muito mais rápido. A gente está dando uma aula hoje, de um determinado assunto, o aluno já está com o notebook pesquisando e interagindo com você. Embora eles pesquisem em sites que não são científicos. Mas enfim, é a dinâmica da informação mesmo, que não é mais o mesmo. Em um tempo atrás todo o conhecimento estava nas enciclopédias e hoje todos tem acessos muito rápido às informações. Olha, tudo na vida tem um lado positivo e outro negativo. O lado positivo é as pessoas mais dinâmicas e menos passivas que buscam esse conhecimento e que interagem com esse conhecimento, mas um lado negativo é que muitas vezes os alunos confundem os papéis. Acha que é porque é uma pedagogia mais solta, mais livre e eles não têm que estudar. Percebo também que os alunos estudam bem menos também. Eles têm falta de interesse com o próprio compromisso do conhecimento deles. Então, eu vejo que é um ponto negativo. Eu acho que a gente está ainda no caminho de encontrar o elo para que as coisas se equilibrem de fato.*

309. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: Uma das coisas que eu utilizo muito em sala de aula são os acordos, isso facilita, facilita em questão dos horários deles, a questão do próprio estudo. Uma coisa que eu gosto muito de chamar em sala de aula é a questão da responsabilidade dele. Como é um curso técnico em saúde e a gente vai lidar muito com vidas, eu gosto de lembrar muito isso. Eu digo muito que o meu já está pronto, então eles precisam buscar o conhecimento deles e lembrar que isso vai implicar em vidas. Eu acho que os acordos e chamar realmente o aluno para a questão da responsabilidade deles, do que eles estão adquirindo e da responsabilidade deles. Hoje eu estou vendo como dificultador o comportamento dos alunos, eles estão muito: “deixa a vida me levar”. Às vezes, eles querem as coisas prontas também, apesar da pedagogia fazer com que eles reflitam e buscam, mas eles querem as coisas prontas. Isso também está do próprio processo de transformação que não é fácil para eles também, por exemplo, eles tiveram todo o ensino fundamental e médio em*

*uma pedagogia tradicional e quando chega aqui na escola e toda uma pedagogia mais problematizadora. Enfim, eles também têm dificuldades. Eu acho que algo dificultador é essa dinâmica que está em transformação. Outra coisa é os próprios professores, tem colegas que não conseguiram acompanhar esse processo de transformação. Tem uns que tem uma postura mais fechada, outros são mais flexíveis, outros são muito flexíveis, até de mais, que chega a bagunçar as coisas. Enfim, uma prática que dificulta a vida da gente é que pelo menos a gente venha a ter uma coerência de pensamento e isso não é fácil. Também a carga horária da disciplina, a gente tem uma determinada carga horária e às vezes você percebe que aquele aluno precisa de mais carga horária. Você teria que ter mais tempo para sentar com aquele aluno individualmente e ter um processo mais de perto com esse aluno. Enfim você precisa resgatar esse aluno, mas você não tem esse tempo. Você tem uma carga horária daquela disciplina e quando termina você já tem que passar para outra disciplina e às vezes dá um nó na cabeça da gente, porque aquele aluno precisava de mais tempo, às vezes é aquele aluno esforçado e que quer aprender, mas tem lacunas para preencher e no próprio processo de aprender dele, que ele precisaria de um tempo maior e às vezes a gente não tem esse tempo maior.*

310. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: A pesquisa é o campo para desenvolver as atividades científicas. É tudo que a gente não tem certeza, que é os achismos, desenvolvendo uma pesquisa você tira aquele objeto do achismo e passa para o científico com certeza. A pesquisa ela é de suma importância para o desenvolvimento do país como um todo. As coisas só andam com pesquisa e estudo, com confirmações científicas, nos ajuda a confirmar aquele conhecimento e fundamentar aquele conhecimento.*

311. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Com certeza. Porque a pesquisa ela faz você refletir, ela contribui para você refletir sua prática. Quando você vai num congresso ou ler um artigo sobre a sua linha de trabalho, ela faz com que você reflita e mude até sua prática.*

312. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Meu contato inicial foi traumático por que na minha época da graduação a gente não tinha nenhum contato com a pesquisa. Tinha até a bolsa científica, mas realmente eu não tive nenhuma aproximação, não tinha TCC então. Nas especializações eu também não tive. Minha aproximação foi com o mestrado e no início não foi fácil, porque eu me achava burra (risadas), muito limitada e teve um dia que eu achei que não ia terminar. Então, não foi fácil. O programa em que eu fiz parte na época era muito fechado, muito radical e isso colabora para que os mestrandos tivessem medo. Foi um pouco traumático, mas graças a Deus eu tive uma orientadora que na época foi muito humana comigo e compreendeu minha limitação. Consegui concluir o mestrado com essas dificuldades.*

313. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R:*

314. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Participo de um grupo meu lá do doutorado e também tem o daqui da escola e tem o do hospital. Tenho 03 grupos de pesquisa, inclusive o do hospital eu sou a coordenadora.*

315. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: Tenho sim, o do próprio doutorado. Tenho 02 projetos hoje que estão ligados ao doutorado.*

316. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: Quando eu entrei no mestrado é porque eu queria ser professora. Minha motivação inicial foi essa.*

317. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: Eu entrei com a cabeça de ser professora e logo em seguida consegui. Hoje o que me segura na pesquisa é que eu quero terminar o doutorado (risadas) não vou ser hipócrita, mas também porque nós crescemos. É muito gostoso você estudar, ler e você abre sua cabeça para outras coisas, por exemplo, agora o meu doutorado é a questão da fenomenologia e eu passei um mês trancado estudando a fenomenologia. São desafios, mas nesses desafios você cresce hoje eu conheço um*

*pouco da fenologia. Então quem me trouxe esse desafio? Foi o doutorado. Sozinha eu não ia atrás da fenologia e o curso me fez buscar esse conhecimento novo. Eu vejo que a pesquisa é isso um conhecimento novo, um desafio é algo que você vai buscar para sua vida.*

318. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Tem. A questão da reflexão mesmo. Na realidade você se torna um ser humano melhor. Você reflete mais, pensa mais e sai das caixinhas. A gente passa a vida em caixinhas muitas vezes. A pesquisa faz muitas vezes você refletir, ver que as coisas não são daquele jeito tem outra perspectiva, tem outra face e aquilo pode ser visto de outra maneira. A pesquisa faz com que a gente cresça muito.*

319. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: Enquanto qualquer professor, tempo. Por que a gente tem uma carga horária de trabalho a cumprir, tem a questão familiar, a questão pessoal e não é fácil. A dificuldade central que eu encontro hoje é tempo.*

320. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Pode, claro que pode. A pesquisa ela traz um novo, ela traz um conhecimento novo. Como faz você refletir você muda paradigmas. Faz o ser humano no processo de reflexão mudar paradigmas, mudar concepções, mudar formas de ver. Eu meu lembro que a gente teve uma residente lá no hospital que era bem trabalhosa e eu tive um embate com uma das responsáveis por ela. E ela disse que tinha que reprovar a residente, porque tinha que reprová-la e eu fui argumentando com ela que conhecimento pode ser construído e lálálá... E ela na época não concordou muito comigo, mas ela acabou acatando nossa visão. Enfim, um ano depois essa colega minha entra para um curso de mestrado e ela começou a ler pesquisa sobre essa parte de educação mesmo e ela disse: “Simone, você tinha razão. Hoje eu sou totalmente diferente daquela época”. A pesquisa ela provoca isso, o conhecimento provoca isso. Quando você tem uma pesquisa que prova que  $A+B$ , que aquilo que você está falando é correto, então fundamentaliza sua prática. O caminho mesmo é a pesquisa, leitura e estudo para que tudo mude e mude com base.*

321. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: A associação da pesquisa com o ensino técnico é justamente para que esses alunos não tenham a formação da técnica pela técnica. Eu vejo que a pesquisa faz com que esse aluno muitos novos, ele vai abrir novos horizontes para esses meninos. Por exemplo, eu vou administrar uma medicação por administrar, eu vou administrar no ventre glúteo, porque a pesquisa me prova que é o melhor músculo. É como eu falei o tempo todo, a pesquisa faz com que esse aluno reflita, que esse aluno busque o conhecimento para que esse aluno não faça a técnica pela técnica, mas que ele veja o embasamento que está por trás disso. E outra coisa, desperta esse aluno para outros horizontes. A pesquisa faz isso, que você acorde. Eu posso fazer uma pesquisa sobre isso, fazer um mestrado sobre isso e eu posso crescer com isso. Enfim, há outros horizontes além da técnica pela técnica.*

322. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Gostei.*

323. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Gostei, porque a gente fala das nossas experiências e coloca para fora o que está em nosso interior e isso é muito gostoso. E faz até você pensar um pouco mais sobre o assunto.*

324. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: Foi bem completa a pesquisa. Não ficou nada pendente não.*

325. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: Não.*

326. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

327. *R: Não.*

Muito obrigada pela sua colaboração.

#### **I) IDENTIFICAÇÃO: K 13**

1.1 Gênero: ( X ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 45 anos

1.3 Local de residência: ( X ) Natal ( ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 9 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 7 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 2 anos

1.7 Formação:

Graduado em: Enfermagem

Especialista em: PROFAE e recursos humanos.

Mestre em: Enfermagem

Doutor em: Sou doutoranda.

#### **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

328. Autoriza a gravação desta entrevista?

R: Com certeza.

329. Tem alguma pergunta a fazer?

R: Não.

330. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

R: No final de 1989 terminei a graduação em enfermagem, no ano seguinte comecei a ministrar aulas em cursos técnicos em enfermagem desenvolvidos em escolas particulares, enquanto aguardava ser convocada para o concurso público da Secretaria de Estado de Saúde Pública do RN que havia sido aprovada. Acho que esse tempo foi em torno de 01 ano. Voltei a atuar como professora de ensino técnico somente, em 1998, quando no Hospital Tarcísio Maia em Mossoró desenvolveu-se um curso para a formação dos atendentes de enfermagem, que ainda existiam nessa instituição, para auxiliares de enfermagem, por período de 01 ano e meio. Em 2006 fui aprovada em concurso para professor efetivo da EEN, onde atuo até hoje.

331. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

R: Penso em mecanicismo, tecnicismo, na visão robotizada em que os técnicos eram formados e no professor como mero transmissor de conhecimentos.

332. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?

R: Totalmente. Até a forma que entrávamos na sala de aula era diferente, o professor exercia uma postura hierárquica em relação aos alunos. As cadeiras eram organizadas uma atrás das outras, não havia nenhum incentivo para a participação dos alunos. O aluno era visto como uma página em branco, o professor apenas transmitia ou despejava o conteúdo para ele. Achei interessante porque atuei nas duas fases e me comportei de forma diferente em ambas. Na primeira foi logo após a graduação, aonde chegava à sala de aula e dava uma aula totalmente expositiva e na segunda fase, a partir de 1998, mantive uma postura mais como mediadora do conhecimento, os alunos expunham suas experiências e tinham oportunidades de reconstruir seus conceitos e reformular suas práticas.

333. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

R: Com certeza. Totalmente.

334. Em caso positivo, quais as causas e implicações?

R: As principais causas foram a evolução tecnológica, o acesso aos meios de comunicação e a própria globalização, em que o indivíduo teve acesso a informações a todo o momento e através

*de diversas fontes. As implicações foi que o professor teve que modificar sua postura de detentor do conhecimento para mediador do conhecimento.*

335. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?

*R: O acesso a equipamento e tecnologias, como multimídia, além de acervo de livros adequados, laboratórios e os próprios cenários de práticas, como hospitais, ambulatorios, postos de saúde, clínicas ou mesmo na comunidade. É importante que seja desenvolvida metodologia ativa que estimule a participação do aluno. A falta desses espaços, equipamentos, materiais ou dessas metodologias dificulta a aprendizagem do aluno.*

336. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.

*R: A pesquisa científica faz com que reflitamos sobre a nossa própria prática. Falo isso porque trabalhei 10 anos como enfermeira assistencial, então quando fiz o mestrado, a coleta de dados que desenvolvi consistia em técnica de observação estrutura não participante, e pude constatar que trabalhávamos de forma mecânica e desumanizada. Então, a partir dessa vivência percebi que a pesquisa é tida como um instrumento para a prática reflexiva e ela é necessária para que tenhamos uma atitude reflexiva e crítica sobre nossa própria prática pedagógica.*

337. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?

*R: Com certeza. Concordo.*

338. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?

*R: Durante 10 anos trabalhei em um Hospital em Mossoró, após esse tempo transferi-me para Natal e vi a oportunidade de desenvolver pesquisas. Então inicialmente, entrei em um grupo de pesquisa no departamento de pós-graduação em enfermagem/UFRN e, comecei a desenvolver trabalhos para apresentações em eventos. Em seguida, comecei a fazer mestrado.*

339. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R: Sim*

340. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Sim. De dois, um na EEN e outro na pós-graduação em Enfermagem/UFRN.*

341. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: 01 projeto e 03 planos de pesquisa.*

342. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: A oportunidade de refletir sobre minha prática e de produzir instrumentos e procedimentos de comunicação*

343. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: Permanecem os mesmos motivos, e mais ainda a de que a pesquisa permite a elaboração e construção de nosso próprio conhecimento, a partir do conhecimento de outros pesquisadores.*

344. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Sim. Percebo que desenvolvo uma aula com mais participação dos alunos, com mais indagações e não mais mera transmissão de conhecimentos.*

345. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: A principal dificuldade é que a formação do aluno do ensino técnico está pautada no desenvolvimento de técnicas e os professores e alunos ainda não tem a visão de pesquisa nessa modalidade de ensino. Ainda há resistências no desenvolvimento dessas pesquisas, tanto pelo aluno quanto pelo professor. E também, existe pouco tempo para o professor orientar seu aluno pesquisador, pois sua carga horária está voltada somente para ministrar aulas.*

346. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Sim. Pois com o desenvolvimento da pesquisa há espaço para uma prática mais reflexiva e a formação de cidadãos.*

347. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Ainda de forma muito insipiente. Apesar da EEN ter iniciado pesquisas em ensino técnico há 2 anos por meio do PIBIC-EM ainda há muito o que fazer. Mas vejo como necessário a pesquisa no ensino técnico, pois esta contribui para a formação de cidadãos e desperta a vontade do aluno em ser pesquisador.*

348. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Gostei.*

349. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Gostei bastante na entrevista.*

350. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: Não.*

351. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: Não.*

352. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

*R: Não.*

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **I) IDENTIFICAÇÃO: K 14**

1.1 Gênero: ( X ) Feminino ( ) Masculino

1.2 Idade: 39 anos

1.3 Local de residência: ( ) Natal ( X ) Grande Natal ( ) Município no interior do Rio Grande do Norte

1.4 Tempo de trabalho como professor: 16 anos

1.5 Tempo de trabalho como professor nesta IES: 15 anos

1.6 Tempo de trabalho como professor em outras IES: 1 ano

1.7 Formação:

*Graduado em: Enfermagem*

*Especialista em: Enfermagem*

*Mestre em: Enfermagem*

*Doutor em: Doutoranda*

## **II) EXPLORANDO O OBJETO DE ESTUDO:**

353. Autoriza a gravação desta entrevista?

*R: Sim*

354. Tem alguma pergunta a fazer?

*R: Não*

355. Fale um pouco das suas experiências/ vivências na Prática Pedagógica do Ensino Técnico em Saúde.

*R: Inicialmente quando iniciei como professora a gente tinha muito resquícios da nossa formação, que era a questão da transmissão do conhecimento, aquele ensino acrítico do professor ser o detentor do saber. Com o tempo e com os cursos que a gente faz a gente vai melhorando nesses aspectos e até a própria mudança dos alunos. Eles passam a serem mais críticos e reflexivos, eles passam a questionar mais. Então, a gente já revê nossa prática nesse sentido, tanto no aprendizado, na experiência, como também os alunos nos desafiam todos os dias a mudar. Hoje, eu diria que a gente melhorou bastante, mas tem muito a avançar.*

356. No que pensa primeiro quando avalia o Ensino Técnico em Saúde ofertado há 10 anos e atualmente.

*R: Uma mudança drástica. Antigamente ele não tinha muito espaço. Não era muito valorizado. Eles consideravam um ensino de segunda e até terceira categoria. Normalmente para aquelas pessoas que não gostavam de estudar e não queriam fazer uma graduação. Hoje, a gente já vê que ele é bem mais valorizado, até porque ele tem um espaço maior no mercado de trabalho, logo isso fez com que o Ministério da Educação desse mais valorização. Hoje eu acho que a gente*

- ganhou muito mais espaço, muito mais campo, tanto é que hoje o número de escolas técnicas quadruplicou em relação há 10 anos atrás. Foi um salto de quantidade e qualidade muito grande.*
357. Existe diferença (s) entre as práticas pedagógicas dos professores naquela época e atualmente?  
*R: Gritante. Sem dúvida nenhuma. A gente analisa por nós mesmos, como a gente ensinava antes e hoje tem uma diferença muito grande, até pelo que eu já falei antes.*
358. É possível falarmos, então, em uma reformulação das práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?  
*R: Sim, com certeza. Eu acho que a gente tem muito a avançar, mas já mudamos bastante. Já temos outra visão, já temos outra prática. É certo que algumas escolas tradicionais não mudaram, carece ainda de um termo de qualidade. E até mesmo alguns professores que resistem um pouco às mudanças, mas eu acho que avançamos muito.*
359. Em caso positivo, quais as causas e implicações?  
*R: Eu acho que o que causou além das teorias que fazem a gente avançar e a gente rever nossas práticas, a partir do que a gente vê nas evidências científicas, que novas práticas são preciso. E é aquilo que eu já falei, o próprio aluno, ele nos desafia a mudar nossa prática. Se você tem hoje um aluno mais crítico, mais reflexivo que exige muito mais do professor. Esse professor melhora ou fica à margem das mudanças e dos avanços e também pela questão da mudança e da teoria do que se concebe hoje e do que se pratica em termos de atividades pedagógicas exige coisas novas, dinâmicas e a própria tecnologia que ela nos permite esse avanço. Dar aula hoje sem a presença da tecnologia é inconcebível, você está fora dos padrões.  
Eu acho que isso ajuda tanto no processo ensino-aprendizagem. Isso dinamiza, facilita o processo ensino-aprendizagem, consequentemente nas inovações tanto do conhecimento quanto da tecnologia.*
360. Que fatores e estratégias podem facilitar ou dificultar a sua prática?  
*R: O que pode facilitar é a possibilidade da gente está estudando mais. O fato de a gente ter mais disponibilidade, de ter direito de fazer cursos e participar de eventos. Então, tudo nos atualiza. As próprias condições de trabalho. Se você hoje tem recursos tecnológicos dentro da instituição que você trabalha logicamente que isso facilita bastante e os alunos também. Se a gente tem alunos interessados que lhe desafiam e aceitam essas propostas novas, então tudo isso facilita. O que dificulta em primeiro lugar é a burocracia que às vezes atrapalha um pouco. E, às vezes, o excesso de trabalho que a gente tem muitas vezes a gente tem que fazer ensino, pesquisa e extensão e ainda estudar, e ainda dar conta de algumas atividades administrativas. Isso dificulta bastante em todos os aspectos.*
361. Fale um pouco acerca da sua concepção sobre “pesquisa científica”.  
*R: A pesquisa científica hoje ela está imbrincada em todas as áreas. Não só na saúde. Então, a gente precisa para crescer e se desenvolver. Precisa da pesquisa científica porque tudo hoje é baseado em evidências científicas. Então, a pesquisa é fundamental. Não só no ensino técnico como nas graduações. Então, hoje a pesquisa tem que estar em todos os níveis de ensino. Eu acredito que até nas formações iniciais. Ensino básico e fundamental e no ensino médio. A gente vê que a pesquisa está tomando uma dimensão que não se volta mais pela sua necessidade e pela sua valorização. Até se a gente quiser crescer como nação a gente precisa desenvolver a pesquisa científica.*
362. Considera que a Pesquisa Científica pode ter influência nas práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde?  
*R: Com certeza. Foi uma das coisas que a gente conseguiu mudar a nossa prática foi através da pesquisa.*
363. Como foi o seu contato com a pesquisa científica?  
*R: Na época da faculdade meu envolvimento com a pesquisa foi mais no final da graduação. Hoje está presente desde o início, mas naquela época não tinha TCC. Então, a gente fez uma pesquisa por causa de uma disciplina que a gente pagou do que por exigência do curso. Então, foi muito incipiente mesmo na minha faculdade. Depois que a gente faz pós-graduação é que a gente se volta mais para a pesquisa valorizando, vendo a importância e aprendendo um pouco mais e ela*

*se materializou mais no mestrado. No mestrado foi quando a gente foi saber realmente, na prática mesmo.*

364. Participou de Grupos ou Bases de pesquisa?

*R:*

365. Atualmente é integrante de algum grupo ou base de pesquisa?

*R: Sim, participo da base aqui da escola e da base da pós-graduação.*

366. Tem projetos e/ou atividades de pesquisa em desenvolvimento?

*R: Sim. Tem o projeto do doutorado que eu ainda estou amadurecendo e tenho um projeto do PIBIC-EM.*

367. Quais foram as suas motivações iniciais para desenvolver a pesquisa científica?

*R: O envolvimento com o PIBIC foi antes do doutorado. E por causa da própria concepção da universidade de ensino, pesquisa e extensão e eu não queria ficar longe da pesquisa, porque eu já tinha terminado o mestrado. Esse projeto do PIBIC-EM me permitiu voltar para a pesquisa. Meu objetivo foi me manter, porque quando a gente se envolve muito na atividade de ensino a gente esquece um pouquinho da pesquisa até pela sobrecarga de trabalho. Então, esse projeto PIBIC me permitiu voltar.*

368. E atualmente, o que lhe motiva?

*R: Bom, atualmente, é o meu doutorado (risadas).*

369. Percebe efeitos e/ou implicações do desenvolvimento de pesquisas científicas na sua prática pedagógica?

*R: Todos os dias, tanto é que para preparar uma aula antes, a gente ia à busca dos livros e hoje os livros, pela questão da atualização ser muito rápida, a gente tem que buscar em pesquisa e artigos científicos essa informação que vai lhe permitir dar uma aula mais atualizada. Hoje não só os livros como os artigos científicos é que lhe embasam nesse sentido.*

370. Quais as dificuldades que enfrenta para o desenvolvimento de pesquisas científicas enquanto professor do ensino técnico em saúde?

*R: A falta de reconhecimento porque aqui na universidade o professor do ensino técnico ele não é reconhecido, embora seja exigido dele ensino, pesquisa e extensão, mas para fazer pesquisa precisou criar um projeto específico para o ensino técnico. Então, se eu quisesse fazer uma pesquisa pela Pró-reitoria de Pesquisa como professor do ensino técnico eu teria muitas barreiras porque eles não aceitam professores do ensino técnico para coordenar projetos, por exemplo. Então a gente vê que a instituição não reconhece o professor embora ele tenha esses professores do ensino básico, técnico e tecnológico, mas eles não reconhecem esses professores com competência para fazer pesquisa. Então, ele só reconhece professor do ensino superior. Então, acho isso uma incoerência e um absurdo.*

371. Sente que a pesquisa científica pode contribuir enquanto estratégia para superar os desafios do ensino técnico em saúde e os novos paradigmas para esta modalidade de ensino?

*R: Com certeza e já está mudando. Contribui e ele é a mola mestre disso. A inovação tecnológica e a inovação das práticas de saúde, hoje é tudo baseado em pesquisa. E o ensino não é diferente.*

372. Como avalia a associação entre a pesquisa científica e o ensino técnico em saúde?

*R: Hoje eles estão totalmente dependentes um do outro. Desenvolvimento do ensino técnico depende da pesquisa. Hoje a gente não tem nenhum desenvolvimento na área técnica e tecnológica que não seja baseado na área da pesquisa. Não é mais uma escolha, é uma necessidade você se envolver com a pesquisa.*

373. Em que medida esta entrevista lhe agradou?

*R: Eu achei fácil porque eu estou envolvida já (risadas). Então, eu falo como se eu tivesse falando do meu dia a dia e ficou muito fácil.*

374. Gostou de falar da sua experiência?

*R: Sim.*

375. Há alguma coisa que deseje acrescentar?

*R: Não.*

376. Tem alguma sugestão a fazer?

*R: Não.*

377. Algum aspecto pertinente que não tenha sido abordado?

*R: Não.*

Muito obrigada pela sua colaboração.

## **ANEXOS**

## ANEXO I – CARTA DE APRESENTAÇÃO

### CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, Anna Katyanne Arruda Silva e Souza, RG: [REDACTED] CPF [REDACTED] técnica em assuntos educacionais da Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Submeto o projeto intitulado **A Pesquisa Científica (Re) Significando as Práticas Pedagógicas no Ensino Técnico em Saúde.**

Declaro que o projeto de pesquisa apresentado contempla os princípios vigentes da Resolução do Conselho Nacional de Saúde(CNS/MS) 196/96 que trata da Pesquisa envolvendo os Seres Humanos.

Natal, 30 de janeiro de 2013.

  
Anna Katyanne Arruda Silva e Souza  
Mat. 1755956

ANNA KATYANNE ARRUDA SILVA E SOUZA  
Técnica em Assuntos Educacionais - UFRN  
Matrícula: 1755956

## ANEXO II – CARTA DE ANUÊNCIA

### CARTA DE ANUÊNCIA

Por ter sido informado verbalmente e por escrito sobre os objetivos e metodologia da pesquisa intitulada "A pesquisa científica (re) significando as práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde", coordenada por Anna Katyanne Arruda Silva e Souza, concordo em autorizar a realização da etapa referente à coleta de dados através da realização de entrevista semi-estruturada, com gravação de voz, nesta Instituição que represento.

Esta autorização está condicionada à aprovação prévia da pesquisa acima citada por um Comitê de Ética em Pesquisa e ao cumprimento das determinações éticas propostas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – CNS.

O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

Natal 28 de junho de 2013.



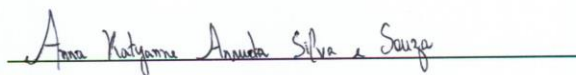
Edilene Rodrigues da Silva  
Diretora Geral da EEN  
Matrícula nº 2195205

### ANEXO III – DECLARAÇÃO COM ASSINATURA

#### DECLARAÇÃO

Eu, Anna Katyanne Arruda Silva e Souza, lotada na Escola de Enfermagem de Natal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, declaro que a coleta de dados da pesquisa intitulada "A pesquisa científica (re) significando as práticas pedagógicas no ensino técnico em saúde", sob minha coordenação, não foi iniciada.

Natal, 23 de fevereiro de 2013.



ANNA KATYANNE ARRUDA SILVA E SOUZA  
Técnica em Assuntos Educacionais – UFRN  
Matrícula: 1755956

## ANEXO VI – FOLHA DE ROSTO

|  <b>MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP</b><br><b>FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |  |                                              |                                                     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|----------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| 1. Projeto de Pesquisa:<br>A PESQUISA CIENTÍFICA (RE) SIGNIFICANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO TÉCNICO EM SAÚDE                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |  | 2. Número de Sujeitos de Pesquisa:<br>12     |                                                     |
| 3. Área Temática:<br><u>EDUCAÇÃO PROFISSIONAL</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |  |                                              |                                                     |
| 4. Área do Conhecimento:<br>Grande Área 7. Ciências Humanas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |  |                                              |                                                     |
| <b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |  |                                              |                                                     |
| 5. Nome:<br>Anna Katyanne Arruda Silva e Souza                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |  |                                              |                                                     |
| 6. CPF:                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |  | 7. Endereço (Rua, n.º):                      |                                                     |
| 8. Nacionalidade:<br>BRASILEIRA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |  | 9. Telefone:                                 | 10. Outro Telefone:                                 |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |  | 11. Email:                                   |                                                     |
| 12. Cargo:<br><u>TÉCNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |  |                                              |                                                     |
| <p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> <p style="text-align: right;">ANNA KATYANNE ARRUDA SILVA E SOUZA<br/>Técnica em Assuntos Educacionais – UFRN<br/>Matrícula: 1755956</p> <p>Data: <u>28</u> / <u>01</u> / <u>2013</u></p> <p style="text-align: right;"><u>Anna Katyanne Arruda Silva e Souza</u><br/>Assinatura</p> |  |                                              |                                                     |
| <b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |  |                                              |                                                     |
| 13. Nome:<br>Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |  | 14. CNPJ:<br><u>24.365.710/0001-83</u>       | 15. Unidade/Órgão:<br>Escola de Enfermagem de Natal |
| 16. Telefone:<br><u>(84) 3215 3774</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |  | 17. Outro Telefone:<br><u>(84) 3215 3551</u> |                                                     |
| <p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Responsável: <u>Edilene Rodrigues da Silva</u> CPF: <span style="background-color: black; color: black;">[REDACTED]</span></p> <p>Cargo/Função: <u>Diretora geral</u></p> <p>Data: <u>28</u> / <u>01</u> / <u>2013</u></p> <p style="text-align: right;"><u>Edilene Rodrigues da Silva</u><br/>Diretora Geral da EEN<br/>Matrícula nº 2195205<br/>Assinatura</p>                                                                                                                                                                              |  |                                              |                                                     |
| <b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |  |                                              |                                                     |
| Não se aplica.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |  |                                              |                                                     |

## ANEXO V – ACEITE DO PROJETO NO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

18/11/13

Plataforma Brasil



principal



central de suporte



sair

Anna Katyanne Arruda Silva e Souza - Pesquisador | V2.19

Cadastros

Sua sessão expira em: 37min 41

Você está em: Pesquisador > Gerir Pesquisa

### GERIR PESQUISA

Para cadastrar um novo projeto, clique aqui: [Nova Submissão](#) Para cadastrar projetos aprovados anteriores à Plataforma Brasil, clique aqui: [Projeto anterior](#)

#### Projetos de Pesquisa:

|                          |                      |                                                                   |  |
|--------------------------|----------------------|-------------------------------------------------------------------|--|
| Título da Pesquisa:      |                      | Número CAAE:                                                      |  |
| <input type="text"/>     |                      | <input type="text"/>                                              |  |
| Pesquisador Responsável: | Última Modificação:  | Tipo de Submissão:                                                |  |
| <input type="text"/>     | <input type="text"/> | Selecione <input style="display: none;" type="button" value="v"/> |  |
| Palavra-chave:           |                      |                                                                   |  |
| <input type="text"/>     |                      |                                                                   |  |

#### Situação da Pesquisa

- ☒ Marcar Todas
- ☒ Aprovado
- ☒ Em Avaliação Ética
- ☒ Em Edição
- ☒ Em Recepção e Validação Documental
- ☒ Não Aprovado
- ☒ Pendente
- ☒ Recurso Não Aprovado na CONEP
- ☒ Recurso Não Aprovado no CEP
- ☒ Recurso Submetido ao CEP
- ☒ Recurso Submetido à CONEP
- ☒ Retirado

Buscar Projeto de Pesquisa

Limpar

#### Projeto de Pesquisa:

| Tipo | Número CAAE          | Título da Pesquisa                                                                         | Pesquisador Responsável            | Versão | Última Modificação | Situação | Gestão da Pesquisa |
|------|----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|--------|--------------------|----------|--------------------|
| P    | 12401113.0.0000.5537 | A PESQUISA CIENTÍFICA (RE) SIGNIFICANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO TÉCNICO EM SAÚDE | Anna Katyanne Arruda Silva e Souza | 1      | 15/03/2013         | Aprovado |                    |

Este sistema foi desenvolvido para os navegadores Internet Explorer (versão 7 ou superior), ou Mozilla Firefox (versão 9 ou superior).